



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**O jornalismo global e a anarquia internacional na
editoria Internacional da agência Lusa**

Adriana Matias Vicente

Relatório de estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
mestre em Jornalismo

Orientadora: Professora Coordenadora Maria Inácia Rezola,

Escola Superior de Comunicação Social

Outubro, 2023

Declaração anti-plágio

Declaro ser a autora do presente relatório de estágio, que constitui um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Este trabalho nunca foi submetido, no seu todo ou parcialmente, a outra instituição de ensino para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação.

Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas e afirmo ter plena consciência de que o plágio levará à anulação deste trabalho.

Lisboa, outubro de 2023

A candidata,

Adriana Tâchias Licença

Agradecimentos

A toda a minha família, pelo amor incondicional.

À minha mãe, companheira e motivadora de todas as horas.

Ao meu irmão Miguel, à Mariana e à pequena Mia, pelo apoio e carinho constantes.

À Professora Maria Inácia Rezola, pela sabedoria, motivação e confiança que depositou em mim.

À Raquel, pela amizade e companheirismo no decorrer de todo este trabalho e dos dois anos de Mestrado.

A todos os jornalistas da agência Lusa, com um agradecimento especial ao João Pedro Fonseca, ao António Pereira Neves, ao Paulo Dias Figueiredo, ao Paulo Alves Nogueira, à Marta Moreira, à Ana Matos Neves e à Cristina Silva Rosa.

Resumo

Este relatório foi resultado de um estágio curricular com a duração de três meses, na agência Lusa, realizado entre 20 de fevereiro e 2 de junho no âmbito do Mestrado em Jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social.

O objetivo desta investigação foi analisar como se refletem os conceitos de jornalismo global e anarquia internacional na editoria Internacional da Lusa, observando a realidade da prática noticiosa da agência, analisando a produção jornalística da editoria e obtendo a perspectiva dos seus jornalistas.

As metodologias utilizadas foram a observação participante, no decorrer do estágio, a análise de conteúdo com recurso a variáveis quantitativas e qualitativas e, por fim, as entrevistas a três jornalistas da editoria Internacional.

Palavras-Chave: jornalismo global; anarquia internacional; agência Lusa; editoria Internacional; globalização.

Abstract

This internship report was the result of a curricular internship during the course of three months, at the Lusa news agency, between the 20th of February and the 2nd of June, as part of a Masters in Journalism at the School of Communication and Media Studies.

The goal of this investigation is to analyze how the concepts of global journalism and international anarchy are reflected in the International section of Lusa, while observing the reality of the news making practice, analyzing the journalistic product of the section and obtaining insights from its journalists.

The methodologies used were participant observation, during the internship, content analysis with quantitative and qualitative variables and interviews to three journalists of the International section.

Key words: global journalism; international anarchy; Lusa news agency; International section; globalization.

Índice

Declaração anti-plágio	I
Agradecimentos.....	II
Resumo	III
Abstract.....	IV
Lista de siglas	VIII
Introdução	10
O jornalismo global.....	12
O fenómeno da globalização.....	12
A emergência do jornalismo global	13
Desafios do jornalismo global.....	15
Da anarquia à ordem internacional.....	18
O conceito de anarquia internacional.....	18
A perspetiva realista.....	19
A perspetiva liberal	21
As perspetivas construtivista e da Escola Inglesa	22
O conceito de ordem internacional	24
A governação global e os regimes internacionais.....	25
Opções metodológicas	27
Introdução.....	27
Observação participante	27
Análise de conteúdo	29
Entrevistas.....	32
O estágio na agência Lusa.....	34
A agência Lusa.....	34

A semana de formação	35
A editoria internacional	37
Quotidiano e trabalho desenvolvido	38
Destaques.....	40
A anarquia internacional e o jornalismo global na Lusa.....	42
Os resultados da investigação.....	42
<i>As variáveis de tipo quantitativo</i>	42
<i>As variáveis de tipo qualitativo</i>	46
<i>O jornalismo global na editoria Internacional da agência Lusa</i>	53
<i>A anarquia internacional na editoria Internacional da agência Lusa</i>	61
Exemplos da aplicação das categorias de análise.	64
O jornalismo global no quotidiano da Lusa	65
Considerações finais	68
Referências bibliográficas	71
Anexos.....	74
Anexo 1: Entrevista à jornalista Cristina Silva Rosa (22/06/2023).....	75
Anexo 2: Entrevista à jornalista Marta Moreira (5/07/2023)	77
Anexo 3: Entrevista à jornalista Ana Matos Neves (22/09/2023).....	81
Anexo 4: Título e data das peças que compõem o <i>corpus</i> de análise	84
Anexo 5: Título e data das peças que assinei ao longo do estágio	102
Anexo 6: peça #106.....	108
Anexo 7: peça #193.....	109
Anexo 8: peça #247	113

Índice de figuras

Figura 1: datas das peças analisadas	42
Figura 2: os tipos das peças analisadas	43
Figura 3: palavras-chave das peças.....	45
Figura 4: categorização do autor	46
Figura 5: temas das peças analisadas	46
Figura 6: países referidos nas peças analisadas	48
Figura 7: organizações internacionais referidas nas peças analisadas	49
Figura 8: primeira subvariável referente à anarquia internacional	50
Figura 9: as categorias que caracterizam a referência à anarquia internacional	50
Figura 10: os resultados da variável “tipo de peça”	54
Figura 11: os resultados da variável “a peça contém destaque?”	55
Figura 12: os resultados da variável “destaque”	55
Figura 13: os resultados da variável “categorização do autor”	56
Figura 14 - os resultados da variável “tema”	57
Figura 15: os resultados da variável “países mencionados”	58
Figura 16: os países mais mencionados	59
Figura 17: os resultados da variável “referência a organizações internacionais”	59
Figura 18: as organizações internacionais mais referidas	60
Figura 19: os resultados da variável “referência à anarquia internacional”	61
Figura 20: a frequência das categorias que caracterizam a referência à anarquia internacional.....	62

Lista de siglas

AFP	Agence France-Press
AIEA	Agência Internacional de Energia Atómica
ANOP	Agência Noticiosa Portuguesa
ASEAN	Associação de Nações do Sudeste Asiático
BBC	British Broadcasting Corporation
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CNN	Cable News Network
FMI	Fundo Monetário Internacional
G7	Grupo dos Sete
G20	Grupo dos Vinte
HRW	Human Rights Watch
NATO	Organização do Tratado do Atlântico Norte
NP	Notícias de Portugal
OIM Migrações	Organização Internacional para as Migrações
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMC	Organização Mundial do Comércio
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCE Cooperação na Europa	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
SCO	Organização para a Cooperação de Xangai

TPI	Tribunal Penal Internacional
UA	União Africana
UE	União Europeia

Introdução

A globalização está a alterar profundamente o contexto doméstico e internacional do jornalismo. Se outrora era possível distinguir os domínios nacional do transnacional, atualmente as fronteiras entre os mesmos estão mais difusas do que nunca, e o ambiente que origina a agenda mediática enfrenta uma complexidade crescente.

A complexificação da cena mundial, potenciada pela globalização, é reforçada pela persistência da anarquia internacional, que permanece um pano de fundo irrefutável das relações entre os vários atores que compõem o palco transnacional e que são alvo do escrutínio e acompanhamento dos jornalistas.

A presente investigação é resultado de três meses de estágio na editoria Internacional da agência Lusa. Foram utilizadas três opções metodológicas distintas: a observação participante, a análise de conteúdo e as entrevistas. A questão que orienta o presente trabalho é a seguinte: como é que se refletem o jornalismo global e a anarquia internacional na editoria Internacional da agência Lusa?

Os primeiros dois capítulos deste trabalho correspondem à revisão de literatura. No primeiro capítulo, são alvo de análise os conceitos de globalização e jornalismo global, com destaque para as causas da emergência do mesmo e os desafios que se colocam à sua prática. O segundo capítulo debruça-se sobre o conceito de anarquia internacional, considerando algumas das principais lentes teóricas das Relações Internacionais e os contrastes entre as mesmas, concluindo com uma análise dos conceitos de ordem internacional e regime internacional e como se relacionam com a anarquia.

O terceiro capítulo desenvolve as opções metodológicas assumidas no âmbito do presente trabalho, justificando cada uma das escolhas e explicando como cada opção foi desenhada e adaptada às necessidades desta investigação.

O quarto capítulo trata a experiência de estágio, com destaque para a instituição de acolhimento e o seu funcionamento, a semana de formação, a rotina desenvolvida ao longo da experiência, as dinâmicas da editoria Internacional e alguns destaques.

O quinto capítulo analisa os resultados da investigação, com recurso aos gráficos proporcionados pela análise de conteúdo, às principais conclusões das entrevistas realizadas e aos elementos retirados da observação participante que permitem responder à questão inicial da investigação.

Por último, o capítulo final do relatório condensa as principais considerações resultantes da investigação.

O jornalismo global

O fenómeno da globalização

Para a compreensão do conceito de jornalismo global, é indispensável olhar para as transformações que levam à sua necessidade e emergência. O processo da globalização está na base dessas transformações e do estado atual dos sistemas políticos, económicos e sociais a nível mundial.

A globalização deve o seu alcance às inovações no campo das telecomunicações da década de 1960 que potenciaram uma nova explosão na comunicação internacional (Chalaby, 2005). Esta revolução tecnológica despoletou uma "aproximação" entre indivíduos, poderes políticos e sistemas económicos, perdendo o estado-nação o seu lugar central e dando-se a abertura de "espaços para ação e discurso" (Reese, 2010, p. 351) que saem da esfera estritamente nacional. O Estado em rede, conceito desenvolvido por Manuel Castells, emerge e assume uma dimensão transnacional, integrando os vários estados-nação e potenciando o nascimento de uma sociedade civil de alcance global (Castells, 2008). Assim, se o estado-nação detinha outrora o controlo exclusivo das dimensões económica e política que o afetam, assistimos atualmente a um contexto onde existem novas variáveis, novos atores, novas dinâmicas com complexidades e interdependências inéditas que saem do domínio estatal. Não há um consenso universal relativamente ao significado deste conceito de globalização, mas pode considerar-se que designa "a crescente amplitude, profundidade e celeridade das interações mundiais em todos os aspetos da vida social contemporânea, desde o âmbito cultural ao criminal, do financeiro ao espiritual ou, ainda, o aumento contínuo das interações económicas, sociais e culturais transnacionais que ultrapassam as fronteiras dos Estados do mundo, com a ajuda dos avanços tecnológicos" (Mendes & Coutinho, 2014, p. 228). Verifica-se, assim, uma intensificação e aceleração das trocas mundiais, a nível social, económico-financeiro, tecnológico e político.

Para este processo da globalização é indispensável a existência de redes de comunicação que constituem a esfera pública global (Castells, 2008). Estas redes de comunicação, onde o jornalismo se integra, são plataformas de debate público e potenciam as relações entre Estados, instituições intergovernamentais e os cidadãos,

nesta nova era onde "mecanismos institucionais e procedimentos de representação política" deixam de ser os únicos modos de relação entre estes atores (Castells, 2008). A emergência destas novas redes globais de comunicação associa-se à "ordem mediática transnacional" (Chalaby, 2005, p. 32) que obstaculiza o cariz estritamente nacional dos vários *media*.

Considerando este contexto atual da globalização, o jornalismo, enquanto prática social, não está isento das transformações que decorrem dessa realidade (Reese, 2010). A crescente complexidade entre a experiência vivida - o quotidiano individual, a nível local - e a estrutura - o sistema económico global - (Berglez, 2007) é reflexo da emergência de fenómenos e ameaças transnacionais que exigem uma transformação na forma de analisar as notícias (Berglez, 2008). Para além disso, a atual interdependência entre sistemas políticos e económicos e o carácter transnacional do sistema internacional dificultam, de um modo inédito, a distinção entre notícias domésticas e notícias internacionais (Berglez, 2008). A tecnologia é destacada neste âmbito como um dos fatores que mais contribuiu para as transformações no jornalismo, estando também ela profundamente associada ao processo da globalização (Reese, 2010). A formação de novas comunidades que trespassam os limites tradicionais do estado-nação e que atingem um cariz global influencia as transformações no jornalismo, que está em processo de mudança para servir essas comunidades emergentes (Reese, 2010).

O jornalismo tem o poder de contribuir para esta perceção do mundo globalizado como um único espaço (Reese, 2010), emergindo o jornalismo global como modo de produção noticiosa que integra esta crescente complexidade e interdependência no quotidiano (Berglez, 2008).

A emergência do jornalismo global

O jornalismo global surge como reflexo natural das transformações que a globalização impõe. O crescente transnacionalismo afeta inevitavelmente os sistemas mediáticos e o conteúdo transmitido pelos mesmos. Este conteúdo está hoje mais desterritorializado do que nunca, ultrapassando os limites tradicionais das fronteiras nacionais (Berglez, 2008) e atingindo dimensões globais e um alcance mais difuso, sem

uma delimitação territorial específica. Afinal, confinar uma temática como as alterações climáticas a um país específico é hoje uma tarefa impossível, dada a interdependência entre economias e a diversidade de atores que têm um papel na questão.

Esta nova complexidade dos temas da agenda mediática, com a emergência de novos problemas de cariz transnacional, realça a importância do jornalismo para que qualquer cidadão se possa considerar informado (Boyer & Hannerz, 2006). A emergência da arena global de notícias deve-se, essencialmente, a dois fatores. Por um lado, a globalização de grandes corporações mediáticas, que atingem um nível transnacional de operação, e, por outro lado, a generalização da tecnologia enquanto instrumento de partilha e de tomada de decisão entre as várias organizações mediáticas (Reese, 2008).

O novo contexto onde o jornalismo se insere implica algumas adaptações à forma tradicional de produzir notícias, impondo-se um modo mais transnacional de reportar os eventos noticiosos, para melhor transmitir as interligações entre as pessoas e as suas ações (Berglez, 2007). Dada a globalização da esfera pública referida anteriormente, os jornalistas dirigem-se, cada vez mais, para uma "audiência internacional difusa" (Reese, 2008, p. 246), pelo que se torna urgente adaptar a lente utilizada para noticiar os eventos da atualidade. É aqui que surge o conceito de jornalismo global, considerado por Peter Berglez uma "consequência natural da crescente interconetividade, caráter sem fronteiras e mobilidade do mundo" (Berglez, 2008, p. 855). Esta nova forma de produção jornalística tem como principal foco garantir a devida transmissão da relação entre o nível individual e o nível global, destacando como qualquer questão particular se poderá relacionar com estruturas complexas de cariz transnacional (Berglez, 2007). Assim, cabe ao jornalista neste ambiente de globalização esclarecer a interconetividade da realidade social e explicar os eventos noticiados com base não só em fatores domésticos, mas também considerando fatores globais relevantes para a questão. Não é isto o mesmo que dizer que a dimensão nacional perdeu toda a sua importância, mas apenas que, no contexto atual, o estado-nação deixou de ser o "princípio organizador" dominante (Reese, 2008, p. 244).

Convém esclarecer a distinção entre este tipo de jornalismo e a grande maioria do jornalismo produzido atualmente. Efetivamente, o jornalismo global é visto como necessário, mas, como veremos de seguida, ainda é marginalizado e pouco praticado.

Assistimos, através de meios como a CNN Mundo ou BBC Mundo, a um jornalismo que garante a presença de correspondentes em vários pontos do mundo, mas que ainda transmite as notícias de forma desconetada (Berglez, 2007). O que caracteriza o jornalismo global não é necessariamente a existência de várias estações em diversos países ou mesmo a presença de inúmeros correspondentes. Trata-se de ultrapassar o jornalismo internacional - a transmissão de notícias sobre vários países do mundo - para atingir uma dimensão verdadeiramente global, capaz de interligar estruturas e processos que ocorrem atualmente de um modo mais difuso e desterritorializado. Não se tratará, por exemplo, de reportar o aumento dos preços em diferentes países de forma isolada mas sim de olhar para esse problema considerando as várias questões globais que estão na sua raiz - o conflito entre a Rússia e a Ucrânia, o papel destes países na exportação de produtos tão cruciais como gás natural e cereais, a importância das cadeias globais de valor na atualidade e como estão a sofrer disrupções, as dificuldades das instituições internacionais na gestão da guerra e das suas consequências, etc.

Em suma, para o desenvolvimento do jornalismo global, necessário dado o contexto atual da globalização, é urgente a adoção de uma lente mais horizontal, indo além da perspectiva nacional e considerando valores universais e mais cosmopolitas (Reese, 2008).

Desafios do jornalismo global

A emergência do jornalismo global tem enfrentado, na prática, alguns desafios. Em primeiro lugar, a existência de um paradoxo: apesar de as questões transnacionais serem mais urgentes do que nunca, o interesse por notícias internacionais é decrescente (Biltereyst, 2001), tal como o investimento nesse tipo de jornalismo (Agnez, 2015). Se existe atualmente uma sofisticação tecnológica inédita nos meios de comunicação, existe também uma cobertura de eventos internacionais em decréscimo (Biltereyst, 2001), o que contrasta com a importância atual da "noção de cosmopolitismo e de interesse pelo 'outro'" (Agnez, 2015, p. 314).

Alguns fatores poderão ajudar a compreender esta tendência, mesmo considerando o paradoxo subjacente. A questão financeira tem uma importância

irrefutável. O jornalismo internacional é um tipo de jornalismo mais dispendioso e o público interessado é mais restrito (Agnez, 2015). As *hard news*, associadas a temas como política, economia, ambiente, etc. são, maioritariamente, o principal foco do jornalismo internacional e tendem a ser vistas pelas audiências como autoritárias e distantes (Biltereyst, 2001). Dado o ambiente competitivo que hoje caracteriza o jornalismo, marcado pelas pressões comerciais e financeiras causadas pela crise do modelo económico da profissão, pela emergência de novos competidores e pela introdução da tecnologia na produção jornalística (Agnez, 2015), os *ratings* e as percepções do público ganham uma influência acrescida (Biltereyst, 2001). Estes fatores financeiros levam assim a uma redução do número de correspondentes e a uma tendência para a homogeneização dos conteúdos noticiosos (Agnez, 2015), com a forte dependência de serviços globais de notícias (Biltereyst, 2001) e a influência de marcas universais como a CNN (Reese, 2008). Constata-se, na atualidade, grandes semelhanças na cobertura noticiosa internacional dos meios de comunicação, com a influência da lógica comercial e o domínio de um grupo limitado de grandes empresas a potenciar a adaptação local e regional de um produto homogeneizado (Reese, 2008).

Para além desta questão financeira que obstaculiza o desenvolvimento do jornalismo global, permanece uma tendência para olhar a realidade social com a lente nacional (Berglez, 2007), isolando as questões nacionais das estruturas e processos globais subjacentes. Poder-se-á falar mesmo de uma repressão do transnacionalismo nos *media*, com a "marginalização de identidades políticas desterritorializadas" (Berglez & Olausson, 2007, p. 47). Novamente, é de realçar as diferenças entre o jornalismo global, ainda pouco praticado, e o jornalismo internacional baseado nas vastas redes de correspondentes e na capacidade de reportar notícias de qualquer parte do mundo. Este segundo tipo, associado à abordagem de meios como a CNN, não é o mesmo que adotar e reportar uma visão do mundo enquanto um único espaço (Berglez, 2008). Afinal, como afirma Peter Berglez, ao mundo globalizado que constitui atualmente um único espaço, não corresponde ainda, do ponto de vista da prática jornalística, um mundo mais globalizado e unificado (Berglez, 2007). Esta persistência da lente nacional acaba por ter consequências ao nível das representações de poder, perpetuando-se a ideia de que o poder é praticado exclusivamente através das relações entre Estados, o que favorece os

interesses dos países mais influentes (Berglez & Olausson, 2007). Por fim, destaca-se como permanecem as falhas tradicionais associadas ao jornalismo internacional, como o sensacionalismo, a insuficiente representação de regiões chave e a falta de contexto (Reese, 2008).

Em suma, o jornalismo global ainda não é uma prática jornalística da atualidade. Podendo até falar-se de um reforço de barreiras linguísticas e digitais, o jornalismo tem falhado na concretização de plataformas transnacionais e verdadeiramente globais (Reese, 2010).

Da anarquia à ordem internacional

O conceito de anarquia internacional

A anarquia internacional é vista de forma diferente pelas várias teorias das Relações Internacionais. No entanto, nenhuma dessas teorias nega a importância do conceito na explicação do sistema internacional (Mendes & Coutinho, 2014). Apesar das contrastantes formas de analisar o conceito e para a sua presença na realidade internacional, a definição da anarquia internacional é bastante consensual: corresponde à ausência, no plano internacional, de um governo que detenha o monopólio do uso legítimo da força (Waltz, 1979). Ao contrário do que ocorre no plano político nacional, onde o Estado organiza agentes públicos que combatem o uso privado da força por parte dos cidadãos (Waltz, 1979), não existe a nível mundial um Estado ou entidade que previna eficazmente o uso da força por parte dos diferentes atores. Esta ausência de governo mundial significa que, na política internacional, a cooperação é mais difícil uma vez que a inexistência de uma autoridade com o poder de impor regras à semelhança do que acontece nos estados-nação leva a dificuldades por parte das instituições internacionais no que toca a coordenar o comportamento dos Estados (Axelrod, 1985).

Esta caracterização da anarquia internacional não significa, todavia, que a realidade mundial é necessariamente caracterizada por um estado constante de guerra (Axelrod, 1985) ou pela ausência total de regras (Mendes & Coutinho, 2014). A anarquia internacional, apesar de tradicionalmente associada ao conceito de guerra, não implica a desordem total no cenário internacional. Como veremos, assistimos atualmente a uma governação global fortemente desenvolvida e baseada em instituições internacionais que, apesar de diferentes de um governo mundial, dotam a política internacional de alguma previsibilidade e ordem no meio da desordem subjacente ao sistema. Assim, a anarquia internacional significa que, em última instância, os Estados dependem apenas das suas capacidades e do seu poder, pela ausência de um governo com poderes impositivos (Mendes & Coutinho, 2014). Por último, é de frisar a importância deste conceito enquanto "uma das últimas grandes ideias criadas na história do conhecimento" (Duarte & Campos, 2013, p. 64).

A perspectiva realista

A teoria realista é a que mais valor atribui ao conceito de anarquia internacional no que diz respeito à sua capacidade de explicar o comportamento dos Estados e o funcionamento do sistema internacional.

Kenneth Waltz foi um autor fundador desta teoria, e é Waltz quem lança a caracterização do sistema internacional enquanto um sistema de autoajuda. Uma vez que não existe a nível internacional um governo com o monopólio do uso legítimo da força, o sistema internacional é um sistema de autoajuda na medida em que, porque todos os Estados podem usar a força para sua defesa, todos os Estados devem estar preparados para o fazer, dependendo assim das suas próprias capacidades para sobreviverem no sistema internacional anárquico (Waltz, 1979). Neste sistema de autoajuda, os Estados que não se defenderem a si próprios, ou os que o façam de forma pouco eficaz, não irão prosperar e correm o risco de enfrentar perigos acrescidos (Waltz, 1979). Para Waltz, a anarquia internacional e a consequente caracterização de autoajuda do sistema internacional significam que os Estados dedicam grande parte do seu tempo a assegurar a sua defesa contra os outros e essa preocupação com a sobrevivência afeta inevitavelmente o seu comportamento (Waltz, 1979). Não quer isto dizer que, para este autor, os Estados sejam inerentemente egoístas ou agressivos, mas sim que procuram constantemente a sua preservação, uma vez que não existe um governo que assegure essa defesa (Brown & Ainley, 2009).

A lente realista da anarquia internacional é também caracterizada por cinco premissas fundamentais desta teoria. Em primeiro lugar, os Estados são os principais atores do sistema internacional (Grieco, 1988), tendo as instituições internacionais um papel insignificante, para os realistas, no que toca a influenciar a realidade mundial. Como já vimos anteriormente, os realistas consideram que o ambiente internacional penaliza os Estados que falham na prossecução dos seus objetivos individuais, pela anarquia e constante possibilidade de violência que caracteriza o sistema (Grieco, 1988). Em terceiro lugar, a anarquia internacional assume o papel principal enquanto variável que mais afeta o comportamento dos Estados (Grieco, 1988). O foco em questões de poder e segurança que caracteriza os Estados significa que há uma predisposição

inevitável para conflitos e que há falhas frequentes na cooperação mesmo quando há interesses comuns entre os Estados (Grieco, 1988). Por último, as instituições internacionais não têm uma capacidade eficaz de minimizar este ambiente competitivo, afetando as possibilidades de cooperação de uma forma meramente marginal (Grieco, 1988).

Esta caracterização da realidade internacional significa que, para os realistas, os Estados, em qualquer relação, focam-se não apenas nos ganhos que poderão obter, mas também em garantir que os outros Estados não conseguem avançar de forma significativa nas suas capacidades relativas (Grieco, 1988). A cooperação interestatal fica, assim, extremamente difícil. Para os realistas, este cariz hostil do sistema internacional obstaculiza a propensão dos Estados a cooperar mesmo quando há interesses comuns, e as instituições internacionais são incapazes de mitigar estas consequências da anarquia (Grieco, 1988). Entra também aqui o conceito de dissuasão geral. Uma vez que os Estados estão exclusivamente focados na sua sobrevivência e poder, há uma tendência para a construção de defesas com o objetivo de atingir um ponto tal em que nenhum Estado racional quererá levar a cabo uma invasão, pelos perigos que enfrentaria, surgindo assim a dissuasão geral (Mintz & DeRouen, 2010).

A invasão russa da Ucrânia, lançada em fevereiro de 2022, e o consequente conflito armado que perdura até hoje vieram enfatizar a relevância das premissas realistas (Walt, 2022), lembrando os Estados, com destaque para os do Ocidente, da importância das questões securitárias e da persistência do dilema de segurança tão característico da lente realista. Influenciado pelo jogo de soma nula que os autores realistas desenvolveram, onde o ganho de um Estado a nível internacional terá sempre de implicar uma perda por parte de outro Estado, o dilema de segurança ocorre quando um Estado A procura reforçar a sua segurança a nível mundial o que despoleta, num Estado B, uma sensação de insegurança acrescida (Waltz, 1988). Assim, o Estado B reagirá à iniciativa do Estado A, recorrendo muitas vezes a exercícios militares ou a reforço de armamento, e a preocupação original do Estado A com a sua segurança confirma-se (Waltz, 1988), gerando-se uma situação que nenhum dos Estados desejava: o aumento do risco de conflito. O mesmo aplica-se às alianças militares, cujas ações defensivas podem despoletar uma retaliação por parte de alianças inimigas (Waltz,

1988). Os países da Europa da Leste que se pretendem juntar à NATO para reforçar a sua segurança militar reforçam as preocupações da Rússia que, por sua vez, age em retaliação (Walt, 2022). A guerra na Ucrânia realça assim a forma como os Estados, muitas vezes, atuam de formas terríveis quando acreditam que os seus interesses centrais, como a segurança e a sobrevivência, estão em risco (Walt, 2022).

Em suma, para os realistas, a anarquia internacional é o fator que mais influencia o conflito entre os Estados (Viotti & Kauppi, 2012), dificultando a cooperação e potenciando a desconfiança.

A perspetiva liberal

A visão liberal do conceito de anarquia internacional contrasta fortemente com a visão realista. Ao contrário do realismo, o liberalismo foca-se nas condições em que a cooperação internacional é possível (Viotti & Kauppi, 2012), mesmo reconhecendo o plano de fundo anárquico do sistema internacional (Gaspar, 2016).

Contrastando com o realismo, os liberais consideram que os Estados não são os únicos atores que têm influência no sistema internacional e negam que estes sejam atores unitários uma vez que não detêm controlo total sobre domínios como a política externa (Grieco, 1988). Para além disso, consideram que os Estados estão cada vez menos preocupados com questões relacionadas com o poder ou segurança, tendo cada vez mais a tendência para ver os outros Estados como potenciais parceiros (Grieco, 1988). Assim, a primazia dos Estados e o seu foco em questões militares e securitárias são pilares da teoria realista rejeitados pela visão liberal, que considera que a agenda da política internacional tem uma maior diversidade de questões (Viotti & Kauppi, 2012). O sistema internacional é, para os liberais, afetado não apenas pela anarquia internacional e pela hierarquia de poder entre os Estados, mas também por fatores como as características individuais de cada Estado, numa visão *inside out* que substitui a tradicional visão *top down* do realismo (Viotti & Kauppi, 2012). Não quer isto dizer que o liberalismo deixe de reconhecer a validade da anarquia internacional, mas defende que os seus efeitos são exagerados pelos realistas, podendo ser minimizados pela cooperação entre os Estados e outros atores do sistema internacional, como

organizações internacionais e organizações não-governamentais (Viotti & Kauppi, 2012). A interdependência que decorre da cooperação entre os Estados e restantes atores no sistema internacional acaba por ter um efeito moderador no comportamento dos Estados (Viotti & Kauppi, 2012) uma vez que as normas geradas pela regularidade das interações e os benefícios introduzidos pela cooperação - visíveis, principalmente, no caso da cooperação económica - levam a que seja desejável para os Estados a manutenção de relações amigáveis. No que toca aos benefícios da cooperação, se o realismo considerava que seria impossível dois Estados ficarem a ganhar num cenário cooperativo - uma vez que os ganhos de um significariam um acréscimo de poder para esse Estado e, conseqüentemente, um aumento do perigo para o outro Estado - os liberais defendem que é possível todos os Estados ficarem a ganhar com a cooperação através do foco nos ganhos absolutos ao invés dos ganhos relativos (Viotti & Kauppi, 2012).

Em suma, o liberalismo tem uma visão mais otimista da realidade mundial e da anarquia internacional, considerando que os seus efeitos podem ser minimizados pela cooperação entre os Estados e pela influência de atores como organizações internacionais e organizações não governamentais.

As perspetivas construtivista e da Escola Inglesa

A visão construtivista encara a anarquia internacional como uma das etapas da realidade internacional, sendo a última a criação de um Estado mundial (Gaspar, 2016). A anarquia surge assim, para os construtivistas, não como uma característica imutável da realidade internacional, mas como um processo de mudança permanente (Gaspar, 2016). No que toca à influência da anarquia no funcionamento do sistema internacional, os construtivistas consideram que esta é insuficiente para explicar o comportamento dos Estados, colocando um grande peso nos significados intersubjetivos e expectativas dos mesmos (Wendt, 1992). Afinal, como afirma Alexander Wendt, os Estados agem de forma diferente consoante a perceção que têm uns dos outros, uma vez que os inimigos são considerados ameaçadores e os aliados não (Wendt, 1992). A autoajuda decorrente do cariz anárquico do sistema surge então como uma das várias estruturas de

identidades e interesses que podem existir (Wendt, 1992), tendo aqui as percepções e significados intersubjetivos um papel fundamental para explicar o comportamento dos Estados.

No que diz respeito à Escola Inglesa, é central a noção de sociedade de Estados (Brown & Ainley, 2009). Para os académicos desta Escola, os Estados, na sua interação, ultrapassam o típico sistema internacional do realismo e formam uma sociedade, pela regularidade das interações que acaba por levar ao surgimento de normas (Brown & Ainley, 2009). Estas normas dotam a realidade internacional de alguma previsibilidade e geram responsabilidades mútuas para os Estados e para a sociedade internacional no seu conjunto (Brown & Ainley, 2009). Hedley Bull, um dos fundadores desta lente teórica, não rejeita a anarquia internacional e a constante possibilidade do uso da força entre os Estados, considerando que esta é compatível com a existência de uma sociedade internacional, surgindo assim o conceito de sociedade anárquica (Gaspar, 2016).

Em suma, a visão construtivista e a visão da Escola Inglesa constituem lentes "alternativas" que fogem das tradicionais teorias realista e liberal. O conceito de anarquia internacional e a sua verificação empírica são, no entanto, reconhecidos por todas estas lentes, mesmo existindo diferentes pesos atribuídos ao conceito.

O conceito de ordem internacional

Olhando para a realidade internacional que nos rodeia, é possível constatar que a anarquia internacional pura, com um sistema internacional permanentemente violento e sem regras, não se verifica. Podemos reconhecer o pano de fundo anárquico, ou seja, a ausência de um governo mundial com o monopólio do uso legítimo da força, mas tal estrutura não implica forçosamente a ausência total de regras e normas. A existência de organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas e de instituições supranacionais como a União Europeia, que influenciam irrefutavelmente o comportamento dos Estados, comprova que existe efetivamente uma ordem internacional. Afinal, "dizer que a política mundial é anárquica não implica que não tem qualquer organização" (Axelrod & Keohane, 1985, p. 226).

Este desenvolvimento da ordem internacional teve na sua origem as novas necessidades da sociedade que levaram à criação, na década de 1860, de entidades reguladoras internacionais (Brown & Ainley, 2009). Desde essa década, temos assistido à multiplicação de organizações internacionais, que hoje abarcam quase todas as áreas da vida política e económica dos Estados, com organizações dedicadas à regulação do comércio, à defesa dos direitos humanos, à concertação política, etc. Atualmente, a ordem internacional é então baseada em interesses e instituições comuns (Gaspar, 2016), reunindo Estados que procuram coordenar as suas ações e minimizar os efeitos da anarquia do sistema internacional. A ordem internacional é composta por três pilares fundamentais: integração supranacional, alianças e instituições (Gaspar, 2016).

A eficácia destes elementos da ordem internacional, com destaque para as organizações internacionais, ajuda a explicar o porquê de tantos Estados aderirem às mesmas. Se os realistas acreditavam que os Estados nunca iriam aderir a estas instituições, constata-se que subestimaram a potencial utilidade das mesmas, mesmo para os Estados mais poderosos (Abbott & Snidal, 1998). As organizações têm duas características principais que ajudam a explicar a sua eficácia e o porquê da adesão dos Estados: centralização e independência (Abbott & Snidal, 1998). Estas características permitem uma maior eficiência por parte das organizações e aumentam a sua capacidade de influenciar os Estados (Abbott & Snidal, 1998). Assim, apesar da

permanência da anarquia internacional, constata-se que as organizações internacionais centralizadas e independentes acabam por ter vias para o *enforcement* a nível internacional, como a requisição de relatórios por parte dos Estados e a retenção dos benefícios de pertencer à organização (Abbott & Snidal, 1998). Verifica-se, no entanto, que a independência das organizações internacionais pode ser constrangida pelos membros mais poderosos, que muitas vezes interferem nas operações ou ignoram os ditames da organização (Abbott & Snidal, 1998). Um exemplo atual corresponde à China e à sua presença na Organização Mundial do Comércio, constatando-se que este país ainda não cumpre os princípios da organização, como a existência de uma economia de mercado livre.

Concluindo, a ordem internacional não é perfeita e não elimina o caráter anárquico do sistema internacional. No entanto, as organizações internacionais têm permitido aos Estados atingir objetivos que não seriam possíveis de outra forma (Abbott & Snidal, 1998). Efetivamente, a anarquia internacional que caracteriza o pano de fundo das relações internacionais não corresponde à ausência de regras nem tão pouco à violência bélica constante (Fernandes, 2012).

A governação global e os regimes internacionais

A ordem internacional tem permitido o estabelecimento de redes de governação global, estando até os conflitos armados sob regulação internacional (Brown & Ainley, 2009). Esta governação global surge como resposta ao aumento de desafios transnacionais que hoje se impõem (Brown & Ainley, 2009). Ultrapassando a lente realista e a sua centralidade do poder dos Estados, a governação global decorre das transformações da globalização e da perda de importância do Estado enquanto centro de resolução dos problemas, destacando o papel de outros atores e instituições (Mendes & Coutinho, 2014). O conceito, na prática, requer a cooperação entre os vários atores internacionais, a noção de que o poder dos Estados vai além das questões militares e de que a fronteira entre o nacional e o transnacional está cada vez mais difusa (Mendes & Coutinho, 2014). Neste âmbito da governação global, o conceito de regime internacional é de grande importância.

Robert Keohane, reconhecendo as dificuldades na cooperação internacional causadas pelo contexto anárquico, desenvolve este conceito de regime internacional. Compostos por princípios, normas, regras e procedimentos de tomada de decisão, os regimes internacionais facilitam a cooperação (Keohane, 1984) e reforçam a governação global a que assistimos atualmente. A ausência de instituições governamentais autoritárias - a anarquia internacional - e a consequente incerteza que caracterizam o sistema internacional são falhas que poderão ser minimizadas (Keohane, 1982). O modo como os regimes internacionais ajudam a corrigir essas falhas reside no seu papel enquanto facilitadores de acordos mutuamente benéficos entre Estados, o que permite uma maior consistência nas expectativas destes atores (Keohane, 1982). Gera-se, assim, uma maior previsibilidade na vida internacional e a obtenção de vantagens que a pertença a estes regimes proporciona. Robert Keohane destaca, no entanto, que a realidade anárquica do sistema significa que as regras dos regimes internacionais não terão a mesma força que têm as regras dos estados-nação, identificando assim uma fragilidade inevitável dos regimes causada pela anarquia internacional (Keohane, 1984). Os regimes internacionais são reflexo da complexidade da vida internacional, "nomeadamente a complexidade das interações inter-estaduais governadas por regras, normas, instituições e mecanismos de decisão coletiva" (Mendes & Coutinho, 2014, p. 455).

Esta fragilidade dos regimes internacionais leva-nos a um outro ponto que é importante frisar: a governação global não é sinónimo de um governo mundial (Brown & Ainley, 2009). A anarquia internacional significa que os princípios que decorrem da ordem internacional e da governação global dependerão sempre, em última instância, da vontade individual dos Estados soberanos. Para além disso, há matérias mais sensíveis da soberania - com destaque para a defesa e questões militares - que permanecem muito pouco tocadas pela governação global (Brown & Ainley, 2009). Assim, é imperativo "não exagerar até que ponto o mundo no seu conjunto pode ser ordenado e regido por normas" (Brown & Ainley, 2009, p. 222) e não esquecer a anarquia internacional na análise que fazemos da realidade internacional.

Opções metodológicas

Introdução

O presente capítulo tem o objetivo de explicar os diferentes métodos utilizados para a exploração da questão de partida da investigação.

Foram utilizadas três metodologias distintas, mas complementares nas suas vantagens e possibilidades: observação participante, análise de conteúdo e entrevistas. Afinal, como referem Quivy e Campenhoudt, "apenas a utilização de métodos construídos e estáveis permite ao investigador elaborar uma interpretação que não tome como referência os seus próprios valores e representações" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.226). Uma vez que cada um destes métodos foi cuidadosamente planeado para responder o melhor possível aos objetivos do presente trabalho, será útil esclarecer e desenvolver os principais aspetos e características da aplicação de cada um dos métodos referidos no caso específico deste relatório.

Observação participante

Considerando que o presente trabalho se trata de um relatório de estágio, não é surpreendente que a observação participante seja um dos métodos utilizados. A observação participante decorreu ao longo do período de estágio na agência Lusa, de 20 de fevereiro a 2 de junho de 2023, experiência que será descrita com profundidade posteriormente.

Sucintamente, esta metodologia "consiste em estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida coletiva" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.197). Mais do que o estudo distante de determinada realidade social, a observação participante possibilita a obtenção de dados espontâneos e autênticos, através do registo de comportamentos e factos no momento exato em que ocorrem (Quivy & Campenhoudt, 1995).

A aplicação da observação participante neste trabalho e na experiência de estágio que tive foi particularmente benéfica e frutífera uma vez que todo o estágio decorreu na editoria Internacional da agência Lusa, que corresponde ao objeto de

estudo deste trabalho. Ter a oportunidade de passar três meses inserida na editoria que pretendia estudar desde início levou a que eu própria fizesse parte desse objeto de estudo, assistindo e participando nas dinâmicas do mesmo e contribuindo para o trabalho que dele resulta - a produção noticiosa.

Durante os três meses de observação participante, foi possível assistir às dinâmicas da redação, dada a proximidade física entre as várias editorias, e absorver com profundidade as práticas específicas da editoria Internacional. Fui rápida e calorosamente recebida na editoria pelos seus jornalistas e editores, e pude cedo integrar-me nos hábitos e rotinas de trabalho, que explicarei com mais detalhe no capítulo seguinte. A observação participante permite assim uma revelação das "condutas instituídas e os códigos de comportamento, a relação com o grupo, os modos de vida e os traços culturais, a organização espacial dos grupos e da sociedade, etc." (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.198).

De modo a tirar o melhor proveito possível desta observação, fui mantendo, ao longo de todo o estágio, um diário de bordo onde registava todo o trabalho que realizava diariamente e quaisquer destaques, como momentos mais importantes das reuniões semanais da editoria, aspetos que se destacavam no dia-a-dia, dados que saíam fora da rotina, reflexões pessoais, entre outros.

É também importante referir que, apesar do cariz participante da observação, é crucial assegurar um equilíbrio entre a participação no grupo - bem como o contributo para o quotidiano do mesmo - e a noção de que é necessário não perturbar ou dificultar as dinâmicas existentes. Como afirmam Quivy e Campenhoudt, "o investigador estuda então os seus modos de vida, de dentro e pormenorizadamente, esforçando-se por perturbá-los o menos possível" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.195). Esta foi uma preocupação durante todo o processo da observação participante, principalmente no início do estágio, fase em que tive o primeiro contacto com o objeto de estudo - a editoria Internacional da agência Lusa – e, simultaneamente, tinha menos ferramentas para me poder integrar nas suas dinâmicas. Com o passar do tempo, absorvi os princípios base das rotinas do grupo e passei a participar nas mesmas.

A observação participante realizada no estágio foi um pilar indispensável deste trabalho. Foi através desta metodologia que explorei como está presente e ausente o jornalismo global e os seus princípios na agência Lusa, como a anarquia internacional é

subjacente aos principais temas da sua agenda internacional - com destaque claro para a guerra na Ucrânia - e como estes conceitos são vistos pelos jornalistas que participam no processo de produção noticiosa internacional na Lusa. Estas conclusões proporcionadas pela observação participante serão posteriormente desenvolvidas, no quinto capítulo do relatório.

Análise de conteúdo

Uma vez que o objetivo principal deste trabalho é analisar a presença dos conceitos de jornalismo global e anarquia internacional na editoria Internacional da agência Lusa, a análise de conteúdo revelou-se uma opção metodológica extremamente relevante.

Segundo Quivy e Campenhoudt, a análise de conteúdo "incide sobre mensagens tão variadas como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, atas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco diretivas" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.226). Uma das principais vantagens desta metodologia reside no rigor e consistência que possibilita na análise do *corpus* de análise, através do desenvolvimento de variáveis ou categorias aplicadas sistematicamente, levando o investigador a evitar interpretações espontâneas e enviesadas (Quivy & Campenhoudt, 1995). O resultado da análise poderá depois ser representado em gráficos que facilitam o estudo do tema e a resposta à questão inicial que guia a investigação. Como referem Quivy e Campenhoudt, esta metodologia "permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.227).

No que diz respeito ao *corpus* de análise, foi feita uma escolha muito pensada. Afinal, como destacam Quivy e Campenhoudt, "não basta saber que tipos de dados deverão ser recolhidos. É também preciso circunscrever o campo das análises empíricas no espaço, geográfico e social, e no tempo" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.157). Neste âmbito, os autores identificam como primeira possibilidade o estudo da totalidade da população, "aqui entendida no seu sentido mais lato: o conjunto de elementos constituintes de um todo" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.160). A segunda

possibilidade prevista pelos autores, o estudo de uma amostra representativa da população, impõe-se "quando a população é muito volumosa" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.161) e quando "é importante recolher uma imagem globalmente conforme à que seria obtida interrogando o conjunto da população" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.161).

A análise de conteúdo deste trabalho incidiu sobre a produção noticiosa da editoria Internacional da agência Lusa, durante o período de estágio. Considerando a duração do estágio (aproximadamente três meses) e a elevada quantidade de peças que saem da editoria diariamente (cerca de 50 peças, em média), não seria possível realizar uma análise de conteúdo com a devida profundidade estudando a totalidade das peças. Assim sendo, a primeira possibilidade prevista pelos autores não foi seguida. Procurei então constituir uma amostra de peças o mais representativa possível, adotando assim a segunda possibilidade.

Na constituição da amostra, a prioridade foi assegurar a maior diversidade de temas possível. Um período de três meses no jornalismo e na atualidade internacional em particular é um período longo e com uma enormidade de acontecimentos, esperados e inesperados, que são noticiados. Tendo esta noção em mente, e sabendo que a análise da produção noticiosa integral dos três meses seria inviável, procurei constituir a amostra e reduzir o *corpus* de análise garantindo uma amplitude temporal grande. Ou seja, a amostra não seria constituída pela produção noticiosa de uma ou duas semanas consecutivas, mas sim de um período distribuído ao longo do estágio, para garantir que a análise captaria temas e acontecimentos da ordem internacional o mais variados possível. Assim sendo, a minha primeira decisão foi restringir a análise de conteúdo às três últimas semanas de cada um dos meses do estágio, estando assim a tão pretendida amplitude temporal estabelecida. À medida que fui avançando com a análise, e em conversas com a minha orientadora, rapidamente percebi que, mesmo assim, o *corpus* de análise seria excessivamente grande, tendo uma dimensão de 730 peças. Tornou-se imperativo reduzir a amostra, ficando definida a sua configuração definitiva: os três primeiros dias das últimas semanas de cada um dos três meses do estágio, perfazendo um total de nove dias e 458 peças.

Definido o *corpus* de análise, seguiu-se a fase de estabelecer as variáveis que seriam analisadas. Segundo Quivy e Campenhoudt, "agrupam-se correntemente os

diferentes métodos de análise de conteúdo em duas categorias: os métodos quantitativos e os métodos qualitativos" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.228). Os métodos quantitativos basearam-se na frequência com que certas características surgem nas peças, analisando-se assim um número maior de informações mais breves (Quivy & Campenhoudt, 1995). Os métodos qualitativos analisam um número menor de informações mais profundas, focando-se na forma como os componentes do discurso se articulam (Quivy & Campenhoudt, 1995). Para os autores, "estas distinções só são válidas de uma forma muito geral: as características próprias dos dois tipos de procedimento não são assim tão nítidas e vários métodos recorrem tanto a um como a outro" (Quivy & Campenhoudt, 1995, 228). No presente trabalho, recorri precisamente a ambos os métodos, baseando a análise de conteúdo em variáveis de cariz mais quantitativo e variáveis qualitativas de modo a obter todos os dados pretendidos.

No que diz respeito às variáveis de cariz quantitativo, foram registadas as seguintes: data, género, destaque, autor e categorização do autor. As variáveis de cariz qualitativo exigiram, naturalmente, mais tempo na análise e foram as seguintes: tema, países mencionados, organizações internacionais mencionadas e referência à anarquia internacional. Esta última variável foi, sem dúvida, a mais complexa de todo o trabalho. Pela sua complexidade, a sua análise foi dividida em duas fases distintas. Em primeiro lugar, cada uma das peças do *corpus* de análise foi alvo de uma leitura atenta, com o objetivo de verificar se existia ou não uma referência ao conceito de anarquia internacional. Este processo teve como referência a revisão de literatura realizada e o consenso que existe em relação ao significado e relevância do conceito. É importante clarificar aqui que a referência ao conceito de anarquia internacional seria sempre uma referência indireta; não era esperado encontrar uma referência direta no corpus de análise, o que se veio a confirmar. A segunda fase desta variável correspondeu à caracterização da referência ao conceito de anarquia internacional, ou seja, responder à questão: de que modo é que esta peça refere indiretamente o conceito de anarquia internacional? Neste sentido, foram criadas cinco categorias de análise que justificam a presença dessa referência, quando a mesma ocorre. A justificação e desenvolvimento de cada uma destas variáveis e categorias terá lugar no quinto capítulo deste trabalho.

Não se pretende aqui subvalorizar ou ignorar a subjetividade desta análise. As variáveis "tema" e "referência à anarquia internacional" serão as mais subjetivas, mas

também as mais relevantes no que toca à resposta à questão condutora desta investigação: como se refletem o jornalismo global e a anarquia internacional na secção Internacional da agência Lusa. Assim, assumindo *a priori* uma subjetividade incontornável, procurei assegurar o maior rigor possível, lendo e relendo as peças do *corpus* de análise múltiplas vezes e tendo como base os pontos principais retirados da revisão de literatura, principalmente na caracterização da referência à anarquia internacional.

Entrevistas

A terceira opção metodológica do presente trabalho corresponde à entrevista. Desde o primeiro momento em que iniciei o plano do trabalho, sabia que ouvir, em primeira mão e com mais detalhe, a perspetiva de alguns jornalistas da área internacional sobre estes temas seria um passo indispensável. Afinal, são estes jornalistas os principais agentes da produção noticiosa internacional e são eles que assistem, no quotidiano da profissão, às transformações do pano de fundo global.

O método da entrevista é caracterizado por uma "verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e profundidade" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.192).

O primeiro passo fundamental foi estabelecer quais seriam os objetivos principais das entrevistas, ou seja, exatamente o que é que eu pretendia ver respondido. A estes objetivos não teriam de corresponder perguntas concretas ou muito rígidas. Mas foi crucial definir *a priori* as principais linhas temáticas que guiariam as conversas e o que não poderia ser esquecido no decorrer das mesmas. Os objetivos estabelecidos foram os seguintes: entender como é visto o jornalismo global e a sua necessidade nos dias que correm, perceber, através da perspetiva dos próprios jornalistas, como é que veem a integração do jornalismo global no trabalho da agência Lusa, compreender o significado do conceito de anarquia internacional para os jornalistas da agência e assim

aceder a diferentes perspetivas de profissionais que lidam diariamente com eventos do sistema internacional, e por fim compreender como é que os jornalistas da agência Lusa consideram que o conceito de anarquia internacional se reflete nos eventos que cobrem diariamente e no plano internacional mais geral. Além destas linhas temáticas acabei por, no decorrer das entrevistas, acrescentar algumas questões adicionais, nomeadamente sobre o desinvestimento financeiro no jornalismo e o seu impacto no jornalismo global e sobre a situação específica de algumas jornalistas correspondentes que entrevistei.

As entrevistas do presente trabalho foram semidiretivas, uma vez que esta se revelou a escolha mais adequada aos objetivos pretendidos. Segundo Quivy e Campenhoudt, a entrevista semidiretiva "não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.192). O entrevistador terá os objetivos indispensáveis do conteúdo que pretende retirar da entrevista (tal como estabeleci no início) mas não há uma estrutura rígida de questões (Quivy & Campenhoudt, 1995). Como referem os autores, o entrevistador "tanto quanto possível, 'deixará andar' o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier" (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.192).

No que diz respeito aos entrevistados, estabeleci como prioritário entrevistar um jornalista da editoria Internacional sediado na sede da Lusa em Lisboa e correspondentes sediados no estrangeiro, para conseguir uma diversidade de experiências e contributos o maior possível. Assim, entrevistei a jornalista Cristina Silva Rosa, que trabalha na sede da agência em Lisboa, a jornalista Marta Moreira, correspondente em Nova Iorque e a jornalista Ana Matos Neves, correspondente em Bruxelas. Estas escolhas possibilitaram a variedade de perspetivas pretendida, com as perspetivas de uma jornalista que acompanha o trabalho da editoria na redação, uma jornalista que acompanha reuniões do Conselho de Segurança da ONU e a realidade norte-americana e uma jornalista que assiste ao funcionamento das principais instituições europeias.

O estágio na agência Lusa

A agência Lusa

A agência Lusa é a única agência de notícias portuguesa, tendo entrado em funcionamento em 1987. Como refere o Livro de Estilo da agência, a Lusa "é herdeira das duas agências noticiosas do pós-25 de abril de 1974 em Portugal: a ANOP e a NP" (Lusa, 2019).

O contrato de prestação de serviço entre o Estado português e a agência esclarece o papel da Lusa no plano jornalístico nacional. O documento estabelece como objetivo principal da agência "a recolha e tratamento de material noticioso ou de interesse informativo, a produção e distribuição de notícias a um alargado leque de utentes (media nacionais e internacionais, empresas e instituições diversas de carácter público e privado) e a prestação ao Estado português de um serviço de interesse público relativo à informação dos cidadãos" (Lusa, 2022).

O Livro de Estilo da Lusa descreve o trabalho da agência como a prestação de "informação rápida, factual, isenta e rigorosa" (Lusa, 2019). Composta por cerca de 250 jornalistas, a agência constitui um "garante da circulação democrática e plural da informação noticiosa e da defesa dos interesses estratégicos externos do Estado português" (Lusa, 2022).

A escolha da agência Lusa para o local onde iria realizar o meu estágio não foi uma escolha difícil. Sabia desde o início, dado o meu tema e o tipo de investigação que tinha em mente desenvolver, que pretendia estagiar num órgão de imprensa. Dado que o meu tema é da área internacional e com grandes ligações à política, sabia que seria imprescindível estagiar num local que desse relevância a ambos estes pilares. O prestígio da agência Lusa não só enquanto órgão de comunicação, mas enquanto local de formação, a sua vasta rede de correspondentes e a sua ênfase na importância de um jornalismo rigoroso e imparcial foram também fatores que motivaram esta escolha.

A semana de formação

A semana de formação na Lusa teve início a 20 de fevereiro e reuniu o grupo de cerca de 10 estagiários, estando alguns destinados à redação em Lisboa e outros seguiriam para a redação do Porto. Fomos imediatamente recebidos pelo jornalista e coordenador da formação da agência, João Pedro Fonseca, e encaminhados para a sala onde iríamos passar várias horas ao longo dos dias seguintes.

Nesse primeiro dia, começámos com alguns dos pilares da escrita de agência, com a jornalista Fátima Guerreiro. Foi destacada a importância de uma escrita clara e concisa, procurando não dizer em cinco palavras o que pode ser dito em quatro, e o rigor enquanto regra principal. Foram também explicados aspetos mais concretos da construção das peças noticiosas na Lusa, com destaque para o limite de 35 palavras no *lead* e a técnica da pirâmide invertida, com as informações essenciais em primeiro lugar e a contextualização a fechar a peça. Ouvimos também os jornalistas António Caeiro e Natal Vaz, que já não estão ao serviço da Lusa, mas que partilharam connosco inúmeras e interessantíssimas histórias das suas experiências enquanto correspondentes. Foi-nos explicado o funcionamento dos piquetes da redação: o piquete da noite, o piquete da madrugada (que é feito a partir de Macau) e o piquete da manhã, que faz a transição entre a madrugada e o dia, distribuindo o trabalho pelas editorias. O dia terminou com uma explicação do sistema LUNA, fundamental para o quotidiano da Lusa uma vez que é neste sistema que são produzidas e distribuídas as peças, e é também aqui que está todo o arquivo da agência.

No segundo dia da formação, ouvimos o jornalista Paulo Agostinho, editor de Lusofonia, que nos falou da importância das redes no jornalismo. Ouvimos também a editora de Sociedade, Filipa Parreira, que enfatizou o papel das fontes e todos os seus diferentes tipos, bem como a imprescindibilidade da regra do contraditório. Realizámos alguns exercícios práticos sobre estes temas, que foram extremamente úteis para termos uma primeira impressão, na prática, do que é escrever para a Lusa.

O terceiro dia de formação começou com a editora de Política, Sónia Ferreira, que nos introduziu alguns aspetos específicos do trabalho desta editoria, como o acompanhamento de partidos e da Assembleia da República, e nos deu uma formação mais intensiva sobre a construção dos *leads* e dos títulos. Foram-nos dados vários

exercícios práticos de construção de *lead*, todos eles comentados pela jornalista, o que foi muito produtivo e uma ajuda essencial para toda a experiência de estágio na agência. De seguida, houve uma apresentação do projeto IBERIFIER, que tem o objetivo de reconhecer a desinformação e promover o *fact-checking*.

No último dia da formação, a jornalista Sofia Branco falou-nos sobre a importância da ética e da deontologia no jornalismo. De seguida, ouvimos elementos dos órgãos representativos dos trabalhadores, que destacaram os direitos da classe e a luta que tem sido levada a cabo pela melhoria das condições dos estágios curriculares. A formação terminou com uma conversa sobre o acesso à profissão jornalística. Nenhum dos formadores desvalorizou a precariedade que caracteriza a carreira, relatando más condições salariais e dificuldades em aceder à profissão, dado que a maioria das redações, incluindo a Lusa, não está a contratar jornalistas.

O dia terminou com uma breve reunião com os editores que ainda não tínhamos conhecido ao longo da formação e com a distribuição dos estagiários pelas várias editorias. Sabia desde início, dado o tema do meu trabalho e as minhas áreas de interesse, que queria estagiar na editoria Internacional e fui imediatamente bem recebida, juntamente com uma outra estagiária, pelo editor Paulo Dias Figueiredo.

São vários os pontos positivos a destacar desta primeira semana de formação. Em primeiro lugar, a qualidade e simpatia da receção, logo no primeiro instante. João Pedro Fonseca recebeu-nos de braços abertos e colocou-se ao nosso dispor para todo o apoio que precisássemos ao longo do estágio, independentemente da editoria em que ficássemos. Esteve connosco todo o tempo que lhe foi possível nessa primeira semana, almoçou connosco, partilhou e ouviu histórias, tratou-nos com um equilíbrio irrepreensível entre paciência e respeito, ensinando-nos, mas tratando-nos como iguais. Para além de João Pedro, todos os jornalistas com quem nos cruzámos foram extremamente simpáticos e recetivos, desde os estagiários aos editores. Foi extraordinário observar e sentir a camaradagem que, apesar de todas as dificuldades, existe na profissão e é palpável numa redação tão viva como a da Lusa. Um outro ponto a destacar é a excelente organização da formação, no que toca aos temas cobertos e aos métodos de ensino. Saímos dessa primeira semana com uma preparação muito superior à que tínhamos no início, e o ensino interativo e com recurso a exercícios práticos foi uma mais-valia imensa. No final da formação, foi-nos pedido que

preenchêssemos um questionário onde registássemos tudo aquilo que poderia ter corrido melhor ou elementos que deveriam ser acrescentados, para garantir que a experiência do próximo grupo de estagiários seja ainda melhor. Esta preocupação deixa patente a qualidade da Lusa não apenas enquanto órgão de comunicação social, mas também formador de futuros profissionais.

A editoria internacional

O primeiro contacto próximo com a editoria Internacional ocorreu no dia 27 de fevereiro, quando eu e a minha colega estagiária, que também ficaria na mesma secção, tivemos uma reunião via *Zoom* com o editor Paulo Dias Figueiredo. Fomos imediatamente bem recebidas e foram-nos explicados alguns pontos importantes do funcionamento da editoria e de como escrever o "internacional". O editor destacou a importância da contextualização das peças, aspeto que viria a ser um pilar fundamental do trabalho diário como explicarei adiante, e de olhar para a informação que nos chega com uma lente atenta e crítica. Aconselhou-nos a ler as peças da secção para nos familiarizarmos com a linguagem e o estilo, destacando também a necessidade de acompanhar diariamente as peças que vão saindo na linha, uma vez que a editoria abarca tantos temas, tantos países e tantos atores. Depois da reunião, fomos integradas no *chat* da editoria na plataforma *WhatsApp*, que se revelou um meio de comunicação absolutamente crucial durante todo o estágio.

A editoria Internacional é composta por um editor principal, o Paulo Dias Figueiredo, e por dois editores-adjuntos, a Sofia Castro e o António Pereira Neves. A nível nacional, é composta por cerca de nove jornalistas (sendo que uma das jornalistas foi temporariamente transferida para a editoria de Política, durante o período do meu estágio), oito na redação de Lisboa e um jornalista sediado no Porto. A rede de correspondentes internacionais é uma das características mais importantes da editoria. No continente europeu, a Lusa tem cinco correspondentes em Berlim, Bruxelas, Madrid, Paris e Londres. No continente americano, dispõe de um total de três correspondentes, destacados para as cidades de Toronto, Nova Iorque e Califórnia. Na América do Sul há um correspondente nas Caracas e na Ásia há um correspondente em Pequim. Esta rede da editoria Internacional não corresponde à totalidade de correspondentes

internacionais da Lusa, uma vez que também a editoria de Lusofonia tem jornalistas destacados a nível internacional, no Brasil e no continente africano.

O trabalho da editoria Internacional é muito baseado nas agências internacionais, principalmente na norte-americana *Associated Press*, na espanhola EFE e na francesa AFP. Os jornalistas têm determinadas áreas temáticas ou geográficas atribuídas, mas, dada a grande quantidade de informação que sai constantemente das agências, a rotina diária da editoria passa maioritariamente pelo acompanhamento das mesmas e pela distribuição da informação mais importante pelos jornalistas. São também realizadas peças diferentes como entrevistas, cronologias e "pontos essenciais", apesar de em quantidade muito mais reduzida, como se verificará na análise de conteúdo. Uma outra particularidade da editoria Internacional consiste na menor frequência de saídas da redação, em comparação com outras editorias. Na grande maioria dos dias, a editoria Internacional era a editoria com mais jornalistas em redação. Dada a rede de correspondentes e a natureza da editoria, as saídas são mais raras e normalmente consistem no acompanhamento da visita de chefes de Estado, entrevistas ou conferências.

O início do meu estágio coincidiu com a retoma das reuniões semanais por parte da editoria. As mesmas tinham sido interrompidas e substituídas por comunicação via *email* entre os editores e os jornalistas da secção. No entanto, com o objetivo de reforçar a troca de ideias, as reuniões semanais foram reinstituídas. Ocorriam todas as segundas-feiras via *Microsoft Teams* e aí eram lançados e discutidos os temas dominantes da semana e propostas ideias adicionais.

Quotidiano e trabalho desenvolvido

Depois da primeira reunião com o editor Paulo Dias Figueiredo, apresentei-me na redação no dia seguinte. Ficou definido que entraria às 9h30 e sairia às 16h30, enquanto a outra estagiária da editoria entraria mais tarde. Apresentei-me ao editor-adjunto – António Pereira Neves - que estava na editoria nessa altura e com quem viria a trabalhar bastante, uma vez que os nossos horários coincidiam em grande parte. António Pereira Neves explicou-me de imediato como funcionava o trabalho da editoria, falando na importância da informação que sai das agências, e aconselhou-me iniciar o

dia de trabalho lendo o serviço, ou seja, tomando conhecimento das peças que foram produzidas pela editoria desde a noite anterior até ao momento. Esse foi um hábito que interiorizei e pus em prática no decurso de todo o estágio, sendo sempre a primeira tarefa do dia. De seguida, enviou-me algumas peças de agências para eu praticar a escrita de notícias. Depois, foi-me sendo dado o *feedback* das peças, com referências ao que poderia melhorar, ao que não estava bem, etc. Esta foi essencialmente a rotina durante toda a primeira semana na editoria, a escrita de peças para efeitos de treino.

Normalmente, os estagiários não escrevem peças para o serviço da Lusa durante o primeiro mês de estágio, mas esta "regra" da Lusa acabou por não se cumprir no meu caso. No início da segunda semana na editoria, o editor-adjunto disse-me que iríamos tentar que uma peça minha fosse para a linha nesse dia. E assim foi, no dia 3 de março assinei a minha primeira peça para a Lusa e, a partir daí, escrevi peças para a linha todos os dias do estágio.

Tal como me tinham dito no início, a escrita das peças acaba por se tornar mais rápida e fluida com o passar do tempo. A rotina foi-se tornando cada vez mais consistente: chegar à redação, ler o serviço e aguardar pela primeira tarefa. Os editores enviavam vários tipos de informação para escrevermos as notícias, mas, na grande maioria das vezes tratavam-se de peças de outras agências noticiosas internacionais. Também poderiam ser comunicados de organizações internacionais ou relatórios. O primeiro passo era analisar a informação e ver o que era realmente importante para construir o *lead* da peça. A partir daí, a peça era escrita seguindo a regra da pirâmide invertida, ou seja, com a informação ordenada por importância. Um aspeto muito relevante das peças da editoria Internacional, que a distingue de algumas editorias, é a contextualização. Dada a variedade e, muitas vezes, complexidade dos temas noticiados, a larga maioria das peças terminava com contexto que já estava preparado de antemão ou que tinha de pesquisar em peças do arquivo ou noutras fontes. No caso da guerra da Ucrânia, por exemplo, uma das jornalistas da editoria era encarregue de, periodicamente, atualizar a contextualização com o número de vítimas, para ser acrescentada em todas as peças sobre o tema. No caso de outros temas, onde não havia essa contextualização prévia, era necessário pesquisar e ler as peças relevantes no arquivo da Lusa, cruzar a informação e utilizar a mais relevante para a peça.

É importante referir também que o modelo de trabalho da agência Lusa, que se aplicou ao meu estágio, é um modelo híbrido. Os jornalistas trabalham na redação três dias da semana (terça-feira a quinta-feira) e nas segundas e sextas-feiras estão em regime de teletrabalho. Dada a importância do teletrabalho nos dias que correm, considero que este regime foi uma mais-valia imensa na minha experiência de estágio, porque me permitiu adaptar-me a dois modelos de trabalho distintos - o remoto e o presencial. Os dias de teletrabalho revelaram-se igualmente produtivos e um excelente teste à minha autonomia, principalmente na fase inicial do estágio. Tal como sucedia nos dias de trabalho presencial, a comunicação era feita através do *chat* de grupo da redação na plataforma *WhatsApp*. Nessa plataforma, os editores distribuíam todo o trabalho e os jornalistas iam comunicando à medida que enviavam as peças. Qualquer outra informação relevante era também aí transmitida.

No total, escrevi 159 peças para o serviço da agência ao longo do meu estágio. Os títulos e respetivas datas encontram-se em anexo (Cf. Anexo 5).

Destaques

Apesar de o estágio se ter baseado em grande parte na rotina que descrevi anteriormente, existiram alguns dias que se destacaram e diferenciaram do quotidiano. Um dos maiores destaques foi, sem dúvida, a greve da Lusa, que decorreu de 30 de março a 2 de abril. Assisti também ao plenário dos trabalhadores e dos seus órgãos representativos nos dias que antecederam a greve, o que me permitiu testemunhar diretamente a luta dos jornalistas por melhores condições e pelo serviço público da Lusa. Foi, sem dúvida, uma experiência muito enriquecedora.

No dia 12 de abril realizei a minha primeira e única saída da redação em serviço externo. Como referi anteriormente, os serviços externos não são muito comuns no Internacional dada a natureza da editoria. Neste caso, o editor Paulo Dias Figueiredo deu-me a oportunidade de acompanhar um dos jornalistas da redação à Presidência da República, para assistir à visita oficial do Presidente da Letónia. Foi uma experiência desafiante porque, por falha de comunicação na editoria, acabei por ir sozinha para o local, situação que encerrou algumas dificuldades acrescidas dado o acesso difícil à Presidência em dias de visitas oficiais e à minha posição de estagiária sem as credenciais

de um jornalista. Chegada à entrada da presidência, consegui encontrar-me com o jornalista da editoria e assistir então aos discursos dos presidentes português e letão. Realizei a minha versão da peça sobre a visita e, no fim, comparei-a com a peça do jornalista da agência, o que foi extremamente útil para a minha aprendizagem.

A minha experiência de estágio permitiu-me constatar a falta de recursos humanos na editoria Internacional em particular. No decorrer do meu estágio, uma das jornalistas foi transferida para a editoria de Política, contra a vontade do editor de Internacional, o que colocou dificuldades acrescidas aos jornalistas da editoria e ilustrou bem a insuficiência de meios humanos no jornalismo em geral e na Lusa em particular, insuficiência essa sentida e manifestada por todos os jornalistas com quem conversei.

Destaco também uma das reuniões semanais da editoria, a 15 de maio, onde os editores nos comunicaram de que a Direção de Informação da Lusa tinha feito um pedido para uma redução de dominantes semanais, ou seja, de temas cobertos pela editoria em cada semana. Novamente, a falta de tempo e de recursos humanos para cumprir as exigências do jornalismo internacional - que são tantas – ficou patente.

Por fim, destacaram-se também algumas peças um pouco mais complexas que tive a oportunidade de realizar. Além das notícias, que são a grande maioria das peças produzidas pela editoria, escrevi uma peça de "pontos essenciais" sobre a Esplanada das Mesquitas, atualizei a cronologia da batalha de Bakhmut realizada por outro jornalista da editoria e, em conjunto com a minha colega estagiária, escrevi uma peça de "pontos essenciais" sobre as principais crises migratórias atuais.

A anarquia internacional e o jornalismo global na Lusa

Os resultados da investigação

As variáveis de tipo quantitativo

A primeira variável quantitativa registada foi a data das peças do *corpus* de análise. As datas corresponderam aos seguintes dias, que compõem o período da análise:

27 de março
28 de março
29 de março
24 de abril
25 de abril
26 de abril
22 de maio
23 de maio
24 de maio

Figura 1: datas das peças analisadas

Como já foi referido no terceiro capítulo do trabalho, analisar toda a produção noticiosa da editoria Internacional durante os três meses que corresponderam à duração do estágio seria impossível, dada a dimensão do trabalho produzido pela Lusa. Com o objetivo de constituir um *corpus* de análise diverso, rico e, simultaneamente, passível de ser analisado no âmbito deste estudo, decidi estabelecer que a análise se cingiria aos três primeiros dias das últimas semanas de cada um dos meses do estágio.

A segunda variável analisada foi o tipo da peça. Na produção noticiosa da Lusa, foram identificados os seguintes tipos, caracterizados no Livro de Estilo da agência:

Notícia
Entrevista
Perguntas e respostas
Pontos essenciais
Reportagem

Figura 2: os tipos das peças analisadas

A notícia é composta pelo título, que não deverá exceder os 80 caracteres, pelo *lead*, que deverá responder às informações quem, o quê, onde, quando, não devendo ultrapassar as 35 palavras, e pela técnica de pirâmide invertida que caracteriza a estrutura deste género (Lusa, 2019). De acordo com o Livro de Estilo da agência, as notícias deverão ter um máximo de 3.000 caracteres e o principal valor deste género "é a atualidade, apresentada numa linguagem clara, precisa e concisa" (Lusa, 2019, p.22).

A entrevista consiste num texto corrido que resume as informações mais importantes dadas pelo entrevistado, não devendo exceder os 5.000 caracteres (Lusa, 2019). Terá como principal função mostrar a personalidade do entrevistado ou demonstrar a sua perspetiva sobre determinado tema (Sousa, 2001). O tipo "perguntas e respostas" "adapta ao fio de noticiário de agência o elencar de explicações mais relevantes para questões complexas" (Lusa, 2019, p.26), noticiando e explicando um determinado tema ou evento da atualidade com maior detalhe e contextualização. O tipo "pontos essenciais" procura simplificar um determinado tema mais complexo, "devendo procurar hierarquizar a relevância das informações e preservar o sentido do que foi anunciado" (Lusa, 2019, p.25). Por fim, a reportagem tem características em comum com a notícia, mas deverá incluir outros elementos que tornem a peça mais "viva", tendo esta um "caráter mais subjetivo da apreciação que o jornalista faz da situação" (Lusa, 2019, p.22). A reportagem incluirá também elementos de outros tipos de peças, como de entrevistas ou notícias (Sousa, 2001). No caso da editoria Internacional, as reportagens destacavam-se particularmente das peças produzidas, comparativamente às outras editorias. Isto porque, em editorias como Sociedade ou País, era muito mais

frequente géneros mais breves como a notícia serem da autoria de jornalistas que testemunharam o acontecimento no terreno. No caso do Internacional, dado que os eventos noticiados não ocorrem em Portugal, os jornalistas da redação baseiam o seu trabalho, como já foi referido, na produção noticiosa das agências internacionais ou em relatórios de organizações e entidades políticas. As reportagens tinham assim um maior destaque nesta editoria uma vez que havia um contraste mais notório relativamente às restantes peças: na reportagem, o jornalista que escrevia a peça estava no terreno a testemunhar em primeira mão os acontecimentos que relatava, um "privilégio" que, dada a natureza extranacional da editoria, era mais raro. Foi o caso, a título de exemplo, do jornalista Pedro Caldeira Rodrigues que, à data das eleições na Turquia, seguiu para Istambul para cobrir o tema e realizar algumas reportagens.

A terceira variável analisada foi o "destaque". Esta variável é caracterizada pela inclusão, no título das peças, de uma palavra-chave específica e associada a determinado tema. De acordo com o Livro de Estilo da Lusa, "os títulos devem ser antecidos de palavra-chave quando a notícia se integra na cobertura de um tema ou evento com acompanhamento intensivo e continuado (em que a palavra-chave serve de identificador das várias peças distribuídas" (Lusa, 2019, p.11). Assim, esta variável permite identificar os principais eventos que são cobertos pela editoria de uma forma mais persistente, com um foco em garantir a atualização contínua dos mesmos. A análise revelou a existência de doze palavras-chave:

Covid-19
Espanha/Eleições
Incêndios
Irão
Israel/Protestos
Migrações
NATO
Síria
Sudão
Turquia/Eleições
Turquia/Sismo
Ucrânia

Figura 3: palavras-chave das peças

É importante referir que, apesar da importância destas palavras-chave, os temas muitas vezes não se esgotam nas peças que contêm este destaque. No caso, por exemplo, da palavra-chave "NATO", apenas três peças da análise tiveram este destaque, o que não significa que a temática apenas tenha sido tratada nessas peças.

As últimas duas variáveis de tipo quantitativo são "autor" e "categorização do autor". No que diz respeito à primeira, foram registados 36 autores diferentes - um número manifestamente reduzido dado o total de 458 peças analisadas. Trata-se de um número superior à quantidade de jornalistas que compõem a editoria Internacional porque este valor inclui jornalistas da editoria Internacional, mas também de outras editorias da agência, uma vez que inúmeras peças eram escritas por jornalistas ao serviço dos vários piquetes da Lusa. A variável "categorização do autor" procurou estabelecer quantas peças foram escritas por jornalistas da redação e quantas peças foram escritas por jornalistas correspondentes nos vários pontos do mundo.

Jornalistas em redação
Correspondentes

Figura 4: categorização do autor

As variáveis de tipo qualitativo

A primeira variável de tipo qualitativo analisada corresponde ao tema. No total das 458 peças analisadas, foram identificados os seguintes temas:

Ambiente
Armamento
Desastres naturais
Economia
Finanças
Guerras e conflitos
Mortes ou vítimas
Política
Outros (crime, cultura, sociedade, etc.)

Figura 5: temas das peças analisadas

A segunda variável de tipo qualitativo analisada correspondeu aos países mencionados. Para tal, procedeu-se ao levantamento de todos os países referidos em cada uma das peças do *corpus* de análise, o que levou a uma extensa lista de 117 países. Naturalmente, estes países exibiram frequências muito diversas na análise e verificam-se fortes contrastes na representatividade entre zonas geográficas, como veremos no próximo subcapítulo.

Afganistão	República do Congo	Gâmbia	Lituânia	Quirguistão
África do Sul	Coreia do Norte	Grécia	Luxemburgo	Arábia Saudita
Alemanha	Coreia do Sul	Guatemala	Mali	República Checa
Argélia	Costa do Marfim	Guiana	Malta	República Dominicana
Argentina	Costa Rica	Guiné	Marrocos	Roménia
Austrália	Croácia	Haiti	Mauritânia	Rússia
Áustria	Cuba	Honduras	México	Senegal
Azerbaijão	Dinamarca	Hungria	Moldávia	Serra Leoa
Bahrein	Egito	Iémen	Myanmar	Sérvia
Bangladesh	El Salvador	Índia	Nepal	Singapura
Bélgica	Emirados Árabes Unidos	Indonésia	Nicarágua	Síria
Belize	Equador	Irão	Nigéria	Somália
Benim	Eritreia	Irlanda	Noruega	Sudão
Bielorrússia	Espanha	Islândia	Nova Zelândia	Sudão do Sul
Brasil	França	Israel	Países Baixos	Suécia
Bulgária	Reino Unido	Itália	Panamá	Suíça
Burkina Faso	Albânia	Japão	Papua-Nova Guiné	Taiwan
Camarões	Estados Unidos	Jordânia	Paquistão	Tajiquistão
Canadá	Estónia	Kosovo	Peru	Tunísia
Cazaquistão	Etiópia	Letónia	Polónia	Turquemenistão
Chade	Filipinas	Líbano	Portugal	Turquia

China	Finlândia	Líbia	Qatar	Ucrânia
Colômbia	Angola	Liechtenstein	Quênia	Uzbequistão
				Venezuela
				Zâmbia

Figura 6: países referidos nas peças analisadas

A terceira variável analisada corresponde às organizações internacionais mencionadas. Foram identificadas 20 organizações internacionais, que constam na tabela seguinte.

União Europeia (UE)
Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE)
Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)
Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO)
G7
Organização das Nações Unidas (ONU)
Tribunal Penal Internacional (TPI)
Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA)
Human Rights Watch (HRW)
Organização Internacional para as Migrações (OIM)
Organização Internacional do Trabalho (OIT)
União Africana (UA)
Fundo Monetário Internacional (FMI)
Amnistia Internacional
Organização para a Cooperação de Xangai (SCO)
Organização Mundial de Saúde (OMS)
Organização Mundial do Comércio (OMC)
Conselho da Europa

G20
BRICS

Figura 7: organizações internacionais referidas nas peças analisadas

De notar que optei por fazer uma distinção entre a Organização das Nações Unidas e algumas organizações internacionais que fazem parte do seu sistema - a Organização Mundial do Comércio, a Organização Internacional do Trabalho, a Organização Mundial de Saúde, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Internacional para as Migrações e a Agência Internacional de Energia Atómica. Apesar de fazerem parte do sistema das Nações Unidas, pela sua relevância e pelo facto de constituírem organizações autónomas, optei por as individualizar na análise.

A última variável qualitativa foi a referência à anarquia internacional. Dada a complexidade e subjetividade que encerra, optei por criar duas subvariáveis. Primeiramente, fiz uma nova leitura atenta de todas as peças que compõem o *corpus* de análise, com o objetivo de verificar se existia uma referência ao conceito de anarquia internacional. Como foi evidenciado pela revisão de literatura do presente trabalho, existem diferentes teorias das Relações Internacionais que encaram e definem a anarquia internacional de formas muito distintas. O conceito que serviu de referência nesta análise foi baseado na definição mais consensual entre os vários autores e escolas de pensamento: a anarquia internacional como a ausência, no plano internacional, de um governo que detenha o monopólio do uso legítimo da força (Waltz, 1979). Note-se que não era esperado, *a priori*, encontrar uma referência direta a este conceito ou a utilização exata do termo. Esta expectativa prévia verificou-se nos resultados da análise: nenhuma das peças que refere o conceito de anarquia internacional o faz de forma direta. Este é um dos principais pontos que justifica a subjetividade desta variável e a imperatividade de procurar um enorme rigor na identificação e justificação da referência, como veremos com mais detalhe de seguida. Assim, a primeira subvariável teve, nas grelhas de análise utilizadas, a seguinte configuração:

A peça refere o conceito de anarquia internacional?
Sim
Não

Figura 8: primeira subvariável referente à anarquia internacional

A segunda subvariável referente à anarquia internacional foi indiscutivelmente a mais complexa de estabelecer. Para identificar e justificar a referência ao conceito em cada peça, estabeleci cinco categorias de análise de caráter qualitativo acerca da anarquia internacional. As categorias definidas correspondem a características ou elementos da anarquia internacional, com base na revisão de literatura realizada, e não são mutuamente exclusivas - na grande maioria das peças, foram identificadas mais do que uma destas categorias.

a) A peça refere a violação de normas internacionais
b) A peça refere a aplicação de sanções internacionais
c) A peça refere a guerra na Ucrânia
d) A peça refere a inação, incapacidade ou falhas de Organizações Internacionais ou do próprio sistema internacional
e) A peça refere o recurso às forças armadas

Figura 9: as categorias que caracterizam a referência à anarquia internacional

A primeira categoria que justifica a referência à anarquia internacional prende-se com a violação de normas internacionais. Esta categoria relaciona-se diretamente com o conceito de governação global, analisado no segundo capítulo do presente trabalho. Esta governação global permite distinguir o sistema internacional atual da anarquia internacional absoluta e isenta de normas ou regras. Não quer isto dizer que a anarquia internacional não se verifica na prática: como já vimos e como a análise reforçará, a mesma é um pano de fundo inevitável das relações internacionais. Não obstante, a governação global minimiza a desordem causada pelo caráter anárquico do sistema,

conferindo-lhe alguma previsibilidade e estabilidade (Keohane, 1982). Esta governação global é composta não só pelos atores da política internacional - que não se esgotam nos estados-nação, incluindo também organizações internacionais, organizações não-governamentais, empresas transnacionais, entre outros - mas também pelos regimes internacionais (Keohane, 1984). Estes regimes têm como elementos fundamentais os princípios, normas, regras e procedimentos de tomada de decisão na arena global (Keohane, 1984), sendo então um pilar crucial das normas internacionais. Os direitos humanos são um exemplo deste conceito de regime internacional, tendo como princípios, normas e regras associadas a obrigatoriedade de os Estados respeitarem a vida humana, estando previstos inúmeros tratados a nível internacional que regulam a proteção dos direitos humanos.

Apesar do valor e importância das normas internacionais, é fulcral não esquecer que, como já foi referido anteriormente, a governação global não equivale a um governo global (Brown & Ainley, 2009). As normas internacionais não são juridicamente vinculativas como as leis existentes dentro de cada estado-nação e, por isso, são frequentemente violadas pelos atores do sistema internacional. Como referiram estes autores, é fundamental não exagerar o alcance das normas internacionais, lembrando sempre o carácter anárquico do sistema (Brown & Ainley, 2009). Deste modo, quando uma peça faz referência a esse alcance limitado das normas e à sua violação por parte de atores internacionais, está indiretamente a referir o conceito de anarquia internacional.

No sistema internacional de cariz anárquico, onde não existe uma autoridade com o monopólio do uso legítimo da força (Waltz, 1979), não existem muitos meios para reagir a uma violação de normas internacionais. As normas internacionais referidas anteriormente não anulam essa inexistência. A invasão russa da Ucrânia, tema dominante da análise como veremos de seguida, constitui uma violação dos mais basilares princípios da ordem internacional, com destaque para o respeito pela integridade territorial dos Estados soberanos previsto pelo segundo artigo da Carta das Nações Unidas, um dos principais documentos da governação global. Estabelecendo um paralelo com a ordem nacional dos Estados, se dentro de determinado Estado soberano ocorresse uma semelhante violação de um princípio basilar da ordem legal interna desse Estado, entrariam em ação mecanismos legais para prevenir ou, em última instância,

cessar a violação e punir o ator da mesma. Acontece que, como já vimos, no sistema internacional não existe um órgão que detenha esse poder. É neste âmbito que entram as sanções internacionais. Neste sistema internacional onde as possibilidades de reação ou punição de uma flagrante violação de normas são escassas, as sanções surgem como uma das principais alternativas. Dada a interdependência econômica que caracteriza a cena mundial, essas sanções são de cariz econômico e financeiro, com o objetivo de impor custos tais ao agressor que seja preferível cessar a violação da norma em causa. Assim, uma peça que mencione a aplicação de sanções internacionais está a fazer alusão ao conceito de anarquia internacional, uma vez que estas sanções surgem como uma das escassas possibilidades de punir uma violação da ordem internacional.

A invasão russa da Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, é um dos temas dominantes das peças do *corpus* de análise, como veremos posteriormente. Se a referência à violação de normas internacionais é um elemento que reflete o conceito de anarquia internacional, a agressão lançada pela Rússia não poderia faltar na justificação desta variável. Efetivamente, esta agressão relembra-nos que o sistema internacional é ainda fortemente influenciado pelas premissas realistas (Waltz, 2022), destacando a importância das preocupações securitárias e da constante procura pela sobrevivência e poder do Estado. O desrespeito da Rússia pelas normas internacionais da integridade territorial dos Estados e da resolução pacífica de diferendos demonstra como, dada a anarquia do sistema internacional, é necessária a vontade individual dos Estados para existir algum consenso e previsibilidade a nível mundial. A agressividade da Rússia relembra-nos assim de que vivemos, apesar de todas as normas e regimes, numa anarquia internacional onde é muito difícil prevenir e quase impossível punir imediata e eficazmente uma agressão como esta. Assim, uma peça que mencione a guerra na Ucrânia associar-se-á ao conceito de anarquia internacional.

A referência à inação, incapacidade ou falhas de organizações internacionais ou do próprio sistema internacional reporta-se ao conceito de anarquia internacional na medida em que reflete como o sistema, ou as organizações internacionais que dele fazem parte, não têm os meios necessários para prevenir, impedir, ou punir legalmente uma agressão de um Estado soberano em relação a outro. Essa ausência de meios – a ausência do monopólio do uso legítimo da força – caracteriza a anarquia internacional, como já vimos, e leva, em determinadas circunstâncias, à inação do sistema

internacional pela inexistência de meios legais que lhe permitam, por exemplo, punir e travar com sucesso uma agressão como a que a Rússia tem levado a cabo. Assim, quando uma peça refere esta inação, incapacidade ou falhas – tanto do sistema internacional em geral como em organizações concretas como a União Europeia – reporta-se, indiretamente, à anarquia internacional e à ausência de um governo eficaz a nível mundial.

A última categoria de análise está relacionada com a categoria “c) A peça refere a guerra na Ucrânia”, tendo o objetivo de cobrir os casos em que os Estados recorrem à força, além da guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Assim, esta categoria reporta-se à falha ou ausência da resolução pacífica de diferendos e à consequente utilização da força por parte dos estados-nação. No sistema internacional anárquico, não existindo um governo com o monopólio do uso legítimo da força, os Estados acabam por coexistir num sistema de autoajuda, como vimos no segundo capítulo do presente trabalho; a anarquia internacional significa que todos os Estados podem usar a força para a sua defesa o que, por sua vez, implica que todos os Estados devem estar preparados para o fazer (Waltz, 1979). Esta presença constante da possibilidade do recurso à força, mesmo que em última instância, é um elemento fulcral da anarquia internacional e das preocupações securitárias dos Estados. Assim, uma peça que refira esse recurso à força por parte dos Estados, está indiretamente a fazer alusão à anarquia que caracteriza o sistema.

O jornalismo global na editoria Internacional da agência Lusa

Analisadas e justificadas todas as variáveis utilizadas na análise de conteúdo, examinemos os resultados, tendo em conta a questão inicial da investigação: como é que o jornalismo global e a anarquia internacional se refletem na editoria Internacional da agência Lusa?

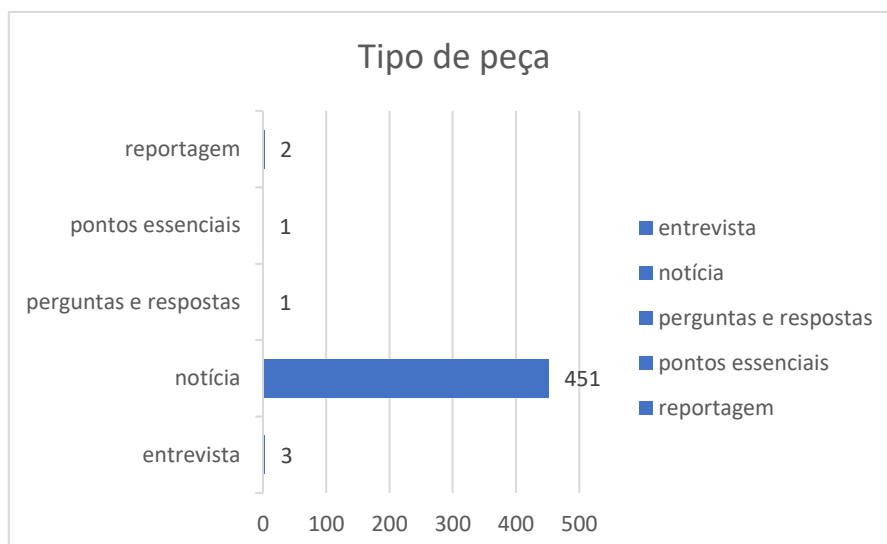


Figura 10: os resultados da variável “tipo de peça”

Observando os resultados da variável “tipo de peça”, verifica-se uma clara predominância da notícia: das 458 peças que constituem o *corpus* de análise, 451 são notícias (98%) e apenas duas são reportagens (0,4%). A forte presença do tipo notícia, ou seja, de peças mais curtas e com menos profundidade, deve ser associada à questão do desinvestimento no jornalismo internacional (Agnez, 2015) que, por sua vez, dificulta o desenvolvimento de um jornalismo verdadeiramente global, que responda ao cariz transnacional e complexo da realidade que nos envolve. Na entrevista que me concedeu no âmbito da presente investigação, no dia 22 de setembro de 2023, a jornalista Ana Matos Neves, correspondente da Lusa em Bruxelas, enfatizou essa realidade. "O grande problema do jornalismo hoje em dia é o desinvestimento e a falta de recursos", afirmou acrescentando que esse problema "leva a que os jornalistas e os *media* sejam cada vez mais sujeitos a pressões políticas, por exemplo no caso dos *media* estatais, e que fiquem quase numa situação de dependência não conseguindo responder da forma mais neutra e imparcial possível em termos de cobertura noticiosa" (Neves, 2023).



Figura 11: os resultados da variável “a peça contém destaque?”

No que diz respeito à variável "destaque", constata-se que a larga maioria das peças analisadas não continha qualquer destaque: das 458 peças que compõem o *corpus* de análise, 306 peças, ou seja, aproximadamente 67%. Este valor indica que uma significativa quantidade de temas e eventos tiveram uma cobertura mais isolada e menos continuada no tempo.

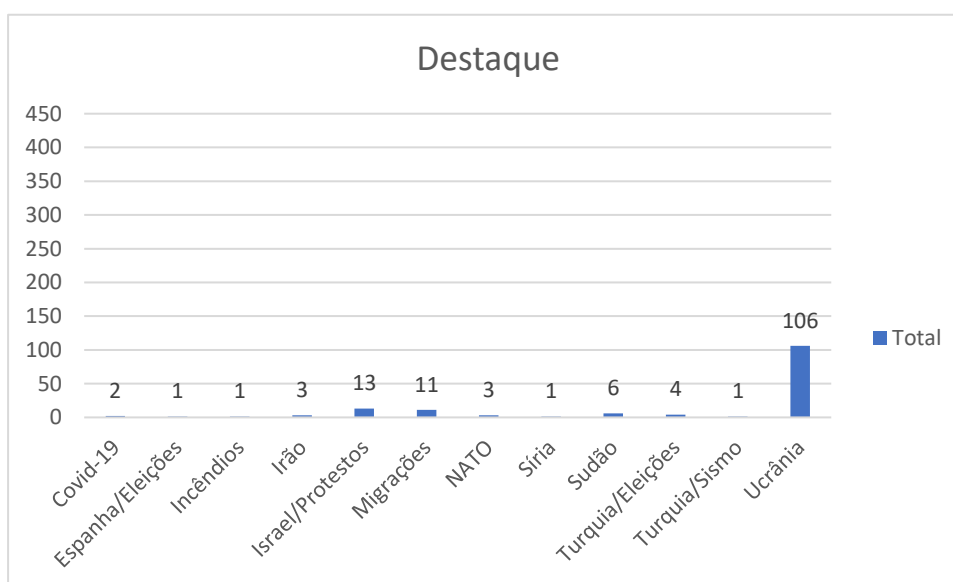


Figura 12: os resultados da variável “destaque”

Atentando nos resultados da variável, é importante salientar que esta não é totalmente fidedigna no que diz respeito ao seu significado em termos da cobertura dos temas ou eventos. Por exemplo, o destaque "NATO" contém apenas duas peças na análise, mas essa organização internacional foi alvo de cobertura noticiosa pela editoria Internacional bem mais do que duas vezes. O mesmo se aplica aos destaques "Síria" e "Migrações". Apesar de não ser completamente representativa dos temas cobertos ou da agenda da editoria, os resultados da variável permitem-nos observar o domínio da temática da guerra na Ucrânia na agenda da Lusa. O conflito foi noticiado em 106 peças, um valor que contrasta fortemente com os restantes destaques observados.

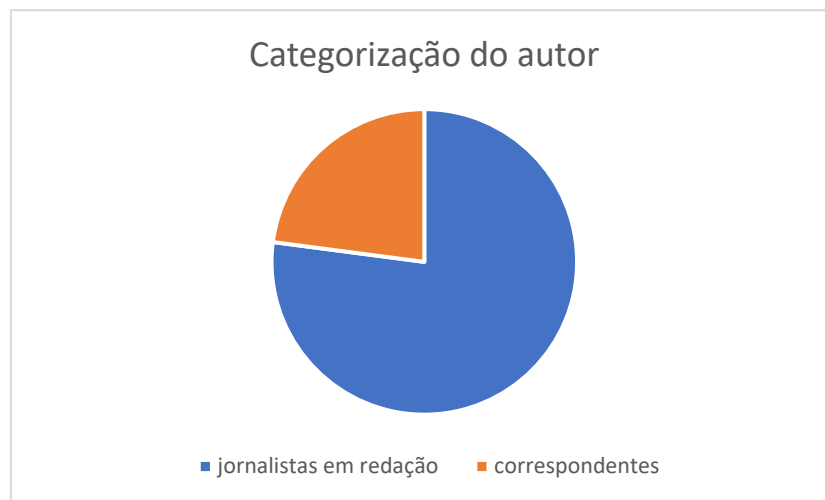


Figura 13: os resultados da variável "categorização do autor"

Os resultados da variável "categorização do autor" evidenciam um contraste muito significativo. Do total de 458 peças, uma esmagadora maioria de 353 (77%) estão identificadas como tendo sido escritas por um jornalista da redação, e apenas 105 (23%) peças são da autoria de jornalistas correspondentes. Este contraste evidencia a forte pressão que se encontra sobre os jornalistas da redação, verificada no contexto de estágio e relatada nas entrevistas realizadas. "Eu acho que, não só na Lusa, mas em todos os meios de comunicação, tinha de haver investimento principalmente em recursos humanos", afirmou a jornalista Cristina Silva Rosa, em entrevista (Rosa, 2023). O número reduzido de peças de jornalistas correspondentes reflete também o desinvestimento da Lusa na rede de correspondentes internacionais, sintomático do fenómeno geral da

decrecente aposta financeira a que se assiste nas empresas jornalísticas, com destaque para o jornalismo internacional. A rede de correspondentes da Lusa nos Estados Unidos é um exemplo deste desinvestimento, existindo apenas duas jornalistas correspondentes no país. "O que são dois jornalistas para um país tão grande?", questionou uma das correspondentes dos Estados Unidos, Marta Moreira, em entrevista. "É uma agenda tão pesada que não dá para uma pessoa. Por mais que eu queira cobrir vários panoramas, é humanamente impossível", destacou (Moreira, 2023).

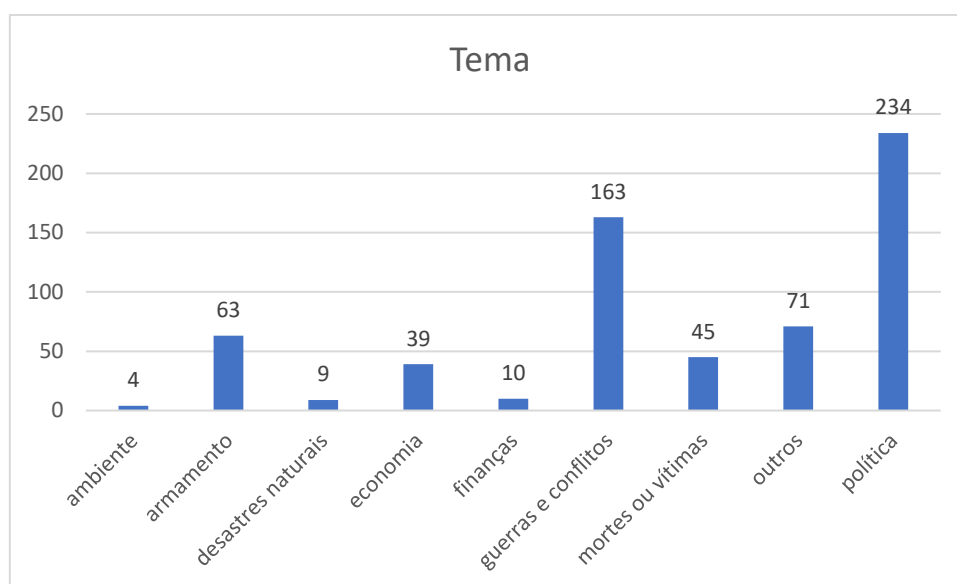


Figura 14 - os resultados da variável "tema"

A variável "tema" também revelou contrastes consideráveis. De todos os temas identificados, destacam-se a política, presente em 234 peças (51% do *corpus* de análise), a guerra e conflitos, em 163 peças (36%), e o armamento, em 63 peças (14%). A rubrica "outros" inclui temas diversos como cultura, crime e sociedade, entre outros, não exibindo assim um destaque expressivo dada a quantidade de temáticas que contém. Constata-se então um claro predomínio de temas associados às *hard news*, que tendem a ser menos preferidas pelo público que as vê como autoritárias e distantes (Bilteyreyst, 2001). Os contrastes evidenciados por estes resultados mostram também desequilíbrios na editoria no que diz respeito às áreas temáticas. Temas como o ambiente, desastres

naturais ou finanças acabam por se perder um pouco na agenda tão dominada pela guerra na Ucrânia e outras temáticas associadas a conflitos e política.



Figura 15: os resultados da variável “países mencionados”

Esta variável revelou-se uma das mais determinantes no âmbito do presente estudo. As dificuldades do jornalismo na criação de plataformas verdadeiramente transnacionais e globais (Reese, 2010), bem como a insuficiente representação de determinadas zonas geográficas (Reese, 2008) são evidenciadas nos contrastes observados na figura 15. Como se pode verificar, o continente africano, a América Latina, o Médio Oriente e uma parte significativa da zona geográfica da Ásia-Pacífico têm uma presença extremamente reduzida no *corpus* de análise, inferior a 2.99%. Questionada sobre a dimensão geográfica da cobertura da editoria Internacional da Lusa e as zonas menos representadas, a jornalista Cristina Silva Rosa não hesitou. "Eu diria que é maioritariamente a América Latina e o sul do Pacífico", afirmou acrescentando que "não é uma questão de negligência, mas sim uma questão de não ter um interesse tão grande para o público europeu" (Rosa, 2023).



Figura 16: os países mais mencionados

A figura 16 ilustra também os contrastes geográficos previamente descritos. Os quatro países mais presentes nas peças analisadas, conforme evidenciou o mapa, são os Estados Unidos, a China, a Rússia e a Ucrânia, contendo referências em, aproximadamente, um quarto das peças que compõem o *corpus* de análise.



Figura 17: os resultados da variável “referência a organizações internacionais”

Os resultados da variável "referência a organizações internacionais" revelaram que a maioria das peças da editoria não fazem alusão a organizações internacionais. Das 458 peças analisadas, apenas 177 (39%) mencionam uma ou mais organizações internacionais. Estes resultados suportam a noção, já anteriormente referida, de que a ordem internacional - da qual faz parte a extensa rede de organizações internacionais a nível mundial - não anula o carácter anárquico do sistema internacional tendo por isso estas organizações internacionais um papel limitado, apesar de importante, na atividade dos Estados. "O mundo está paralisado, o mundo está dividido, está muito complicado fazer consensos", afirmou a jornalista Marta Moreira quando questionada sobre o poder das organizações internacionais na política mundial (Moreira, 2023).



Figura 18: as organizações internacionais mais referidas

No que diz respeito às organizações internacionais, a União Europeia e a ONU destacam-se com 67 e 56 referências, respetivamente. Estes resultados revelam a importâncias destas organizações no sistema internacional e estarão também associados ao cariz eurocêntrico da cobertura da editoria Internacional já referido anteriormente.

A anarquia internacional na editoria Internacional da agência Lusa

A análise da variável mais complexa da presente investigação – a referência à anarquia internacional –, permite-nos retirar resultados extremamente interessantes. Como foi referido anteriormente, a primeira fase da análise desta variável correspondeu a uma leitura atenta de todas as peças com o fim de analisar se existia uma referência, ainda que indireta, ao conceito de anarquia internacional.



Figura 19: os resultados da variável “referência à anarquia internacional”

A análise revelou que, das 458 peças analisadas, 191 referem o conceito de anarquia internacional, o que corresponde a quase metade do *corpus* de análise (42%). Este resultado confirma a importância da anarquia internacional enquanto pano de fundo no qual decorrem as relações internacionais e os eventos que integram a agenda da editoria Internacional da agência Lusa. No entanto, foi absolutamente crucial caracterizar esta referência e defendê-la, ou seja, estabelecer por que motivos determinada peça aludia ao conceito de anarquia internacional. Esta caracterização foi feita através das categorias de análise anteriormente explicadas. Olhemos agora para a frequência com que cada uma dessas categorias surgiu nas 191 peças que referem o conceito de anarquia internacional:

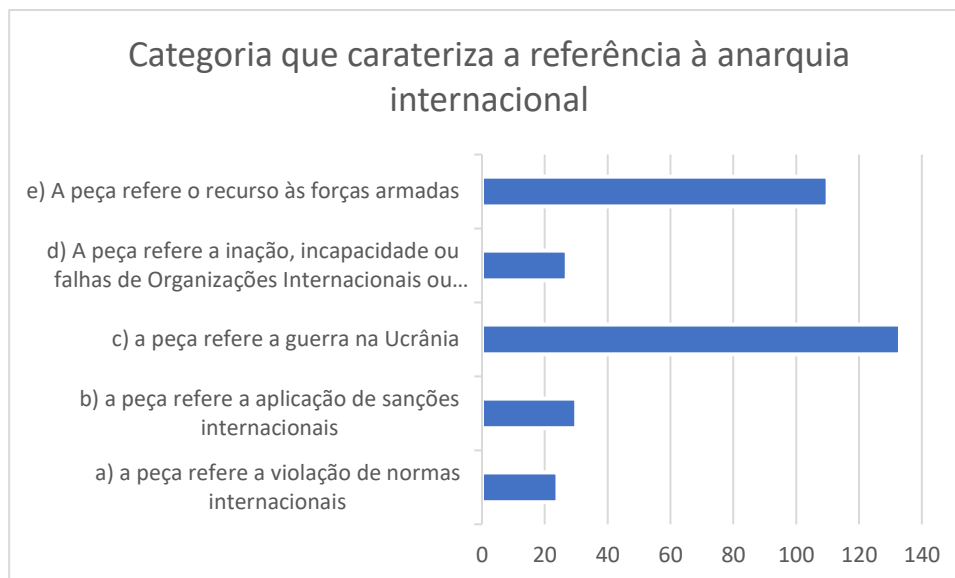


Figura 20: a frequência das categorias que caracterizam a referência à anarquia internacional

Os resultados revelaram um claro destaque das categorias c) e e), ou seja, as que se referem à guerra na Ucrânia e ao recurso às forças armadas por parte dos Estados, respetivamente. É importante esclarecer a diferença destas categorias e o porquê de apresentarem valores diferentes, nomeadamente o facto de a categoria de análise que se refere à guerra na Ucrânia apresentar uma frequência superior à que se refere ao recurso às forças armadas. Afinal, se a categoria e) se refere às forças armadas e se a c) se refere à guerra na Ucrânia, poder-se-ia inferir que a categoria e) teria necessariamente uma frequência superior relativamente à c), por incluir todas as peças sobre a guerra na Ucrânia, uma vez que aí se recorre às forças armadas, e todos os outros eventos em que o mesmo acontece. No entanto, a categoria c) foi desenhada para incluir todas as peças que abordam o tema da guerra na Ucrânia e nem todas as peças que tratam esse tema o fazem com ênfase na questão militar da guerra. Muitas peças focaram-se na componente política - por exemplo, nas sanções internacionais, nas relações diplomáticas na sequência do conflito e nas discussões sobre a guerra no contexto das Nações Unidas e da União Europeia. Outras peças focaram-se nas componentes económica e financeira - por exemplo, na questão da exportação de cereais, no impacto económico do conflito e nas relações comerciais internacionais. A categoria e), por sua vez, associa-se exclusivamente ao recurso às forças armadas,

ficando assim um número significativo das peças sobre o conflito na Ucrânia fora deste âmbito.

A predominância da categoria “c) A peça refere a guerra na Ucrânia” não foi um resultado surpreendente. Na minha experiência de estágio, e também considerando a minha perspectiva enquanto cidadã e consumidora de notícias, testemunhei a importância da guerra da Ucrânia no dia-a-dia da redação. A guerra foi um tema dominante em todas as reuniões semanais da editoria sem exceção. O destaque da categoria e) prende-se também com esta importância do conflito militar entre a Rússia e a Ucrânia, mas também com o ênfase dado pela editoria aos restantes conflitos internacionais, nomeadamente entre o Irão e a Arábia Saudita, entre a China e Taiwan e no Sudão. Estes resultados refletem a persistência da anarquia internacional enquanto pano de fundo da política mundial, sendo os conflitos entre os Estados uma constante na agenda mediática num plano global onde não existe uma autoridade com o monopólio do uso legítimo da força que controle o recurso às forças armadas por parte dos estados-nação e assegure a sua segurança plena no sistema internacional. “É impressionante como não se consegue chegar a decisões por mais simples que sejam os assuntos. Por mais que possa fazer falta alguém que faça cumprir as leis, acho que será muito difícil alguém obedecer, tendo em conta o contexto que temos hoje em dia”, afirmou a jornalista Marta Moreira (Moreira, 2023).

As restantes categorias apresentaram uma frequência relativamente uniforme. Um dos elementos que se destaca associa-se à categoria d), que corresponde à referência à inação, incapacidade ou falhas de organizações internacionais ou do próprio sistema internacional. A inação do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o órgão mais poderoso da organização, é um ponto crucial que ilustra a persistência da anarquia internacional e que foi vivamente relatado pela jornalista Marta Moreira, que acompanha diariamente reuniões do órgão. “O Conselho de Segurança está paralisado com o poder de veto da Rússia. Não há nada que se possa fazer ali”, destacou a jornalista Marta Moreira (Moreira, 2023). Também a jornalista Cristina Silva Rosa reconheceu a incapacidade das Nações Unidas, afirmando que “algumas agências funcionam de forma limitada, mas de forma global a ONU não funciona” (Rosa, 2023).

Exemplos da aplicação das categorias de análise.

A peça #106 do *corpus* de análise com o título “Ucrânia: EUA defendem tribunal especial para julgar ‘crimes de agressão’ russos” (Cf. Anexo 6) ilustra a aplicação das categorias de análise “a) a peça refere a violação de normas internacionais”, “c) a peça refere a guerra na Ucrânia” e “d) a peça refere a inação, incapacidade ou falhas de organizações internacionais ou do próprio sistema internacional”. A peça aborda a defesa, por parte dos Estados Unidos, da criação de um novo tribunal internacional para julgar a Rússia face à sua invasão da Ucrânia, referindo os crimes de guerra e crimes contra a humanidade cometidos por Moscovo e acrescentando que nem os Estados Unidos nem a Rússia subscreveram o Estatuto de Roma, “o tratado que sustenta o TPI” (Pinto, 2023). A peça ilustra assim as falhas do sistema internacional, uma vez que o Tribunal Penal Internacional – um dos órgãos máximos que poderia punir eficazmente a Rússia, a par do Conselho de Segurança das Nações Unidas – não é dotado da jurisdição necessária para intervir.

A peça #193 tem o título “Ucrânia: Guterres pede respeito pela soberania e integridade territorial perante Lavrov (atualizada)” (Cf. Anexo 7) e é ilustrativa das mesmas categorias de análise da peça anterior. A peça reporta diretamente a violação de normas internacionais através da citação de António Guterres, secretário-geral da ONU, que apelou ao “respeito pela soberania e integridade territorial” (Moreira, 2023) e classificou a invasão russa da Ucrânia como uma violação da Carta das Nações Unidas. Conforme citou a peça, Guterres afirmou também a necessidade do sistema internacional agir de forma mais eficaz e rápida protegendo os direitos humanos e prevenindo a eclosão de conflitos (Moreira, 2023), estando aqui patente a alusão às falhas do funcionamento do sistema.

A peça #247 é uma das mais relevantes no que diz respeito à aplicação da categoria de análise “b) A peça refere a aplicação de sanções” (Cf. Anexo 8). Por um lado, é reportada a utilização, por parte da Rússia, da economia como arma política de dissuasão das sanções internacionais, uma vez que a peça refere o facto de o país ameaçar não prolongar o acordo dos cereais – mediado pela ONU e pela Turquia – caso as sanções não cessem, nomeadamente ao nível do sistema bancário e das exportações agrícolas (Moreira, 2023). Por outro lado, a peça relata como o chefe da diplomacia

rusa minimizou o impacto das sanções na economia de Moscovo (Moreira, 2023), aludindo assim à utilização deste instrumento como uma das escassas opções dada a anarquia internacional do sistema e também à fragilidade do mesmo enquanto meio de coação.

O jornalismo global no quotidiano da Lusa

A experiência de estágio e as entrevistas realizadas permitiram compreender que o jornalismo global encontra alguns obstáculos na editoria Internacional da agência Lusa, sintomáticos das dificuldades que se verificam no panorama mais vasto do jornalismo e do seu modelo económico.

Efetivamente, a concretização de um jornalismo verdadeiramente global, que reporte os temas internacionais considerando as realidades transnacionais subjacentes e que não esqueça os atores fundamentais do sistema internacional, independentemente da zona geográfica onde se inserem, ainda não corresponde totalmente à realidade. O jornalismo global é dificultado pela pressão da agenda da editoria, que limita os temas, as zonas e os eventos que são alvo de cobertura noticiosa, e pela quantidade reduzida e decrescente de jornalistas nas redações, relatada nas entrevistas conduzidas no âmbito da presente investigação. "Temos muito poucas pessoas para fazer o mundo", afirmou a jornalista Cristina Silva Rosa (Rosa, 2023). Também a jornalista Marta Moreira reportou esta realidade: "a Lusa não tem capacidade de estar em todo o lado e eu tento ir ao que é possível, geograficamente falando" (Moreira, 2023). "Não há tempo, não há meios", afirmou a jornalista Ana Matos Neves (Neves, 2023). Na reunião semanal da editoria realizada a 15 de maio, esta pressão da agenda foi reafirmada pelo editor Paulo Dias Figueiredo, que informou os jornalistas de que a Direção de Informação da Lusa tinha transmitido um apelo à redução do número dos temas semanais dominantes. A rede de correspondentes internacionais da editoria é também reflexo desta realidade, com apenas cinco correspondentes no continente europeu, três na América do Norte, um na Venezuela e um em Pequim. Ficam excluídas dezenas de países absolutamente cruciais para a atualidade internacional, nomeadamente no Médio Oriente e Ásia Pacífico.

A existência de poucas reportagens, como se verificou na análise de conteúdo, é também reflexo destas dificuldades que se colocam à prática do jornalismo global, existindo uma primazia de peças mais curtas e menos espaço na agenda para peças mais profundas, como reportagens, que reportem com mais detalhe a complexidade dos temas da agenda internacional.

A tendência para a homogeneização dos conteúdos noticiosos identificada por Agnez (2015) e a forte dependência de serviços globais de notícias analisada por Biltereyst (2001) também foram verificadas na experiência de estágio e na realidade da Lusa. O trabalho diário da editoria passa predominantemente, como referi anteriormente, nas agências noticiosas internacionais, com destaque para a AP, a EFE e a AFP, dada a incapacidade de estar presencialmente nos locais onde ocorrem os eventos reportados devido à reduzida rede de correspondentes internacionais. É de notar que esta variável – a fonte das peças – não foi passível de análise no presente estudo devido à impossibilidade de registar com rigor todas as fontes (agências internacionais, relatórios, outros *sites* consultados, peças do arquivo da Lusa, entre outras) utilizadas pelos jornalistas nas várias peças. Seria necessário questionar o jornalista responsável por cada uma das peças, o que não seria viável dadas as rotinas de trabalho e a dimensão do *corpus* de análise. No entanto, a observação que concretizei durante os três meses de estágio, a informação que me foi dada pelos editores, todo o trabalho que realizei na editoria e as entrevistas realizadas permitem-me afirmar com convicção e rigor que as agências internacionais são a fonte predominante das peças da editoria Internacional da agência Lusa.

A jornalista Marta Moreira reconheceu também o desinvestimento sofrido pela Lusa e pelo jornalismo em Portugal e a nível internacional. "Isso reflete-se depois no produto que é entregue, porque ficamos cada vez mais dependentes de fontes terceiras ou de outras agências. Quando podemos estar presentes, é a garantia que podemos ouvir em primeira mão o que está a acontecer", afirmou (Moreira, 2023).

Apesar destas dificuldades que se colocam ao jornalismo internacional no caso da agência Lusa, todas as jornalistas entrevistadas reconheceram o papel crucial da profissão – e do jornalismo global - na atualidade, dada a crescente interdependência e complexidade da cena mundial. "O jornalismo tem uma função fundamental de cada vez mais informar o público de uma forma independente e bastante objetiva", afirmou

a jornalista Cristina Silva Rosa acrescentando considerar, no âmbito mais concreto do jornalismo global, “fundamental fazer o contexto geral para se entender fenómenos regionais, locais, porque tudo depende da globalização” (Rosa, 2023). “É mais difícil nós fazermos o nosso trabalho, mas é mais fundamental do que nunca”, enfatizou Marta Moreira (Moreira, 2023). A jornalista Ana Matos Neves defendeu também a importância do jornalismo internacional e do desenvolvimento do jornalismo global. “Nós temos uma responsabilidade cívica cada vez maior e uma responsabilidade enquanto serviço público também cada vez maior”, afirmou (Neves, 2023).

Considerações finais

Os três meses de estágio na editoria Internacional da agência Lusa foram uma experiência profundamente enriquecedora. Durante este período, pude observar em primeira mão as rotinas do jornalismo internacional de agência, testemunhar as dificuldades que se colocam ao jornalismo global e participar nas dinâmicas de trabalho da redação.

A minha formação em Relações Internacionais e as leituras que realizei sobre o tema da presente investigação forneceram-me bases extremamente importantes para o trabalho que me propus a desenvolver no início da experiência de estágio. Esta clareza e trabalho de base facilitaram a análise dos resultados da investigação e forneceram-me uma lente mais informada no que diz respeito à observação que concretizei na agência Lusa.

Como revela a revisão de literatura, o jornalismo global, que reporte e explicita os eventos da atualidade considerando as estruturas transnacionais que lhes estão subjacentes, é uma necessidade dos nossos dias. Paralelamente, a anarquia internacional surge aqui como pano de fundo crucial das relações internacionais, sendo uma realidade que influencia a atividade política e económica contemporânea e, conseqüentemente, o quotidiano de cada cidadão.

A globalização e a crescente dificuldade – ou mesmo impossibilidade – de distinguir o domínio doméstico do domínio internacional conferem ao jornalismo um papel absolutamente crucial na atualidade, cada vez mais complexa devido à emergência de questões que ultrapassam a esfera dos estados-nação. Todavia, apesar deste papel indispensável do jornalismo internacional, a revisão de literatura, a experiência de estágio e as entrevistas realizadas revelaram que à crescente importância do jornalismo tem correspondido um desinvestimento por parte das empresas jornalísticas. Este desinvestimento, conforme relataram as jornalistas entrevistadas, dificulta a profissão e impossibilita a realização de certos trabalhos, com destaque para as reportagens, como revelou a análise de conteúdo.

Os resultados da investigação evidenciaram que a anarquia internacional constitui um elemento de importância irrefutável na atualidade internacional e, conseqüentemente, na editoria internacional da Lusa. Todas as entrevistadas no âmbito deste trabalho

reconheceram o conceito enquanto pano de fundo crucial do seu trabalho, tanto no que diz respeito às falhas das organizações internacionais que acompanham, como na influência do mesmo no comportamento dos vários atores que participam na cena mundial. A análise de conteúdo exibiu também a forte presença do conceito nas peças produzidas pela editoria, com destaque para o desenvolvimento das categorias de análise associadas à anarquia internacional.

O jornalismo global na agência Lusa, por sua vez, enfrenta inúmeros desafios. Conforme se verificou na investigação realizada, a editoria Internacional apresenta um número manifestamente reduzido de jornalistas considerando a abundância e complexidade dos temas a cobrir. A rede de correspondentes internacionais é também insuficiente, com inúmeras zonas geográficas sem qualquer representação. Finalmente, verificou-se que a pressão para a redução dos temas da agenda é cada vez mais acentuada. Os jornalistas da editoria encontram-se assim sobrecarregados, conforme ilustraram as entrevistas conduzidas, e a realização de um trabalho jornalístico completo, profundo e verdadeiramente global é dificultada.

É urgente o investimento no jornalismo, com uma aposta manifestamente mais robusta no desenvolvimento de redações mais completas, dotadas de jornalistas com o *background* necessário para a cobertura de uma atualidade internacional crescentemente complexa. Será esse um passo imprescindível para o progresso do jornalismo global e para a contínua construção de um jornalismo que reconheça e reporte o transnacionalismo da cena mundial e a anarquia internacional que lhe está subjacente e que afeta todas as interações no palco global.

Apesar da reduzida duração do estágio realizado, o mesmo configurou uma vivência inesquecível e profundamente frutuosa. Fui rapidamente integrada nas rotinas de trabalho da editoria e tive a oportunidade de escrever sobre os mais variados temas, desde peças mais curtas a algumas peças mais complexas e profundas. Apesar do trabalho do Internacional se basear essencialmente na redação e no acompanhamento de outras agências noticiosas, tive o privilégio de acompanhar um dos jornalistas a um serviço exterior, na Presidência da República, o que me conferiu ferramentas e aprendizagens acrescidas.

O estágio na editoria Internacional da agência Lusa foi, em suma, uma experiência imensamente positiva, tendo tido a oportunidade de assinar 159 peças ao longo dos três meses de estágio.

Referências bibliográficas

- Abbott, K. W., & Snidal, D. (1998). Why States Act through Formal International Organizations. *The Journal of Conflict Resolution*, 42(1), 3–32.
- Agnez, F. (2015). O jornalismo internacional entre mudanças e permanências. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 12(2), 314-28.
- Axelrod, R., & Keohane, R. O. (1985). Achieving Cooperation under Anarchy: Strategies and Institutions. *World Politics*, 38(1), 226–254.
- Berglez, P. (2007). For a transnational mode of journalistic writing. Em B. Höijer, *Ideological horizons in media and citizen discourses* (pp. 147-61).
- Berglez, P. & Olausson, U. (2007). *Intentional and Unintentional Transnationalism: two political identities repressed by national media*. Second International Conference on Media and Communication, University of Famagusta, North Cyprus, 24 May.
- Berglez, P. (2008). What is Global Journalism. *Journalism Studies*, 9(6), 845-58.
- Biltreyst, D. (2001). Global News Research and Complex Citizenship: towards an agenda for research on foreign/international news and audiences. Em S. Hjavard (Ed.), *News in a Globalized Society* (pp. 41-62).
- Boyer, D., & Hannerz, U. (2006). Introduction: Worlds of journalism. *Ethnography*, 7(1), 5–17.
- Brown, C., & Ainley, K. (2009). *Compreender as Relações Internacionais*. Gradiva.
- Castells, M. (2008). The New Public Sphere: Global Civil Society, Communication Networks and Global Governance. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 616(1), 78- 93.
- Chalaby, J. (2005). From Internationalization to Transnationalization. *Global Media and Communication*, 1(1): 38–42.
- Contrato de Prestação de Serviço Noticioso e Informativo de Interesse Público entre o Estado Português e a Lusa (2022).

Duarte, É. E., & Campos, T. C. (2013). Waltz, a ideia de anarquia e o estudo das Relações Internacionais. *Relações Internacionais*, 39, 63-66.

Fernandes, A. H. (2012). A anarquia internacional: crítica de um mito realista. *Relações Internacionais*, 36, 87-104.

Gaspar, C. (2016). *O pós-Guerra Fria*. Tinta da China.

Grieco, J. (1988). Anarchy and the limits of cooperation: A realist critique of the newest liberal institutionalism. *International Organization*, 42(3), 485-507.

Keohane, R. O. (1982). The Demand for International Regimes. *International Organization*, 36(2), 325-55.

Keohane, R. O. (1984). *After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy*. Princeton University Press.

Lusa (2019). *Livro de Estilo*.

Mendes, N. & Coutinho, P. (2014). *Enciclopédia das Relações Internacionais*. Publicações D. Quixote.

Mintz, A. & DeRouen, K. (2010). *Understanding Foreign Policy Decision Making*. Cambridge University Press.

Moreira, M. (2023). Entrevista realizada no âmbito da investigação.

Moreira, M. (2023). Lavrov reconhece esforços de Guterres para facilitar exportações russas mas "sem resultados" (atualizada). *Agência Lusa*.

Moreira, M. (2023). Ucrânia: Guterres pede respeito pela soberania e integridade territorial perante Lavrov (atualizada). *Agência Lusa*.

Nações Unidas (1945). *Carta das Nações Unidas*.

Neves, A. (2023). Entrevista realizada no âmbito da investigação.

Pinto, R. (2023). Ucrânia: EUA defendem tribunal especial para julgar "crimes de agressão" russos. *Agência Lusa*.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.

Reese, S. (2008). Theorizing a Globalized Journalism. Em Löffelholz & Weaver, *Global Journalism Research* (pp. 240-42).

Reese, S. (2010). Journalism and Globalization. *Sociology Compass*, 4, 344-353.

Rosa, C. (2023). Entrevista realizada no âmbito da investigação.

Sousa, P. (2001). *Elementos de jornalismo impresso*. Universidade da Beira Interior.

Walt, S. (2022). An International Relations Theory Guide to the War in Ukraine. *Foreign Policy*, March 8, 2022. <https://foreignpolicy.com/2022/03/08/an-international-relations-theory-guide-to-ukraines-war/>

Waltz, K. (1979). *Theory of International Politics*. Addison-Wesley Publishing Company, Inc.

Waltz, K. (1988). The Origins of War in Neorealist Theory. *The Journal of Interdisciplinary History*, 18(4), 615–628.

Wendt, A. (1992). Anarchy is what States make of it: the social construction of power politics. *International Organization*, 46(2), 391-425

Viotti, P. R., & Kauppi, M. V. (2012). *International Relations Theory*. Pearson.

Anexos

Anexo 1: Entrevista à jornalista Cristina Silva Rosa (22/06/2023)

Olhando para a atualidade internacional e para aquilo que a Lusa cobre, quais é que considera serem os principais temas, eventos ou regiões em foco? Se tivesse de escolher 3 pilares digamos assim da atualidade internacional?

Para mim, é uma opinião pessoal claro, mas para mim seria a questão da guerra na Europa, da guerra na Ucrânia, o Oriente Médio, que é sempre um foco muito importante porque o balanço regional desta área é muito importante para a estabilidade global e talvez a Ásia Pacífico, que se estão a desenvolver ali umas questões importantes com a China e com a Índia, na minha opinião.

E agora, invertendo de certa forma a pergunta anterior, considera que existem temas, eventos ou regiões com grande importância, a seu ver, na atualidade e que não sejam cobertos ou tão cobertos pela Lusa? Temas, países, etc. "negligenciados", digamos assim, na cobertura da Lusa por questões de gestão de agenda e de recursos... E se sim, quais são?

Posso falar pela minha área, que infelizmente não é muito coberta porque aqui na Europa não se dá tanta importância, que é a América Latina como um todo. É uma questão que não está na pauta dos europeus, a não ser alguns países como o México e Brasil que se destacam, outros países são completamente ignorados... Nós na Lusa ainda tentamos fazer alguma coisa, mesmo ontem fiz uma reportagem sobre as eleições na Guatemala, mas é uma questão que realmente não interessa muito os europeus e os portugueses. É muito distante, eu diria. Não é uma questão de negligenciar, mas é uma questão de não ter um interesse tão grande para o público europeu. Outras regiões seriam o Pacífico Sul, que falamos muito pouco, a África damos até bastante destaque. Então eu diria que é maioritariamente a América Latina e o sul do Pacífico.

Neste mundo crescentemente globalizado, como é que vê o papel do jornalismo nos dias que correm, tendo em conta esta nova realidade em que tudo está tão interligado?

Eu acho que o jornalismo tem um papel importantíssimo, inclusive para combater certos fenómenos como as *fake news*, que são muito presentes na *internet*, e trazem informações muito erradas e por vezes maldosas com objetivos de interesses obscuros que são promovidos por alguns países ou algumas entidades. Então o jornalismo tem

uma função fundamental de cada vez mais informar o público de uma forma independente e bastante objetiva.

O jornalismo global, como eu referi no início, será um jornalismo que procura responder a esta globalização, com uma explicação interligada dos eventos internacionais, associando, por exemplo, a inflação num determinado país a questões como a guerra na Ucrânia e a interdependência dos sistemas económicos a nível mundial. Qual é a visão que tem acerca deste conceito de jornalismo global? Como é que interpreta este significado e o que é que o próprio conceito significa para si?

Eu acho que a globalização é uma realidade que já não se tem como negar. E nós cada vez mais temos os assuntos extremamente interligados. Acho fundamental fazer o contexto geral para se entender fenómenos regionais, locais, porque tudo depende da globalização. É um fenómeno global.

A anarquia internacional significa, em termos simples, a ausência, a nível global, de uma autoridade com o chamado monopólio do uso da força legítima, ou seja, uma autoridade com poder de coagir os Estados a agir de determinada forma e uma autoridade que produza leis juridicamente vinculativas para todos, à semelhança do que temos nos países a nível individual. Não tem de ser caótica nem necessariamente de significar a guerra, mas é um pano de fundo consensual entre várias teorias da vida internacional. Como é que vê o significado deste conceito nos dias que correm? Acha que se reflete na prática internacional, digamos, e naquilo que o Internacional da Lusa cobre? Ou não se reflete?

Eu acho que se reflete. Não existe por enquanto, ou então não vemos... Ou então de formas muito subtis, vemos um certo domínio, mas não pela força, pela guerra, mas de forma subtil. Eu acho que a China e a Índia, principalmente a China, está a ter um processo de domínio do mundo, de mercados, e de influência muito grande que aliás está a ultrapassar os Estados Unidos. Tanto que vimos o Blinken a ir para a China agora porque estão muito apavorados, porque estão a perder muito da sua influência. Agora de uma forma geral, não existe ninguém que possa legitimamente ter uma hierarquia. Uma organização que poderia fazer isso é a ONU, mas não funciona, de forma alguma. A ONU não funciona. Algumas agências funcionam de forma limitada, mas de forma global a ONU não funciona.

Considera que então as organizações internacionais, com destaque para o Conselho de Segurança que seria, teoricamente, um dos fóruns mais influentes, e mesmo a União Europeia e ONGs como a Amnistia, acabam por ser vencidas por esta realidade da anarquia internacional?

Completamente. A influência passa por áreas mais subtis. Porque se formos à procura de uma hierarquia com leis, com regras, isso não está a funcionar.

É muito interessante essa questão da subtilidade porque realmente a China tem-se afirmado sem ter de recorrer às armas, de uma forma muito subtil, e de repente é uma grande potência...

Mesmo na América Latina, eu vejo que cada vez mais a China de uma forma assustadora está a invadir os mercados e a influência na América Latina está cada vez mais forte. É uma área que eu sigo e vejo que a China realmente está em tudo cada vez mais e que os Estados Unidos estão a tentar recuperar, mas está difícil.

Os autores que desenvolvem o conceito de jornalismo global afirmam que a questão financeira e a falta de investimento no jornalismo são desafios que dificultam muito este trabalho na prática. Como é que vê este desinvestimento do jornalismo na Lusa e no Internacional, em particular, que como sabemos exige outro tipo de investimentos e abarca tantos temas e tantos países?

Eu acho que carecemos de pessoal, como você viu. Temos muito poucas pessoas para fazer o mundo. Eu acho que, não só na Lusa, mas em todos os meios de comunicação, tinha de haver investimento principalmente em recursos humanos. Principalmente pessoas com formação em relações internacionais por exemplo, ou como eu que tenho *background*, sou formada em História e depois formei-me em Jornalismo. Ou seja, pessoas que tenham *background*, que tenham uma formação específica. Isso leva tempo e é um investimento grande.

Anexo 2: Entrevista à jornalista Marta Moreira (5/07/2023)

Como é que começou o seu percurso no jornalismo e na Lusa até chegar a correspondente em Nova Iorque?

A minha entrada no mundo do jornalismo foi logo como correspondente, eu fui para o Brasil. Tal como tu, eu tirei o mestrado na ESCS e na ocasião o meu estágio foi feito na

SIC, no final do estágio tive de fazer a tese tal como tu e logo após eu apresentar a tese recebi uma proposta da Lusa para ser a nova correspondente no Brasil. Na ocasião a proposta chegou-me por um professor que trabalhava na Lusa e isto aconteceu porque a Lusa estava sem presença no Brasil há alguns anos e aproximava-se uma eleição muito importante que viria a ser vencida por Jair Bolsonaro e então como a Lusa não tinha nenhum correspondente em Brasília há alguns anos decidi voltar a ter alguém lá e falaram-me então dessa proposta. Eu aceitei logo porque achei que era uma oportunidade que não voltaria a aparecer e então a minha entrada no jornalismo foi logo como correspondente. Isso foi muito importante para conseguir crescer porque é uma realidade logo muito pesada e no Brasil tudo é vivido de forma intensa, é um ambiente político muito diferente de Portugal, toda a gente está envolvida, toda a gente tem uma opinião sobre a política, toda a gente sabe o que se passa. Então eu sabia que seria desafiante e seria muito bom para mim em termos de crescimento a vários níveis. Aceitei a proposta, cheguei poucos meses antes das eleições, tive a oportunidade de cobrir ali os bastidores das campanhas eleitorais para a eleição de 2018 e posteriormente o governo de Jair Bolsonaro até 2022 e depois surgiu a oportunidade de eu vir para Nova Iorque e aceitei porque já eram três anos e meio no Brasil, acho que o meu percurso lá estava completo e decidi experimentar então outra realidade, muito diferente. Mas aqui o meu trabalho é mais focado na ONU, sou correspondente residente da Lusa na ONU, mas também cubro a parte política das comunidades portuguesas, tudo um pouco.

Quais é que são para si as principais diferenças entre a sua realidade enquanto jornalista em Portugal e nos Estados Unidos?

É tudo muito diferente. No Brasil eu tive a contrapartida de ter lidado com a pandemia covid-19, que no Brasil foi muito grave como sabemos, foi um dos países onde mais mortes foram registadas, mais números de vítimas, e a grande parte do meu percurso no Brasil foi marcado pela pandemia. Eu sei que o meu trabalho esteve limitado nesse ponto. Todas as reportagens, todo o contexto do jornalismo que eu fiz foi condicionado pela pandemia, um governo que foi muito polémico na gestão que fez da pandemia, então mais de metade do meu percurso no Brasil foi em torno da pandemia e da gestão que Jair Bolsonaro fez da pandemia, e também todas as outras polémicas que envolveram o governo, a questão ambiental, também cubri muito a parte cultural, tive

a oportunidade de viajar por muitos Estados do Brasil, tal como os Estados Unidos é um país muito grande, muito vasto, muito diverso, com grandes problemas estruturais. Nos Estados Unidos, aqui em Nova Iorque é tudo muito diferente, desde já pela parte de estar na ONU. O meu dia a dia é muito diferente, enquanto eu ali estava todos os dias a acompanhar o que é que o governo fazia, o que é que a oposição fazia, o que é que o Lula estava a planear fazer, a sua saída da prisão, aqui na ONU é um dia a dia ainda muito marcado pela guerra na Ucrânia. Todos os dias acompanho reuniões do Conselho de Segurança e muitas delas são sobre a guerra na Ucrânia, mas também outros conflitos ao redor do mundo, em África, agora no Haiti, no Sudão, são realidades muito diversas, mas também tenho a questão das eleições, as eleições aqui nos Estados Unidos, tenho de ir muitas vezes a outros Estados acompanhar campanhas políticas de Joe Biden, Donald Trump, as figuras mais marcantes. A Lusa não tem capacidade de estar em todo o lado e eu tento ir ao que é possível, geograficamente falando. Mas é uma realidade bastante diferente.

Neste mundo crescentemente globalizado, como é que vê o papel do jornalismo nos dias que correm, tendo em conta esta nova realidade em que tudo está tão interligado?

O jornalismo é fundamental, hoje mais do que nunca. É assustador como a desinformação prolifera nas redes sociais. Eu quando estava no Brasil via muito isso porque o Brasil é um núcleo onde o *WhatsApp* é quase um jornal nacional. As famílias criam fortes desavenças devido ao que é partilhado ali no *WhatsApp* e a quantidade de *fake news* que circulava... Eu cheguei a ir entrevistar pessoas, mas pessoas cultas, que tiveram a oportunidade de estudar, e as pessoas mostravam-me imagens adulteradas, que claramente eram *fake news*, a pessoa cega pela sua afiliação política nem se consegue aperceber que está perante uma *fake news*. E um fenómeno muito engraçado, no mau sentido, no Brasil é a desconfiança que há do jornalismo, do jornalismo que é credenciado, que é fiel, verídico, que tem estatuto. Por exemplo, a rede Globo... criou-se um ambiente ali no Brasil onde a rede Globo era vista como um alvo a abater pelos apoiantes de Jair Bolsonaro, que é uma grande proporção da população, e eu cheguei a ir a manifestações de apoiantes de Bolsonaro, e vinham-me perguntar se eu era da Globo com intenção de me agredir. Ou seja, mesmo o jornalismo em si é alvo de ataques.

É mais difícil nós fazermos o nosso trabalho, mas é mais fundamental do que nunca, porque se não formos nós, quem é que será?

A anarquia internacional significa a ausência de uma autoridade com o monopólio do uso da força legítima, ou seja, uma autoridade com poder de coagir os Estados a agir de determinada forma e uma autoridade que produza leis juridicamente vinculativas para todos, à semelhança do que temos nos países a nível individual. Não tem de ser caótica nem necessariamente de significar a guerra, mas é um pano de fundo consensual entre várias teorias da vida internacional. Como é que vê o significado deste conceito nos dias que correm? Acha que se reflete na prática internacional, digamos, e na sua experiência daquilo que observa enquanto correspondente nos Estados Unidos?

Eu acho que... por exemplo, uma das maiores organizações é a ONU e vejo a dificuldade que é, cada vez mais, em conseguir consenso dentro de qualquer tema que seja abordado na ONU. Ou seja, mesmo uma organização que tem 193 estados-membros, a pluralidade é imensa, e a falta de consenso é imensa. Conseguir um governo nessa amplitude seria muito difícil de alcançar. Eu estou mais por dentro da ONU e está cada vez mais dividida. É impressionante como não se consegue chegar a decisões por mais simples que sejam os assuntos. Por mais que possa fazer falta alguém que faça cumprir as leis, acho que será muito difícil alguém obedecer, tendo em conta o contexto que temos hoje em dia.

Como é que vê o papel de um órgão como o Conselho de Segurança das Nações Unidas considerando este pano de fundo da anarquia? Tem poder na vida dos Estados e nos eventos internacionais? Como é que vê esse poder?

O Conselho de Segurança está paralisado com o poder de veto da Rússia. Não há nada que se possa fazer ali. A Rússia já usou o seu poder de veto inúmeras vezes e não tem pudor nenhum em utilizá-lo. Qualquer ação vinculativa que se tente tomar naquele conselho, que é o órgão mais poderoso da ONU, não consegue avançar. Se esse não consegue avançar, vais conseguir avançar como? O mundo está paralisado, o mundo está dividido, está muito complicado fazer consensos. Vemos a questão do acordo dos cereais entre a Rússia e a Ucrânia, está a ser mediado pela Turquia e a ONU. Tentou-se estabelecer aqui duas entidades mediadoras que consigam estabelecer o contacto, mediar as negociações, mas de seis em seis meses voltamos a ter as mesmas questões,

a Rússia volta a dizer que não irá renovar o acordo, a ONU quer que os países não aplicam sanções aos fertilizantes. A ONU pede aos países, mas os países não cumprem. Tudo é alvo de divisão, não há consenso. A anarquia vai proliferar durante alguns tempos, com o ambiente que temos hoje em dia não vejo outro cenário possível.

Os autores que desenvolvem o conceito de jornalismo global afirmam que a questão financeira e a falta de investimento no jornalismo são desafios que dificultam muito este trabalho na prática. Como é que vê este desinvestimento do jornalismo na Lusa e no Internacional, tendo em conta a sua experiência específica enquanto correspondente? Sente que o seu trabalho é dificultado por esta realidade?

Sim, claro que sim. Neste momento a Lusa tem duas pessoas nos Estados Unidos, eu e a Ana Rita Guerra. O que são dois jornalistas para um país tão grande? Por isso é que o meu trabalho é muito vinculado à ONU e a esta costa dos Estados Unidos e mesmo assim é uma agenda tão pesada que não dá para uma pessoa, por mais que eu queira cobrir vários panoramas, é humanamente impossível. Isso vem dessa questão do financiamento, está cada vez mais complicado, vemos redações a fazer despedimentos em massa, não só em Portugal. Isso reflete-se depois no produto que é entregue, porque ficamos cada vez mais dependentes de fontes terceiras ou de outras agências. Quando podemos estar presentes, é a garantia que podemos ouvir em primeira mão o que está a acontecer.

Anexo 3: Entrevista à jornalista Ana Matos Neves (22/09/2023)

Como é que começou o seu percurso no jornalismo e na Lusa até chegar a correspondente em Bruxelas?

Eu acabei de me licenciar em 2013, tirei o curso em comunicação e media no Instituto Politécnico de Leiria e na altura tinha feito um estágio na Lusa. Na altura, fiquei no piquete da manhã, por falta de escolhas, na verdade, o que me permitiu trabalhar com todas as editorias, eu fazia coisas para todas as editorias. Ou seja, não havia um foco específico no Internacional, mas acabou depois por acontecer. Depois, acabei o estágio, estive a trabalhar uns meses no Notícias ao Minuto e voltei para a Lusa em março de 2014 para trabalhar como correspondente local em Lisboa. Estive cerca de três anos nessa posição. Depois desse papel fui para a editoria de economia em 2017 e estive aí

durante cerca de dois anos até vir para Bruxelas. Nós na Lusa temos alguns concursos internos para um lugar na delegação de Bruxelas. O objetivo é formar pessoas na área dos assuntos europeus. Eu concorri e vim então para Bruxelas. Eu agora sou a responsável pela delegação, desde maio, e temos uma equipa de três pessoas na delegação de Bruxelas. Obviamente fazemos a cobertura de assuntos europeus, mas sempre com o ângulo português, dando sempre primazia àquilo que os assuntos europeus representam para Portugal.

Neste mundo crescentemente globalizado, como é que vê o papel do jornalismo nos dias que correm, tendo em conta esta nova realidade em que tudo está tão interligado?

Eu posso falar mais a nível europeu, que é o que conheço melhor. Daquilo que eu vejo, nós temos uma responsabilidade cívica cada vez maior e uma responsabilidade enquanto serviço público também cada vez maior. Vemos por exemplo que a configuração do parlamento europeu mudou imenso com as eleições europeias de 2019, ainda não temos um partido de extrema-direita, mas muitos países que não tinham começaram a ter e provavelmente isso vai acontecer connosco nas próximas eleições. Ou seja, aquilo que vamos ver e que já houve uma mudança de paradigma com as eleições europeias de 2019 vai acentuar-se nestas eleições. Vamos ter cada vez mais partidos extremistas, muitos eurocéticos que na verdade não acreditam totalmente neste projeto, um contra senso. E aquilo que vemos também é que este tipo de partidos acaba por atentar um pouco contra as liberdades e contra os direitos de muitas pessoas e muitas minorias. Aquilo que está em causa com essa mudança, com essa dinâmica da política europeia é não só em termos políticos, mas obviamente que a última consequência é ao nível da sociedade. A responsabilidade que temos enquanto jornalistas é a de reportar essa realidade e passar sempre a mensagem de que é importante ter consciência do que é que isso implica. Em duas crises recentes nós vimos o quão importante é o papel do jornalismo. Na crise da covid-19, quando não havia muita informação científica disponível, os jornalistas e os meios de comunicação credíveis e factuais foram os guias para a população. E no que toca aos efeitos da guerra penso que também houve essa consciencialização.

A anarquia internacional significa, em termos simples, a ausência, a nível global, de uma autoridade com o chamado monopólio do uso da força legítima, ou seja, uma

autoridade com poder de coagir os Estados a agir de determinada forma e uma autoridade que produza leis juridicamente vinculativas para todos, à semelhança do que temos nos países a nível individual. Sendo jornalista numa cidade que é casa de um grande número de instituições europeias, como é que vê este conceito? Destaca-se mais a "ordem" internacional ou a desordem, tendo em conta a sua experiência?

Nós temos claramente uma ordem e essa ordem é respeitada no contexto do projeto europeu. Temos a divisão de competências e isso é respeitado e temos também um parlamento europeu que funciona aqui como um legislador, um bocado mais *outsider* mas ainda assim com palavra e com peso no processo decisório. O que eu acho é que há um risco de, com a entrada de novos atores, por exemplo com os partidos extremistas ou com atores políticos com visões mais eurocéticas ou mais contra o sistema, isso pode estar em risco de certa forma. Por exemplo, a comissão e a Hungria estão com uma disputa porque a comissão despendeu algumas verbas comunitárias à Hungria para o respeito pelo estado de direito, foi uma coisa inédita que nunca tinha acontecido e aquilo a que se assiste neste momento é quase uma chantagem da Hungria, ainda não oficializada, em relação à próxima presidência húngara da União Europeia, ou seja, a Hungria podia não cumprir o seu papel de liderança por ter essa situação com a comissão europeia. Portanto aquilo que eu quero dizer é que com todas as mudanças geopolíticas e políticas, a ordem internacional pode estar em risco.

O que é que reforçaria no jornalismo para que este respondesse em pleno à complexidade e muitas vezes desordem da realidade internacional? O que é que considera essencial para a prática do jornalismo internacional?

Eu acho que o grande problema do jornalismo hoje em dia é o desinvestimento e a falta de recursos. Isso leva a que muitas vezes a cobertura noticiosa que é feita não seja tão credível ou tão fidedigna ou tão reforçada. Não há tempo, não há meios. Isto leva, paralelamente, a que os jornalistas e media sejam cada vez mais sujeitos a pressões políticas, por exemplo no caso dos *media* estatais, e que fiquem quase numa situação de dependência não conseguindo responder da forma mais neutra e imparcial possível em termos de cobertura noticiosa.

Anexo 4: Título e data das peças que compõem o *corpus* de análise

<i>Título</i>	<i>Data</i>
Dois pilotos cubanos fugiram para os Estados Unidos numa asa delta a motor	27/03/2023
Coreia do Norte disparou hoje pelo menos mais um míssil balístico	27/03/2023
Presidente de Israel pede fim imediato da reforma judicial	27/03/2023
Central sindical israelita anuncia greve geral imediata contra a reforma judicial	27/03/2023
PM espanhol substitui duas ministras para serem candidatas nas municipais de maio	27/03/2023
Pequim diz que japonês suspeito de espionagem vai ser alvo de processo	27/03/2023
Protestos levam à suspensão de sessão no parlamento indiano	27/03/2023
Turquemenistão declara válidas as eleições legislativas para o parlamento	27/03/2023
Reino Unido vai proibir "gás hilariante" para combater comportamento anti-social	27/03/2023
Diplomatas de Riade e Teerão preveem encontro após o Ramadão	27/03/2023
Moldova realiza exercícios militares conjuntos com Roménia, EUA e Reino Unido	27/03/2023
Exército birmanês vai manter repressão contra oposição - líder da junta militar	27/03/2023
Pontos essenciais: Israel/protestos: os pontos mais polémicos da reforma judicial que dividem Israel	27/03/2023
Ucrânia: Rússia vai colocar armas nucleares na Bielorrússia apesar das críticas	27/03/2023
Pelo menos seis mortos e 12 feridos em ataque suicida no Afeganistão	27/03/2023
Um morto em ataque armado a canal televisivo na Albânia	27/03/2023
Ucrânia: ataque russo em Sloviansk faz pelo menos dois mortos e 29 feridos	27/03/2023
Migrações: missão da ONU denuncia escravidão sexual de detidos na Líbia	27/03/2023
Berlim classifica como escalada colocar armas nucleares russas na Bielorrússia	27/03/2023
Ucrânia: Moscovo emite ordem de prisão do líder do Corpo de Voluntários Russos	27/03/2023
Humza Yousaf sucederá a Nicola Sturgeon como primeiro-ministro escocês	27/03/2023
Governo libanês aplica hora de verão a partir de quinta-feira, após protestos	27/03/2023
Israel/protestos: diplomatas israelitas no exterior juntam-se a greves contra reforma judicial	27/03/2023
Ucrânia: Zelensky reúne-se com chefe da agência de energia atómica em Zaporijia	27/03/2023

Incêndios: fogo por controlar em Espanha há quatro dias já queimou 3.800 hectares	27/03/2023
Pelo menos 16 mortos em deslizamento de terras no Equador	27/03/2023
perguntas e respostas: as armas nucleares táticas que a Rússia irá colocar na Bielorrússia	27/03/2023
Israel/protestos: embaixada em Portugal fecha contra reforma judicial de Netanyahu	27/03/2023
Ucrânia: Zelensky reúne-se com chefe da agência de energia atômica em Zaporijia (atualizada)	27/03/2023
Guterres pede a governos para introduzir conteúdos sobre escravatura nos currículos escolares	27/03/2023
Página de internet do parlamento francês foi bloqueada por piratas russos	27/03/2023
Tribunal italiano mantém anarquista em regime de prisão igual ao de mafiosos	27/03/2023
Israel/protestos: mais de 100.000 concentram-se em frente ao parlamento contra reforma judicial	27/03/2023
Israel/protestos: aliado de Netanyahu anuncia adiamento da reforma judicial	27/03/2023
Israel/protestos: aliado de Netanyahu anuncia adiamento da reforma judicial (atualizada)	27/03/2023
Partido de Macron cria sistema de apoio para deputados ameaçados	27/03/2023
Pelo menos três crianças mortas num tiroteio numa escola nos EUA	27/03/2023
NATO: parlamento húngaro ratifica adesão da Finlândia	27/03/2023
Presidente dos EUA proíbe uso de 'software' de vigilância pelo governo	27/03/2023
Pelo menos três crianças mortas num tiroteio numa escola nos EUA (atualizada)	27/03/2023
Senadores Democratas dos EUA pedem a Biden para suspender detenção de migrantes	27/03/2023
Trabalhadores do Louvre bloqueiam entradas do museu contra nova lei das pensões	27/03/2023
NATO: parlamento húngaro ratifica adesão da Finlândia (atualizada)	27/03/2023
Ucrânia: Alemanha entregou blindados Leopard a Kiev - Scholz	27/03/2023
Israel/protestos: Netanyahu anuncia pausa na reforma judicial e acalma tensões	27/03/2023
Sete mortos em tiroteio numa escola nos EUA, incluindo atirador	27/03/2023
Polícia confirma que autora do tiroteio em escola nos EUA tinha 28 anos	27/03/2023

Governo francês mobiliza dispositivo policial "inédito" face nova jornada de protestos	27/03/2023
Líder do PP e da oposição em Espanha recebido esta semana pelo PR português	27/03/2023
Casa Branca repete apelos por proibição de armas semiautomáticas após novo tiroteio	27/03/2023
Ucrânia: Conselho de Segurança rejeita resolução russa para investigação aos Nord Stream	27/03/2023
Israel/protestos: EUA saúdam adiamento da reforma sobre a justiça	27/03/2023
Biden condena tiroteio em Nashville e pede "mais" para proteger as escolas	27/03/2023
Ucrânia: Zelensky e Agência Internacional Atômica preocupados com centrais nucleares	27/03/2023
Reino Unido saúda impasse na reforma judicial em Israel	27/03/2023
Borrell quer ação internacional no Haiti e apoia o que a República Dominicana fizer	27/03/2023
Turquia convoca embaixador francês devido a condecorações curdosírias	27/03/2023
Israel: manifestantes israelitas travam reforma judicial de Netanyahu	27/03/2023
Suspeita de autoria do tiroteio em escola dos EUA terá premeditado atentado	28/03/2023
Advogada Tirana Hassan nomeada diretora executiva da Human Rights Watch	28/03/2023
Libertado sob fiança um dos suspeitos de causar o acidente ferroviário na Grécia	28/03/2023
Eleições parlamentares em Cuba merecem elogios do presidente e críticas de ONG	28/03/2023
Ossos de "gigante" desenterrados no Equador são de uma preguiça extinta	28/03/2023
Venezuela e EU procuram nova dinâmica nas relações bilaterais	28/03/2023
Maduro condecora embaixador chinês e destaca nível de relações sino-venezuelanas	28/03/2023
Israel/Protestos: ONU "observa de perto" crise política	28/03/2023
China quer salvaguardar com Honduras interesses dos países em desenvolvimento	28/03/2023
PR chinês defende que diálogo Teerão-Riade vai aliviar as tensões na região	28/03/2023
Migrações: pelo menos 37 migrantes morreram num incêndio na fronteira mexicana	28/03/2023
Grécia marca eleições legislativas para 21 de maio	28/03/2023
Ex-líder de Taiwan inicia viagem à China com visita a túmulo de Sun Yat-sem	28/03/2023
Manifestantes bloqueiam estação de comboios em Paris, protestos espalham-se	28/03/2023
Polícia belga detém oito suspeitos em operações antiterroristas	28/03/2023

Ucrânia: Minsk liga destacamento de armas nucleares russas a pressão ocidental	28/03/2023
Sismo de magnitude 6,1 atinge o norte do Japão	28/03/2023
Ucrânia: forças pró-russas reivindicam controlo da zona industrial de Bakhmut	28/03/2023
Esturjões do Yangtsé desovam na natureza pela primeira vez em 23 anos	28/03/2023
Rei saudita em breve em Teerão após normalização de relações bilaterais	28/03/2023
Rússia lamenta que ONU rejeite proposta de investigação de ataque a gasodutos	28/03/2023
Ucrânia: Zelensky acusa Rússia de atacar 500 templos religiosos	28/03/2023
ONU acusa Coreia do Norte de sequestros e desaparecimentos forçados	28/03/2023
Governo britânico eleva risco de terrorismo na Irlanda do Norte	28/03/2023
Rússia testou mísseis antinavio no mar do Japão	28/03/2023
Governo interino da Bulgária acusa Rússia de vaga de ameaças de bomba contra escolas	28/03/2023
Ucrânia: visitas de europeus a Pequim ilustram capacidade de promover paz - analistas chineses	28/03/2023
Ucrânia: Bulgária demarca-se de plano conjunto da EU para enviar munições a Kiev	28/03/2023
Antigo líder Jeremy Corbyn proibido de se recandidatar pelo Partido Trabalhista	28/03/2023
Supremo Tribunal francês recusa extraditar ex-militantes italianos de extrema-esquerda	28/03/2023
Turquia/sismo: mais de 800 mil trabalhadores turcos e sírios sem meios de subsistência	28/03/2023
Ucrânia: russo que perdeu a custódia da filha por criticar guerra está em fuga	28/03/2023
Greve dos trabalhadores de recolha de lixo em Paris suspensa a partir da quarta-feira	28/03/2023
Ucrânia: PM britânico urge China a pressionar Rússia para retirar e negociar	28/03/2023
Incêndio em centro de detenção de imigrantes no México faz 39 mortos	28/03/2023
Reportagem: sindicatos, 'coletes amarelos' e jovens unidos em Paris contra Macron	28/03/2023
Polícia grega detém dois suspeitos de planejar ataque terrorista	28/03/2023
Junta no poder em Myanmar anuncia dissolução do partido de Aung San Suu Kyi	28/03/2023
Novo primeiro-ministro escocês promete "voz positiva e progressista"	28/03/2023
Ucrânia: Rússia afirma ter abatido míssil de longo alcance fornecido pelos EUA a Kiev	28/03/2023

Acordos de Abraham condicionados pelo futuro do atual governo de Israel - analistas	28/03/2023
Ucrânia: chefe da agência atômica da ONU alerta para risco de acidente nuclear	28/03/2023
Israel/protestos: presidente convoca governo e oposição para negociações	28/03/2023
Migrações: MNE italiano diz a homólogo dos EUA que irão colaborar estreitamente na Tunísia	28/03/2023
Independentista catalã detida no regresso a Espanha após cinco anos no exílio	28/03/2023
Violência marca protestos menos maciços de hoje em França contra lei das pensões	28/03/2023
Ucrânia: Kiev confirma novo pacote de ajuda dos Estados Unidos	28/03/2023
Ucrânia: EUA defendem tribunal especial para julgar "crimes de agressão" russos	28/03/2023
Guterres pede nova instituição internacional para encontrar paradeiro de 100 mil sírios	28/03/2023
Ucrânia: Kiev exige que Rússia retire de "cada metro quadrado" do país	28/03/2023
Central sindical CFDT convidada por primeira-ministra francesa para reunião	28/03/2023
Libertada independentista catalã detida no regresso a Espanha após cinco anos de exílio	28/03/2023
AI denuncia que a insegurança alimentar e baixo poder aquisitivo afetam venezuelanos	29/03/2023
Ucrânia: derrota em Bakhmut pode levar a "compromissos inaceitáveis"	29/03/2023
Entrevista: migrações: 2023 pode ser "ano terrível" no Mediterrâneo - OIM	29/03/2023
Arábia Saudita aprova integração na Organização de Cooperação de Xangai	29/03/2023
China ameaça retaliar se líder de Taiwan se reunir com presidente do Congresso dos EUA	29/03/2023
Rússia testa mísseis com capacidade nuclear na Sibéria	29/03/2023
Gazprom diz que fornecimento de gás à China está quase no nível máximo	29/03/2023
NATO: Suécia convoca embaixador russo após ameaças de retaliação militar	29/03/2023
Número total de ogivas nucleares aumentou em todo o mundo, diz ONG norueguesa	29/03/2023
Cerca de 40% dos feridos nos conflitos no Médio Oriente são menores de 15 anos	29/03/2023
Humza Yousaf tomou posse como primeiro-ministro da Escócia	29/03/2023
Ucrânia: Rússia mantém compromisso de evitar um conflito nuclear	29/03/2023

Ucrânia: Rússia qualifica como blasfémia posição dos EUA sobre tribunal especial	29/03/2023
Comissão Europeia afasta diretor-geral que viajou gratuitamente no Qatar Airways	29/03/2023
Ucrânia: socialistas europeus propõem "férias de solidariedade" para crianças ucranianas	29/03/2023
Aliança entre Estados Unidos e Israel é inabalável - PM israelita	29/03/2023
Ucrânia: Espanha envia seis Leopard a seguir à Páscoa e vê difícil paz negociada	29/03/2023
EUA vão investir 690 milhões de dólares para fortalecer democracia no mundo	29/03/2023
Israel/protestos: operações de cosmética de Netanyahu vão evitar novas eleições - analista	29/03/2023
Pelo menos 9 militares colombianos morrem em ataque atribuído à guerrilha do ELN	29/03/2023
Ucrânia: agência nuclear da ONU tenta acordo para proteger central de Zaporijia	29/03/2023
Entrevista: reforma de pensões em França considerada ataque ao bem-estar - filósofo	29/03/2023
Ucrânia: Putin admite impacto negativo das sanções para a economia russa	29/03/2023
Entrevista: Europa não se preparou para guerra por considerar que era primitivo - académico	29/03/2023
Rei Carlos III chega à Alemanha em primeira visita oficial como monarca	29/03/2023
Migrações: governo britânico quer transferir imigrantes ilegais de hotéis para bases militares	29/03/2023
Biden pede que democracias se unam perante Rússia e China	29/03/2023
Rússia emite ordem de busca e prisão de fundadora do grupo feminista Pussy Riot	29/03/2023
Dissolução de partidos em Myanmar visa erradicar toda a oposição democrática	29/03/2023
Berlim e Londres abrem novo capítulo com visita de Carlos III - PR alemão	29/03/2023
Suíça prepara novas negociações com a União Europeia	29/03/2023
Papa Francisco deu entrada num hospital para realizar exames médicos	29/03/2023
Ucrânia: líder russófono da Crimeia reivindica derrube de 'drone' ucraniano	29/03/2023
Guerra na Ucrânia e persistentes fraturas políticas dominam legislativas de domingo na Bulgária	29/03/2023
Síria: Al-Assad remodela governo em pleno agravamento da crise económica	29/03/2023

Ucrânia: Zelensky pede mais apoio internacional para vencer guerra e defender democracia	29/03/2023
Papa Francisco hospitalizado com infeção respiratória - Vaticano	29/03/2023
Ucrânia: contraofensiva ucraniana esperada para abril ou maio - ministro da defesa	29/03/2023
Ucrânia: Reino Unido e Alemanha juntos no apoio a Kiev - Carlos III	29/03/2023
António Costa defende que é preciso agir de "forma decisiva" para proteger democracia	29/03/2023
Ucrânia: repórteres sem fronteiras identifica telefones russos na execução de fotojornalista	29/03/2023
Zero contra alargamento da pedreira da Secil no Parque Natural da Arrábida	29/03/2023
Habitantes de Amsterdão contestam construção de centro erótico	29/03/2023
Autarca de Florença relaciona caso David com o défice de educação	29/03/2023
Sete polícias da Califórnia acusados da morte de homem detido	29/03/2023
Despesa militar mundial com "máximo histórico" de 2.036 mil milhões de euros em 2022	24/04/2023
Albaneses do Kosovo proclamam vitória em eleições locais apesar de boicote	24/04/2023
Ataque de alegados soldados mata pelo menos 60 civis no Burkina Faso	24/04/2023
Alerta de tsunami emitido após sismo de magnitude 7,3 registado na Nova Zelândia	24/04/2023
Poluição do ar mata 1.200 crianças e adolescentes por ano na Europa - relatório	24/04/2023
Confrontos entre grupos armados causam 70 mortos em cinco dias no Haiti	24/04/2023
Presidente da Guatemala visita Taiwan apesar das tensões com a China	24/04/2023
Coreia do Sul repõe Japão como parceiro comercial preferencial após tensões	24/04/2023
Ucrânia e Sudão marcam agenda da reunião de MNE da EU no Luxemburgo	24/04/2023
Sudão: Indonésia anuncia início da retirada de mais de 800 cidadãos	24/04/2023
Austrália planeia revisão da estratégia de Defesa face a ascensão da China	24/04/2023
Etiópia anuncia negociações com rebeldes na região de Oromia	24/04/2023
China estuda utilização de impressão 3D para construir na Lua	24/04/2023
Aeroporto de Berlim cancela voos devido a greve dos funcionários de terra	24/04/2023
Quênia quer rever regulação de locais de culto após tragédia com seita religiosa	24/04/2023

Países bálticos convocam embaixadores chineses após declaração sobre soberania	24/04/2023
Bombardamentos atribuídos a Israel atingiram o sul da Síria	24/04/2023
China diz que respeita soberania de todos os países após comentários de diplomata	24/04/2023
Eurodeputada e independentista catalã falha apresentação no tribunal supremo	24/04/2023
Ucrânia: grupo Wagner diz que vai "destruir tudo" no campo de batalha	24/04/2023
Ucrânia: autoridades russas acusam Kiev de atacar porto de Sebastopol	24/04/2023
Reservistas femininas em Taiwan vão ter treinos militares	24/04/2023
Migrações: pelo menos um morto e 20 desaparecidos em naufrágio ao largo de Itália	24/04/2023
Rússia preocupada com aumento de tensão entre Azerbaijão e Arménia	24/04/2023
China aconselha Guatemala a desenvolver relações com Pequim	24/04/2023
Ucrânia: Rússia armazena mísseis para impedir contra-ofensiva ucraniana, alerta Kiev	24/04/2023
Migrações: Guarda costeira tunisina resgata 31 corpos de diferentes naufrágios	24/04/2023
Joe Biden prepara anúncio de recandidatura presidencial nos EUA sem concorrentes de peso	24/04/2023
Espanha retira corpo de fascista espanhol Primo de Rivera de Vale dos Caídos	24/04/2023
Conselho da União Europeia aprova missão de parceria na Moldávia	24/04/2023
China confirma a retirada do Sudão de primeiro grupo de cidadãos	24/04/2023
Migrações: três pessoas desaparecidas num segundo naufrágio em Lampedusa	24/04/2023
Ucrânia: Guterres pede respeito pela soberania e integridade territorial perante Lavrov	24/04/2023
Centenas de britânicos anti-monarquia mobilizados para protestos durante coroação	24/04/2023
EU acusa Rússia de cinismo por convocar reunião sobre multilateralismo na ONU	24/04/2023
Ex-chefe dos serviços secretos do Cazaquistão foi condenado por alta traição	24/04/2023
Ucrânia: Guterres pede respeito pela soberania e integridade territorial perante Lavrov (atualizada)	24/04/2023
Paris exorta embaixador chinês a manter "coerência com posições oficiais" de Pequim	24/04/2023
Cadeia televisiva norte-americana Fox News dispensa polémico pivot Tucker Carlson	24/04/2023
Empossado o novo presidente do Bangladesh	24/04/2023

Índia vai ultrapassar a China como país mais populoso até ao final deste mês	24/04/2023
"Atrocidades em massa" marcaram Europa em 2022 - Conselho da Europa	24/04/2023
Ucrânia: Zelensky insiste na defesa de Bakhmut	24/04/2023
Líder sérvio critica Ocidente por resultado de eleições no norte do Kosovo	24/04/2023
Insegurança na capital do Haiti é quase um "conflito armado"	24/04/2023
Guterres envia carta a Putin com proposta para melhorar e prolongar Acordo dos Cereais	24/04/2023
Ucrânia: Estónia apoia negociações de adesão de Kiev à EU ainda este ano	24/04/2023
Biden diz que anunciará oficialmente recandidatura "muito em breve"	24/04/2023
Sudão: Estados Unidos informam que cessar-fogo foi prolongado três dias	24/04/2023
Mais de 300 ex-correspondentes na Rússia querem libertação de jornalista do WSJ	24/04/2023
Bogotá quer opositor venezuelano Juan Guaidó por entrar na Colômbia sem convite	24/04/2023
Deputado propõe que "Bella Ciao" se torne o hino do Dia da Libertação em Itália	25/04/2023
Colômbia convidou Portugal para conferência internacional sobre a Venezuela	25/04/2023
Confederação da indústria britânica reconhece que errou ao não despedir abusadores	25/04/2023
Homem morto a tiro em universidade nos EUA	25/04/2023
Saída do apresentador da CNN associada a comentários sobre Nikki Haley	25/04/2023
Compositor nomeado para Óscar escreve marcha para coroação de Carlos III	25/04/2023
EUA querem ampliar comunicação com a China para incluir assuntos militares	25/04/2023
Governador do Estado da Virgínia abre representação comercial em Taiwan	25/04/2023
China isenta várias exportações da Nicarágua de tarifas alfandegárias	25/04/2023
Antigo secretário-geral da ONU Ban Ki-moon faz visita surpresa a Myanmar	25/04/2023
Colômbia expulsa opositor venezuelano Juan Guaidó	25/04/2023
Hong Kong planeia revisão eleitoral para órgãos de gestão distritais	25/04/2023
Presidente da Guatemala pede respeito pela soberania de Taiwan	25/04/2023
Governador da Virgínia augura "grande futuro" na relação económica com Taiwan	25/04/2023
Colômbia cria mecanismo para vigiar cessar-fogo com grupo dissidente guerrilheiro	25/04/2023
Covid-19: China vai deixar de exigir teste PCR que mantinha para alguns viajantes	25/04/2023

Sudão: Reino Unido inicia repatriamento e dezenas de países prosseguem retirada de pessoas	25/04/2023
Sudão: ACNUR estime que conflito cause pelo menos 145 mil refugiados	25/04/2023
Número de mortos em explosões no Paquistão sobe para 17	25/04/2023
Juan Carlos I abandona Espanha após visita discreta e sem declarações públicas	25/04/2023
Ucrânia: EU liberta 3ª parcela de 1.500 ME de assistência macrofinanceira para 2023	25/04/2023
Cidadãos europeus apresentaram em 2022 mais de 2.000 queixas ao Provedor de Justiça	25/04/2023
Estados-membros aprovam formalmente legislação para reduzir poluição na EU	25/04/2023
Republicanos acusam Biden de estar "desligado da realidade" depois de anunciar recandidatura	25/04/2023
Riscos biológicos "muito elevados" no Sudão após ocupação de laboratório de saúde - OMS	25/04/2023
ONU pede uma investigação ao massacre de 150 civis no Burkina Faso	25/04/2023
Partido no poder na África do Sul exige saída de Pretória do Tribunal Penal Internacional	25/04/2023
O presidente mais velho na história dos EUA procura a reeleição após quatro anos conturbados	25/04/2023
Rússia pede a Joe Biden ações concretas e não palavras	25/04/2023
Autoridades alemãs detêm sírio suspeito de planejar ataque islâmico	25/04/2023
Vestuário da família real não é superficial, atrai atenção e projeta poder - historiadora	25/04/2023
Parlamento Europeu dá primeiros passos para incentivar contratação pública na Defesa	25/04/2023
Lituânia aprova lei para bloquear entrada de requerentes de asilo	25/04/2023
Rússia acusa EUA e União Europeia de minarem resolução da situação de Palestina	25/04/2023
Sudão: dezenas de países prosseguem retirada de cidadãos	25/04/2023
Venezuela exige fim de investigação internacional para retomar diálogo com oposição	25/04/2023
Livro de cartas de Donald Trump lidera top de vendas da Amazon	25/04/2023

Lavrov reconhece esforços de Guterres para facilitar exportações russas mas "sem resultados"	25/04/2023
Senador Bernie Sanders apoia recandidatura de Joe Biden à presidência dos EUA	25/04/2023
Protestos contra reforma da justiça no dia do 75º aniversário do Estado de Israel	25/04/2023
Lavrov reconhece esforços de Guterres para facilitar exportações russas mas "sem resultados" (atualizada)	25/04/2023
Colômbia pede levantamento das sanções internacionais e eleições livres na Venezuela	25/04/2023
Vinte países pedem eleições livres, levantamento de sanções e fundos para Venezuela	26/04/2023
Empresa japonesa falha missão para pousar nave na Lua	26/04/2023
Talibãs matam mentor do atentado no aeroporto de Cabul em 2021 - Washington	26/04/2023
Singapura executa homem condenado por traficar um quilo de marijuana	26/04/2023
Julgamento de Trump por alegada violação arranca em Nova Iorque	26/04/2023
Presidente dos EUA participa nas cimeiras do G7 e do Quad em maio	26/04/2023
Oposição venezuelana apoia consenso na Colômbia sobre regresso ao diálogo	26/04/2023
Sismo e "estado da democracia" complicam eleições turcas - Conselho da Europa	26/04/2023
Empresa de tabaco faz acordo com EUA sobre negócios com Coreia do Norte	26/04/2023
Covid-19: Taiwan equipara doença à gripe e dissolve agência anti-pandemia	26/04/2023
Sudão: barco com 1.687 civis em fuga chega à Arábia Saudita	26/04/2023
Novo balanço indica 90 membros de seita encontrados mortos no Quênia	26/04/2023
Jornalista chinês enfrenta acusações de espionagem, diz família	26/04/2023
Venda de carros elétricos subiu 55% em 2022 e vai crescer 35% em 2023 - relatório	26/04/2023
Alemanha e Reino Unido intercetam três aviões militares russos sobre o Mar Báltico	26/04/2023
EUA e Filipinas usam fogo real contra navio no maior exercício conjunto de sempre	26/04/2023
EU está a militarizar-se a ritmo recorde e pouco difere da NATO - Sergey Lavrov	26/04/2023
Migrações: mais de 400 pessoas chegam à ilha de Lampedusa, em Itália	26/04/2023
Irão: clérigo muçulmano assassinado no norte do país	26/04/2023
Opositorista russo Alexei Navalny considera absurdas novas acusações	26/04/2023

Taiwan vai simular resposta a invasão chinesa com exercícios militares anuais	26/04/2023
PE pede que EU pondere apoio financeiro à Sérvia por falta de reformas acordadas	26/04/2023
Estados Unidos vão enviar submarino nuclear para Coreia do Sul	26/04/2023
Ucrânia: Kremlin admite aumentar a lista que pode afetar empresas estrangeiras	26/04/2023
Pelo menos 10 polícias mortos em ataque de rebeldes maoístas na Índia	26/04/2023
Ucrânia: Itália defende que Rússia deve pagar a reconstrução do país agredido	26/04/2023
Ucrânia: PR chinês garante a Zelensky que está do lado da paz	26/04/2023
Ucrânia: chefe da Wagner alerta para falta de munições face a "inevitável" contraofensiva de Kiev	26/04/2023
Ucrânia: PR chinês garante a Zelensky que está do lado da paz (atualizada)	26/04/2023
Deputado do partido conservador britânico expulso por comparar vacinas a Holocausto	26/04/2023
Ucrânia: Moscovo acusa Kiev e o Ocidente de boicotar iniciativas de paz	26/04/2023
EU sem estratégia a longo prazo para despesas com Defesa - relatório	26/04/2023
Polónia abre investigação a líder da oposição e ex-PM Donald Tusk	26/04/2023
Ucrânia: nova troca de prisioneiros ucranianos e russos	26/04/2023
Ucrânia: governo checo dá luz verde a acordo de cooperação militar com os EUA	26/04/2023
Primeira-ministra francesa apresenta agenda do governo sem lei de imigração	26/04/2023
Detido conselheiro de destacado opositor iraniano	26/04/2023
Caça russo despenha-se na região de Murmansk	26/04/2023
Ucrânia: Casa Branca saúda telefonema entre presidente chinês e Zelensky	26/04/2023
Ucrânia: Kiev lança 'cluster' de tecnologia para aumentar poder militar	26/04/2023
Presidente da Colômbia apela à demissão do seu governo de coligação	26/04/2023
Ucrânia: Kiev pede às empresas italianas investimento na reconstrução do país	26/04/2023
Ucrânia: Zelensky recorda desastre de Chernobyl entre inquietações com Zaporijia	26/04/2023
Jornalista que acusa Trump de violação depôs hoje em tribunal	26/04/2023
HRW denuncia possível cumplicidade do governo peruano na repressão de protestos	26/04/2023
Ucrânia: EU considera que conversa entre Xi e Zelensky é "primeiro passo" de aproximação	26/04/2023

Joe Biden e PR sul-coreano reforçam cooperação militar contra Coreia do Norte	26/04/2023
Jornalistas iranianas que revelaram caso de Mahsa Amini em risco de pena de morte	26/04/2023
Roménia compra 'drones' turcos para reforçar a sua defesa	26/04/2023
Ministro alemão condena sentença de morte de iraniano nascido na Alemanha	26/04/2023
ONU reforça apelos por força internacional que trave escalada de violência no Haiti	26/04/2023
Antigo guarda de campo nazi na Alemanha morre aos 102 anos	26/04/2023
Atividade económica venezuelana caiu 8,3% no primeiro trimestre de 2023 - OVF	26/04/2023
Gregos apostam na continuidade com o conservador Mitsotakis	22/05/2023
Vigilância aérea da NATO no Báltico terá base provisória na Letónia em 2024	22/05/2023
Estados Unidos denunciam visita de ministro israelita a Esplanada de Mesquitas	22/05/2023
China apresenta protesto ao Japão por "ataques" a Pequim durante cimeira do G7	22/05/2023
Estados Unidos assinam pacto de segurança com Papua Nova Guiné para conter China no Pacífico Sul	22/05/2023
Ucrânia: chefes da diplomacia da EU reúnem-se hoje para discutir 11º pacote de sanções	22/05/2023
China restringe utilização de semicondutores da fabricante norte-americana Micron	22/05/2023
Ucrânia: central nuclear de Zaporijia desligada da rede elétrica ucraniana	22/05/2023
Ucrânia: chefe da diplomacia da EU felicita G7 por decidir enviar caças F-16	22/05/2023
Conselho da EU confirma eleições europeias em junho de 2024 apesar de crítica portuguesa	22/05/2023
Pelo menos 20 crianças morreram num incêndio em escola na Guiana	22/05/2023
Pedidos de asilo na EU de cidadãos da América Latina em níveis quase recorde	22/05/2023
Declínio populacional sinaliza que ascensão da China "não é inevitável" - Brookings Institution	22/05/2023
Jornalista argentina que tinha denunciado violências policiais encontrada enforcada	22/05/2023
Aeroporto de Catânia reabre após suspensão devido a erupção do Monte Etna	22/05/2023
Ucrânia: grupo Wagner reitera cedência de posições em Bakhmut às forças russas	22/05/2023
Ucrânia: Kiev afirma não ter suficientes sistemas de defesa antiaérea	22/05/2023
Incêndio em escola da Guiana matou pelo menos 20 pessoas, incluindo crianças	22/05/2023

China inaugura pagamento mediante biometria da palma das mãos em comboios	22/05/2023
Presidentes russo e bielorrusso reúnem-se quarta-feira para debater divergências	22/05/2023
EU exorta Grécia a investigar alegado abandono de migrantes no Mar Egeu	22/05/2023
Primeiro-ministro grego pede novas eleições para tentar maioria absoluta	22/05/2023
Multinacional digital Meta multada em 1.200 ME pela União Europeia	22/05/2023
Ucrânia: Dinamarca disponível para receber cimeira para a paz em julho	22/05/2023
Ucrânia: Rússia acusa grupo ucraniano de sabotagem na fronteira	22/05/2023
Irão: EU alarga lista de sanções por violação dos direitos humanos	22/05/2023
Berlusconi afirma estar pronto para renovar o seu partido Forza Italia	22/05/2023
Bielorrússia perdoa pena de prisão a jornalista retirado à força de avião	22/05/2023
Espanha/Eleições: sondagens estreitam diferença entre socialistas e PP	22/05/2023
Líder da Câmara dos Representantes líbio considera ilegal suspensão do PM paralelo	22/05/2023
Ucrânia: Portugal disponível para formar pilotos mas descarta envio de F-16	22/05/2023
Turquia/Eleições: terceiro classificado declara apoio a Erdogan	22/05/2023
Ucrânia: Hungria "não está inflexível" em bloqueio sobre munições para Kiev - MNE	22/05/2023
Ministra do Interior britânica nega ter pedido tratamento preferencial após multa	22/05/2023
Pelo menos seis feridos em bombardeamentos ucranianos de região russa - governador russo	22/05/2023
Ucrânia: Kiev precisa de 150 caças para substituir atual frota pós-soviética	22/05/2023
Ucrânia: Portugal disponível para formar pilotos mas descarta envio de F-16 (atualizada)	22/05/2023
Turquia/Eleições: terceiro classificado declara apoio a Erdogan (atualizada)	22/05/2023
Ucrânia: MNE espera novas sanções aprovadas em junho e admite que EU inclua mais empresas	22/05/2023
Clientes queixam-se de saldos negativos no maior banco estatal da Venezuela	22/05/2023
Ucrânia: MNE espera novas sanções aprovadas em junho e admite que EU inclua mais empresas (atualizada)	22/05/2023
Partidos adversários búlgaros acordam Governo de coligação para superar impasse	22/05/2023
Restabelecimento do poder na Irlanda do Norte sem fim à vista - analista	22/05/2023

Ucrânia: Rússia aplica regime "antiterrorista" na região fronteiriça de Belgorod	22/05/2023
Presidente da Colômbia suspende trégua com principal grupo dissidente das ex-FARC	22/05/2023
Mitsotakis rejeita tentar formar Governo e devolve tarefa a PR grega	22/05/2023
Forças da NATO e de aliados realizam exercícios militares nos Balcãs Ocidentais	22/05/2023
Ucrânia: PM britânico destaca apoio militar como prova de influência internacional	22/05/2023
Senador republicano Tim Scott apresenta candidatura à presidência dos EUA	22/05/2023
Unionistas recusam levantar boicote político na Irlanda do Norte	22/05/2023
Ucrânia: Zaporijia de novo ligada à rede elétrica mas vulnerável - AIEA	22/05/2023
Irão indica novo secretário do Conselho Supremo de Segurança Nacional	22/05/2023
Força aérea dos EUA trava acesso a dados confidenciais após fuga de informação	22/05/2023
Ucrânia: canal russo celebra conquista de Bakhmut como Berlim em 1945	22/05/2023
Ucrânia: opositor bielorrusso pede que EU mantenha sanções contra produtor de fertilizantes	22/05/2023
Autoridades paquistanesas voltam a deter figura associada ao ex-PM depois de libertação	22/05/2023
Imigrantes chineses na Florida contra lei discriminatória na venda de casa	23/05/2023
Advogado chinês e mulher detidos formalmente após tentarem visitar delegação da EU	23/05/2023
Ucrânia: Polónia e Malta já começaram a formação para usar F-16	23/05/2023
China aumenta pensões mais baixas e anuncia "distribuição mais justa"	23/05/2023
Migrações: cento e vinte migrantes são resgatados ao largo das Ilhas Canárias	23/05/2023
Alpinista nepalês Kami Rita Sherpa conquista Evereste pela 28ª vez	23/05/2023
Ucrânia: Rússia abre investigação sobre terrorismo em região junto à fronteira	23/05/2023
Notas de 2.000 pesos começam a circular na Argentina para enfrentar inflação	22/05/2023
Turquia/Eleições: Erdogan agradece apoio dado pelo terceiro classificado	23/05/2023
Ucrânia: Kremlin "profundamente preocupado" com alegado ataque ucraniano na Rússia	23/05/2023
Empresas na China pedem "clareza" após incursões da polícia a escritórios de consultoras	23/05/2023

Líder do partido grego Syriza rejeita mandato para formar novo governo	23/05/2023
Ucrânia: enviado do Vaticano considera guerra "pandemia" e apela aos cristãos	23/05/2023
Indonésia e Irão assinam acordo comercial e reforçam laços	23/05/2023
PM russo diz na China que sanções falharam e promete reforçar laços com Pequim	23/05/2023
Seis mortos num ataque a local de prospeção de petróleo e gás no Paquistão	23/05/2023
Ucrânia: Stoltenberg rejeita falar sobre envio de F-16 e insiste em mais munições	23/05/2023
Ucrânia: Rússia diz ter eliminado soldados infiltrados que atacaram Belgorod	23/05/2023
Ucrânia: envio de F-16 para a Ucrânia não mudará a situação da guerra - Kremlin	23/05/2023
Israel condena manobras do Hezbollah no Líbano e alerta para perigo de guerra na região	23/05/2023
Ucrânia: PM húngaro diz que ucranianos não conseguirão vencer a guerra	23/05/2023
Presidente argelino quer mais parcerias comerciais com Portugal	23/05/2023
Meloni anuncia mais de dois mil ME de ajuda a zonas inundadas de Itália	23/05/2023
Túmulo de Mahsa Amini foi novamente vandalizado no Irão	23/05/2023
Guterres diz que "terrível verdade" é que o mundo falhou na proteção de civis	23/05/2023
Ucrânia: Putin diz que Rússia não começou nenhuma guerra e que apenas se defende	23/05/2023
Ucrânia: Rússia identifica membro de grupo envolvido em ataque transfronteiriço	23/05/2023
Ucrânia: EU já forneceu 220 mil munições e 1.300 mísseis a Kiev - Borrell	23/05/2023
ONU procura reunir 309 milhões de euros para vítimas do ciclone Mocha em Myanmar	23/05/2023
Governo alemão convoca embaixador turco após críticas a buscas a jornalistas	23/05/2023
Ucrânia: autoridades levantam regime antiterrorista em Belgorod	23/05/2023
Ucrânia: apoio da EU a Kiev desde 2022 ascende a 70 mil ME com nova tranche de 1,5 mil ME	23/05/2023
Guterres diz que "terrível verdade" é que o mundo falhou na proteção de civis (atualizada)	23/05/2023
Rússia prolonga por três meses detenção do jornalista norte-americano Evan Gershkovich	23/05/2023
Ucrânia: enviado chinês poderá visitar Moscovo na sexta-feira - TASS	23/05/2023

Irão: ex-líderes mundiais instam potências a apoiar revolta popular	23/05/2023
Países europeus atlânticos articulam posições em torno da importância do oceano	23/05/2023
Ucrânia: país nunca existiu antes da União Soviética - Putin	23/05/2023
Ucrânia: Dinamarca inicia em junho formação de pilotos ucranianos em caças F-16	23/05/2023
Ucrânia: Moscovo diz ter interceptado dois bombardeiros norte-americanos no Báltico	23/05/2023
Guterres aponta retrocesso de 30% nas metas ODS e lacunas 3,9 bilhões de euros	23/05/2023
Dois soldados russos mortos e quatro feridos em Belgorod - jornal russo	23/05/2023
DeSantis anuncia candidatura republicana à Casa Branca na quarta-feira	23/05/2023
Ex-PM britânico Boris Johnson alvo de novas alegações sobre violações de normas anti-covid-19	23/05/2023
Arábia Saudita executa suspeito de espionagem e eleva para 23 o número de execuções este ano	23/05/2023
Comerciantes preocupados por baixas vendas na Venezuela	23/05/2023
Microsoft anuncia que Bing vai incorporar ChatGPT	24/05/2023
Material sobre alegada interferência chinesa no Canadá é "sensível" para inquérito público	24/05/2023
Julgamento de Trump por falsificação de registos comerciais marcado para 25 de março	24/05/2023
Venezuela condena decisão dos EUA de manter país na lista de nações que apoiam o terrorismo	24/05/2023
Hong Kong investiga pedidos de saída do registo de doadores de órgãos	24/05/2023
Novo embaixador da China nos EUA pede mais diálogo entre os dois países	24/05/2023
Dirigente chinês alerta Macau para "perigos ocultos" ligados à segurança do Estado	24/05/2023
Cuba critica EUA por manterem país na lista de Estados que apoiam o terrorismo	24/05/2023
China pede à Holanda que não bloqueie acesso a tecnologia usada no fabrico de 'chips'	24/05/2023
Ucrânia: vários ataques noturnos com 'drones' relatados na região russa de Belgorod	24/05/2023
Von der Leyen em Itália na quinta-feira para ver devastação provocada por cheias	24/05/2023

Migrações: justiça francesa vai julgar 19 envolvidos na morte de migrantes no Reino Unido	24/05/2023
Eleições antecipadas no Equador marcadas para 20 de agosto	24/05/2023
Ucrânia: porta-aviões norte-americano chegou a Oslo para manobras navais	24/05/2023
PM russo diz na China que pressão ocidental aproxima os dois países	24/05/2023
Coreia do Norte e Eritreia são os países mais atingidos pela escravidão moderna - relatório	24/05/2023
Presidente grega vai pedir formação de governo interino até novas eleições	24/05/2023
Papa Francisco pede liberdade religiosa para os católicos na China	24/05/2023
Turquia/Eleições: Kiliçdaroglu recebe apoio de líder ultranacionalista para 2ª volta	24/05/2023
Ucrânia: chefe do grupo Wagner admite fracasso da campanha militar russa	24/05/2023
Bruxelas quer harmonizar procedimentos no regulamento sobre proteção de dados	24/05/2023
Ucrânia: Organização Mundial da Saúde aprova resolução contra ataques russos	24/05/2023
Ucrânia: Rússia ameaça responder de forma firme a incursões armadas	24/05/2023
REPORTAGEM: cidade chinesa outrora sob domínio russo celebra amizade entre os dois países	24/05/2023
China vai manter "firme apoio" à Rússia nas questões "fundamentais" - Xi Jinping	24/05/2023
Ucrânia: Kiev acusa Rússia de usar central nuclear de Zaporijia como base militar	24/05/2023
Ucrânia: Rússia vai perder "por mais soldados que envie para morrer" - Londres	24/05/2023
Ucrânia: Reino Unido afirma que mais de mil soldados russos deixaram os postos	24/05/2023
Ucrânia: Kiev garante contraofensiva para breve pois já tem armamento suficiente	24/05/2023
Capturado suspeito de pornografia infantil procurado há dez anos em Itália	24/05/2023
Ucrânia: Rússia condena dois combatentes do batalhão Azov a 13 anos de prisão	24/05/2023
Cardeal O'Malley denunciado por negligência em caso de abuso de crianças	24/05/2023
Israel: EU "profundamente preocupada" com decisão de reposição de colonatos na Cisjordânia	24/05/2023
Ucrânia: enviado chinês recebido em Berlim sem pormenores sobre conversa	24/05/2023
Tribunal libanês proíbe governador do banco central de sair do país	24/05/2023

Ucrânia: Rússia e agência nuclear da ONU discutem em Pequim segurança de Zaporijia	24/05/2023
Ucrânia: tribunal militar russo vai julgar europeus que combateram com batalhão Azov	24/05/2023
NATO deve continuar a demonstrar que fortalece EUA - Stoltenberg	24/05/2023
Cerca de 200 mil palestinos em risco de ficar sem ajuda na próxima semana - ONU	24/05/2023
Ucrânia: Rússia acusa Kiev de atacar navio russo em águas da Turquia	24/05/2023
Ucrânia: Japão entrega 100 veículos militares a Kiev	24/05/2023
Australiana de 95 anos após atingida por polícia com arma de atordoamento	24/05/2023
Republicanos enviam negociadores à Casa Branca para resolver teto da dívida dos EUA	24/05/2023
Ucrânia: República Checa compra 246 blindados à Suécia	24/05/2023
Ucrânia: MNE insta África a abandonar neutralidade sobre guerra russa no país	24/05/2023
EUA e Reino Unido acusam líder palestino de racismo e afronta às vítimas do Holocausto	24/05/2023
Ron DeSantis apresenta declaração de candidatura à presidência dos EUA	24/05/2023
Ucrânia: líderes de incursão em solo russo dizem que operação foi um sucesso	24/05/2023
Marine Le Pen nega no parlamento francês qualquer submissão a influência russa	24/05/2023
Ron DeSantis apresenta declaração de candidatura à presidência dos EUA (atualizada)	24/05/2023
Ucrânia: mães acusam exército russo de mobilizar recrutas para defender fronteira	24/05/2023
Biden pede ação no controlo de armas um ano após massacre em Uvalde	24/05/2023
Manifestantes em Miami chamam "fascista" e "racista" a DeSantis	24/05/2023
Suíça condena ativistas ambientais que participaram em protesto	24/05/2023
Parlamento israelita aprova fundos controversos para judeus ultraortodoxos	24/05/2023

Anexo 5: Título e data das peças que assinei ao longo do estágio

<i>Título</i>	<i>Data</i>
Turquia/Sismo: ONU alerta que só tem 10% do dinheiro necessário para vítimas	06/03/2023

KGB bielorrusso classifica Associação de Jornalistas como “formação extremista”	07/03/2023
Papa destaca cultura de opressão patriarcal e violência contra as mulheres	08/03/2023
Vulcão Cotopaxi, no Equador, lançou coluna de gases e vapor com 1.500 metros	08/03/2023
ONU avisa que plano britânico para migrantes viola direito internacional	08/03/2023
Diretor-geral de agência da energia atômica nomeado para segundo mandato	10/03/2023
Jovens afegãs transferidas para o Ruanda para continuarem a estudar	10/03/2023
Turquia/Sismo: ONU pede reforço humanitário para vítimas	13/03/2023
Ucrânia volta a julgar à revelia ex-presidente Viktor Yanukovich	13/03/2023
Migrações: Amnistia Internacional alerta para onda de violência contra migrantes na Tunísia	13/03/2023
EUA mobilizam dois aviões de reconhecimento para a península coreana	14/03/2023
ONU lança novo plano de resposta para o Afeganistão e região	14/03/2023
ONU e OIM pedem ajuda humanitária para refugiados e migrantes venezuelanos	14/03/2023
Migrações: Sobe para 86 número de mortos em naufrágio no sul da Itália	15/03/2023
Síria: UNICEF alerta para crise alimentar infantil no dia em que conflito entra no 13º ano	15/03/2023
Caças britânicos e alemães intercetam avião russo perto da Estônia	15/03/2023
Turquia/Sismo: Pelo menos 17 mortos e desaparecidos em inundações nas zonas afetadas	15/03/2023
Ucrânia: Submarinos russos praticam lançamento de torpedos no Mar Negro	20/03/2023
Ucrânia: Forças de Kiev reivindicaram atentado que matou colaborador pró-russo	20/03/2023
Itália investiga TikTok por vídeos de jovens a magoarem-se a si próprios	21/03/2023
ONU alerta para racismo contra refugiados no Dia contra a Discriminação Racial	21/03/2023
Amnistia Internacional alerta para violência sexual contra crianças no Irão	21/03/2023
Sismo/Turquia: HRW pede que refugiados possam ficar fora das zonas destruídas	22/03/2023
Parlamento russo declara como genocídio crimes nazis contra a população soviética	22/03/2023
Regime iraniano pede a França que oiça manifestantes em protesto contra reformas	24/03/2023
Macron afirma que “senso comum” levou ao adiamento da visita do Rei Carlos III	24/03/2023
Um morto em ataque armado a canal televisivo na Albânia	27/03/2023
Pelo menos 16 mortos em deslizamento de terras no Equador	27/03/2023
Turquemenistão declara válidas as eleições legislativas para o Parlamento	27/03/2023

Rússia testou mísseis antinavio no mar do Japão	28/03/2023
Novo primeiro-ministro escocês promete “voz positiva e progressista”	28/03/2023
Rússia testa mísseis com capacidade nuclear na Sibéria	29/03/2023
Rei Carlos III chega à Alemanha em primeira visita oficial como monarca	29/03/2023
Rússia emite ordem de busca e prisão de fundadora do grupo feminista Pussy Riot	29/03/2023
Suíça prepara novas negociações com a União Europeia	29/03/2023
Partido de direita GERB vence eleições parlamentares na Bulgária	03/04/2023
Líderes do Egito e da Arábia Saudita reúnem-se após meses de tensão	03/04/2023
Polícia sueca detém cinco pessoas suspeitas de planejar ato terrorista	04/04/2023
Ucrânia: Alemanha pede à Rússia que deixe de usar minas nos terrenos agrícolas ucranianos	04/04/2023
Cruz Vermelha Internacional anuncia 1.500 despedimentos	04/04/2023
Cidade de Roma vai reduzir número de trotinetes elétricas	04/04/2023
ONG pedem à ONU que respeite direitos humanos na luta contra antissemitismo	04/04/2023
Jornalistas russos pedem a libertação de repórter norte-americano detido no país	04/04/2023
Ucrânia: Carros de combate Leopard espanhóis chegam na segunda quinzena de abril	05/04/2023
PONTOS ESSENCIAIS: A história conturbada da Esplanada das Mesquitas em Jerusalém	05/04/2023
Turquia/Sismo: ONG acusam polícia turca de torturar suspeitos de crimes	05/04/2023
EUA acusam Rússia de deter injustamente repórter norte-americano	05/04/2023
HRW pede que China anule condenação de dois ativistas de direitos humanos	10/04/2023
Ucrânia: Kiev investiga agência de viagens da Crimeia que terá facilitado deportação de crianças	10/04/2023
Migrações: 19 pessoas resgatadas ao largo das ilhas Baleares	11/04/2023
UNICEF inicia campanha de vacinação para proteger 800 mil crianças sírias	11/04/2023
Erupção de vulcão na Rússia bate recorde de chuva de cinzas	11/04/2023
Itália prossegue operações de resgate de 1.200 migrantes no Mediterrâneo	11/04/2023
Partido que governa Taiwan escolhe vice-presidente como candidato às eleições	12/04/2023
Suspeito de fuga de dados confidenciais dos EUA irá hoje a tribunal	14/04/2023
Human Rights Watch pede a libertação do opositor russo Kara-Murza	14/04/2023

Líder xiita iraquiano al-Sadr anuncia suspensão do seu movimento	14/04/2023
OMS nomeia Jeremy Farrar como novo cientista-chefe	17/04/2023
Pelo menos 11 mortos por insolação em cerimónia na Índia	17/04/2023
Itália vai dificultar permanência de migrantes no país	17/04/2023
Novo Governo da Estónia entrou em funções	17/04/2023
Polónia anuncia localização de primeiras sete centrais nucleares	17/04/2023
Líder talibã elogia mudanças no Afeganistão em nova mensagem divulgada	18/04/2023
Pelo menos 27 mortos por consumo de álcool adulterado na Índia	18/04/2023
Macron pede novo pacto social entre patrões e sindicatos até ao final do ano	18/04/2023
Migrações: Guarda Costeira italiana resgata 42 pessoas ao largo da ilha de Lampedusa	18/04/2023
EUA oferecem recompensa por informações sobre paradeiro de líder do Hezbollah	18/04/2023
População da Índia ultrapassará a da China em 2,9 milhões em meados de 2023	19/04/2023
Presidente alemão pede desculpa pelos crimes nazis no gueto de Varsóvia	19/04/2023
Banco russo com sede em Budapeste deixa o país após sanções dos EUA	19/04/2023
Presidente de central sindical francês CFDT anuncia demissão	19/04/2023
Pilotos lamentam absolvição da Airbus e Air France em queda de avião de 2009	21/04/2023
Extrema-direita sueca exige bloqueio do pacto migratório europeu	21/04/2023
Ex-PM italiano Berlusconi permanece hospitalizado mas está a melhorar lentamente	21/04/2023
Cerca de 120 mil pessoas rezaram na Esplanada das Mesquitas no último dia do Ramadão	21/04/2023
Reino Unido sanciona cinco russos ligados à prisão do opositor Kara-Murza	21/04/2023
Ucrânia: Autoridades russas acusam Kiev de atacar porto de Sebastopol	24/04/2023
Reservistas femininas em Taiwan vão ter treinos militares	24/04/2023
Conselho da União Europeia aprova missão de parceria na Moldávia	24/04/2023
Migrações: Mais de 400 pessoas chegam à ilha de Lampedusa, em Itália	26/04/2023
Pelo menos 10 polícias mortos em ataque de rebeldes maoístas na Índia	26/04/2023
Polónia abre investigação a líder da oposição e ex-PM Donald Tusk	26/04/2023
China acusa Filipinas de provocarem incidente em águas disputadas	28/04/2023
China acusa especialistas da ONU de declarações “infundadas” sobre trabalhos forçados no Tibete	28/04/2023

Ativistas climáticos bloqueiam estradas de Berlim em 10º dia de protestos	28/04/2023
Autoridades russas detêm pasteleira de Moscovo por fazer bolos anti-guerra	28/04/2023
Qatargate: Secretário-geral da Confederação Sindical Internacional substituído	28/04/2023
Mulheres turcas vão poder manter o seu apelido quando casarem	28/04/2023
Tribunal holandês proíbe homem de doar esperma depois de conceber 550 crianças	28/04/2023
Empresas estrangeiras sob crescente pressão na China devido a investigações	29/04/2023
Quirgístão pede a cidadãos que não espantem turistas com “informações negativas”	02/05/2023
Europol detém 288 pessoas em operação contra tráfico de droga na ‘dark web’	02/05/2023
Presidente iraniano e presidente sírio reúnem-se em Damasco	03/05/2023
Irão captura navio petrolífero no Estreito de Ormuz	03/05/2023
Progressos na erradicação do casamento infantil estão a abrandar - UNICEF	03/05/2023
Ucrânia: Grupo Wagner ameaça retirar-se de Bakhmut por falta de munições	05/05/2023
Relatório oficial escrito por sistema de inteligência artificial gera polémica na Polónia	05/05/2023
Migrações: Mulher morre em naufrágio ao largo da ilha italiana de Lampedusa	05/05/2023
Proibição de bandeiras ucranianas no Dia da Vitória gera protestos em Berlim	05/05/2023
Ucrânia vai mudar data do Dia da Vitória sobre Alemanha para se afastar da Rússia	08/05/2023
Turquia/Eleições: OSCE lamenta decisão turca de rejeitar acreditação de dois observadores	08/05/2023
Ucrânia: Kiev acusa Moscovo de querer destruir Kherson e impedir contraofensiva	09/05/2023
Várias cidades russas celebram Dia da Vitória apesar das restrições	09/05/2023
Ministro britânico visita Honk Kong após anos de tensão	10/05/2023
Violência doméstica: Parlamento Europeu aprova adesão da UE à Convenção de Istambul	10/05/2023
Polónia quer lançar primeira missão não tripulada à Lua até 2030	12/05/2023
Kiev nega pedido de Zelensky para discursar no final da Eurovisão	12/05/2023
Nova relatora da ONU para a Rússia pede que a deixem entrar no país	12/05/2023
Irão: Risco de execução iminente de três manifestantes condenados à morte - ONG	12/05/2023
Principal partido da oposição no Camboja impedido de participar nas eleições	15/05/2023
HRW pede aos Governos que respeitem a convenção para a proibição de armas químicas	15/05/2023

Comandante de fragata norueguês considerado culpado por colisão de 2018	15/05/2023
Líder da oposição turca apela aos jovens para salvarem o país do “despotismo”	16/05/2023
Presidente sul-coreano promete reforço de ajuda não letal a Kiev	16/05/2023
Ucrânia: Moscovo vigia tentativas da CIA para recrutar cidadãos russos	16/05/2023
China afirma estar preparada para “esmagar” independência de Taiwan	16/05/2023
Ucrânia: Kiev critica retoma de voos diretos entre Geórgia e Rússia	16/05/2023
ONG acusam autoridades do Egito de detenções arbitrárias no Sinai	17/05/2023
Chuvas torrenciais em Itália fazem pelo menos cinco mortos	17/05/2023
Ucrânia: Londres e Berlim afirmam que cabe aos EUA decidir sobre envio de F-16	17/05/2023
Ancara convoca embaixador alemão depois de buscas em casas de jornalistas turcos	17/05/2023
Ucrânia: Moscovo minimiza impacto das sanções da UE a diamantes russos	19/05/2023
Kiev diz que pilotos ucranianos demorariam quatro meses a dominar caças F-16	19/05/2023
Mil milhões de pessoas em 43 países em risco de contrair cólera – ONU	19/05/2023
CRONOLOGIA: Ucrânia: Bakhmut, a batalha mais longa	21/05/2023
Ucrânia: Kiev afirma não ter suficientes sistemas de defesa antiaérea	22/05/2023
Ucrânia: Dinamarca disponível para receber cimeira para a paz em julho	22/05/2023
Berlusconi afirma estar pronto para renovar o seu partido Forza Italia	22/05/2023
Turquia/Eleições: Erdogan agradece apoio dado pelo terceiro classificado	23/05/2023
Líder do partido grego Syriza rejeita mandato para formar novo governo	23/05/2023
Indonésia e Irão assinam acordo comercial e reforçam laços	23/05/2023
Seis mortos num ataque a local de prospeção de petróleo e gás no Paquistão	23/05/2023
Israel condena manobras do Hezbollah no Líbano e alerta para perigo de guerra na região	23/05/2023
Eleições antecipadas no Equador marcadas para 20 de agosto	24/05/2023
Papa Francisco pede liberdade religiosa para os católicos na China	24/05/2023
Ucrânia: Reino Unido afirma que mais de mil soldados russos deixaram os postos	24/05/2023
Ucrânia: Kiev reivindica ataque a navio russo em águas da Turquia	26/05/2023
Sismo de magnitude 6,2 atinge o leste do Japão	26/05/2023
Sismo de magnitude 6,2 atinge o leste do Japão (ATUALIZADA)	26/05/2023
Plano para assassinar Isabel II nos Estados Unidos em 1983 revelado pelo FBI	26/05/2023
Países europeus exortam Israel a parar demolições na Cisjordânia ocupada	26/05/2023

Presidente da Geórgia critica governo do país por aproximação à Rússia	26/05/2023
Ucrânia: Instalações militares atingidas em novos ataques russos	29/05/2023
Quatro mortos em naufrágio provocado por ventos fortes em Itália	29/05/2023
Dinamarca vai triplicar despesa militar na próxima década	30/05/2023
Ucrânia: União Europeia irá duplicar ajuda financeira à Moldova	30/05/2023
Rússia pede fim de “falsa propaganda” do Ocidente sobre confrontos no Kosovo	30/05/2023
Lituânia pede maior presença da NATO para proteger fronteira com Bielorrússia	30/05/2023
Ucrânia: nove pessoas detidas por divulgação de vídeos de ataques russos	31/05/2023
Militantes da extrema-esquerda alemã condenados por violência contra neonazis	31/05/2023
União Europeia condena lançamento de foguetão norte-coreano	31/05/2023
Macron avisa que UE não cumprirá objetivos climáticos sem energia nuclear	31/05/2023
Espanha/Eleições: Líder do PP afirma querer “maioria suficiente” para governar	31/05/2023
Rússia adia julgamento por extremismo de Navalny para 06 de junho	31/05/2023
Justiça russa multa plataforma digital por “propaganda homossexual”	02/06/2023
Autoridades paquistanesas detêm presidente do partido da oposição PTI	02/06/2023
Partidos alemães preocupados com níveis recorde de apoio à extrema-direita	02/06/2023
Parlamento turco com maioria liderada por Erdogan e recorde da quota feminina	02/06/2023

Anexo 6: peça #106

Ucrânia: EUA defendem tribunal especial para julgar "crimes de agressão" russos

Washington, 28 mar 2023 (Lusa) - Os Estados Unidos mostraram-se hoje favoráveis à criação de um tribunal especial para julgar "crimes de agressão" da Rússia na invasão da Ucrânia, defendendo que o órgão fique "enraizado no sistema judicial ucraniano".

"Os Estados Unidos apoiam o estabelecimento de um tribunal especial para o crime de agressão contra a Ucrânia na forma de um tribunal internacional que esteja enraizado no sistema judicial ucraniano e inclua elementos internacionais", disse um porta-voz do Departamento de Estado norte-americano.

O porta-voz explicou que Washington pretende obter "apoio internacional significativo" para a criação de tal estrutura, em particular dos aliados europeus, e gostaria que o tribunal ficasse localizado num outro país da Europa.

Esta é a primeira vez que os Estados Unidos - tradicionalmente com reservas perante mecanismos de justiça internacional - se manifestam explicitamente a favor da criação de um tribunal deste tipo para julgar crimes cometidos durante a invasão russa da Ucrânia.

O anúncio ocorre dias depois de o Tribunal Penal Internacional (TPI), com sede em Haia, ter emitido um mandado de detenção para o Presidente russo, Vladimir Putin, por crimes de guerra na Ucrânia, pelo seu alegado envolvimento na deportação de crianças de territórios ucranianos ocupados para a Rússia.

Os Estados Unidos, tal como a Rússia e a Ucrânia, não subscreveram o Estatuto de Roma, o tratado que sustenta o TPI.

Por outro lado, o TPI só tem jurisdição sobre crimes de guerra e crimes contra a humanidade cometidos na Ucrânia, não o "crime de agressão" cometido pela Rússia, atribuível aos seus líderes.

Na segunda-feira, a enviada dos EUA para a Justiça Internacional, Beth Van Schaack, disse que Washington pretende que este futuro tribunal tenha fundos e funcionários internacionais.

RJP// SCA

Lusa/Fim

Anexo 7: peça #193

Ucrânia: Guterres pede respeito pela soberania e integridade territorial perante Lavrov (atualizada)

Nações Unidas, 24 abr 2023 (Lusa) - O secretário-geral da ONU, António Guterres, pediu hoje respeito pela soberania e integridade territorial e criticou duramente a invasão da Ucrânia pela Rússia, numa reunião do Conselho de Segurança presidida pelo ministro das Relações Exteriores russo, Serguei Lavrov.

Na reunião convocada pela Rússia para debater o "multilateralismo efetivo", Guterres sentou-se ao lado de Lavrov e criticou abertamente a invasão da Ucrânia por Moscovo, classificando-a de "violação da Carta da Organização das Nações Unidas (ONU) e do

direito internacional", que está a causar enorme sofrimento e devastação ao país e ao seu povo, além de abalar fortemente a economia mundial.

O ex-primeiro-ministro português reforçou que a cooperação multilateral é o "coração pulsante das Nações Unidas", assim como a "sua razão de ser e a sua visão orientadora".

De acordo com Guterres, o sistema multilateral manteve-se unido e obteve "alguns sucessos notáveis" nos últimos 78 anos, com as ferramentas e mecanismos estabelecidos pela Carta da ONU a desempenharam o seu papel "na prevenção de uma terceira guerra mundial".

Contudo, a situação atual "é mais perigosa", observou o líder das Nações Unidas, frisando que o mundo enfrenta crises sem precedentes e interligadas, colocando o sistema multilateral sob a maior pressão desde que a ONU foi criada.

"As tensões entre as grandes potências estão em máximos históricos. Assim como os riscos de conflito, por infortúnio ou erro de cálculo", disse Guterres, apontando alguns dos conflitos mais desafiadores da atualidade, desde a Ucrânia até ao Sahel.

"Precisamos de fazer melhor, ir mais longe e trabalhar mais rápido. Isso deve começar por os países reafirmarem as suas obrigações ao abrigo da Carta das Nações Unidas, colocando os direitos humanos e a dignidade em primeiro lugar e dando prioridade à prevenção de conflitos e crises", apelou.

Guterres dirigiu ainda o foco para os membros do Conselho de Segurança, particularmente aqueles que gozam do privilégio de servir permanentemente - Rússia, China, Estados Unidos, França e Reino Unido - e que "têm uma responsabilidade particular de fazer o multilateralismo funcionar, ao invés de contribuir para o seu desmembramento".

Logo após o secretário-geral terminar a sua declaração, foi a vez de Lavrov, cujo país invadiu a Ucrânia em fevereiro do ano passado, fazer duros ataques à "minoría ocidental", principalmente aos Estados Unidos e seus aliados, que acusou de terem colocado o mundo numa conjuntura extremamente perigosa.

"Como aconteceu durante a Guerra Fria, chegamos a um limiar perigoso, talvez ainda mais perigoso", disse Lavrov, que acusou as potências ocidentais de "destruírem os

benefícios da globalização" com uma "agressão económica" e de tentarem impor as suas políticas ao resto do mundo, através da força.

"Ninguém deu permissão à minoria ocidental para falar em nome de toda a humanidade", insistiu o chefe da diplomacia russa, que presidiu a esta reunião do Conselho de Segurança, no mês em que a Rússia assume a presidência rotativa do órgão. De acordo com Lavrov, o sistema das Nações Unidas está a passar por uma crise profunda, devido ao "desejo de alguns membros de substituir o direito internacional e a Carta das Nações Unidas por uma certa ordem baseada em regras que não foram objeto de negociações internacionais transparentes".

Desde a invasão da Ucrânia, a Rússia foi instada em resoluções da Assembleia Geral da ONU, aprovadas por largas maiorias e sem carácter vinculativo, a retirar as suas tropas do país vizinho.

Num discurso que se estendeu por mais de 20 minutos, Lavrov reiterou as mensagens habituais de Moscovo sobre a situação na Ucrânia, mas procurou sobretudo criticar o que identificou como tentativas do Ocidente de controlar o mundo e travar o "estabelecimento de novos centros de desenvolvimento independentes" na América Latina, Ásia e outras regiões.

O ministro russo colocou os Estados Unidos e seus aliados na Europa e outros continentes no mesmo patamar, acusou-os de sofrerem de um complexo de superioridade, para o qual deu como exemplo um discurso do chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, em que comparou a Europa a um "jardim" e o resto do mundo a uma "selva".

"A chave do sucesso é o esforço conjunto, o abandono de pretensões de excecionalismo e, repito, o respeito pela igualdade soberana dos Estados", defendeu ainda Lavrov.

Por sua vez, a embaixadora norte-americana junto da ONU, Linda Thomas-Greenfield, leu a Carta da ONU ao corpo diplomático presente na reunião, sobre valores e princípios como a defesa da paz, abstenção do uso da força e respeito pela integridade territorial, sublinhando que, "mais do que nunca, o mundo precisa de uma ONU e de um multilateralismo eficazes".

"No entanto, quando o mundo mais precisava da ONU, mergulhamos numa crise de confiança. O organizador hipócrita da reunião de hoje, a Rússia, invadiu a sua vizinha Ucrânia e atingiu o cerne da carta da ONU e todos os valores que prezamos", disse a embaixadora.

"A Rússia simplesmente quer redesenhar as fronteiras internacionais à força, violando esta mesma carta da ONU. E isso vai contra tudo o que esta instituição defende. (...) Amanhã pode ser outro país, outra pequena nação invadida pelo seu vizinho maior", acrescentou.

A diplomata apelou ainda à libertação de cidadãos norte-americanos detidos na Rússia, incluindo o jornalista Evan Gershkovich.

"Peço, agora, que liberte Paul Whelan e Evan Gershkovich imediatamente. Deixe Paul e Evan irem para casa. Para acabar com essa prática bárbara de uma vez por todas", disse Linda Thomas-Greenfield, desafiando Lavrov a "olhar no olhos" Elizabeth Whelan, irmã de Paul - detido por anos na Rússia -, presente na tribuna do Conselho de Segurança.

A Rússia, um dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança e com poder de veto, assumiu este mês a presidência rotativa do órgão, que tem capacidade de fazer aprovar resoluções com carácter vinculativo.

Lavrov viajou para Nova Iorque no âmbito da presidência russa do Conselho de Segurança e presidirá ainda a um debate sobre o Médio Oriente, na terça-feira, além da reunião de hoje sobre multilateralismo.

O chefe da diplomacia russa aproveitará ainda a oportunidade para discutir diretamente com o secretário-geral da ONU, António Guterres, a continuidade do acordo dos cereais do Mar Negro e o descontentamento de Moscovo com a falta de cumprimento de certos aspetos da iniciativa.

MYMM// PDF

Lusa/Fim

Anexo 8: peça #247

Lavrov reconhece esforços de Guterres para facilitar exportações russas mas "sem resultados" (atualizada)

Nações Unidas, 25 abr 2023 (Lusa) - O chefe da diplomacia russa, Sergei Lavrov, afirmou hoje que o secretário-geral da ONU, António Guterres, tem "feito esforços na direção certa" em prol das exportações de alimentos e fertilizantes russos sem sanções, mas lamentou a falta de resultados.

"Não posso dizer que a Organização das Nações Unidas (ONU) não tenha feito esforços na direção certa. Pelo contrário, o secretário-geral, António Guterres, [...] tem defendido isso. Tem tentado chegar a um acordo com os países que anunciaram sanções ilegítimas contra a Federação Russa. Mas praticamente sem resultados", disse Lavrov aos jornalistas, em Nova Iorque.

O ministro das Relações Exteriores da Rússia concedeu hoje uma longa conferência de imprensa na sede das Nações Unidas, onde se encontra por ocasião da presidência rotativa mensal russa do Conselho de Segurança.

Lavrov abordou as negociações e esforços de Guterres em torno da extensão do Acordo dos Cereais do Mar Negro, uma iniciativa firmada no verão passado entre a Rússia e Ucrânia, com a mediação da ONU e da Turquia, que visou o escoamento dos cereais e alimentos bloqueados nos portos ucranianos desde a invasão levada a cabo pela Rússia, em fevereiro de 2022.

Paralelamente ao acordo sobre cereais, foi também firmado um memorando para facilitar as exportações russas de alimentos e fertilizantes, mas que Moscovo diz não estar a ser cumprido.

A Rússia admite mesmo não prolongar o acordo - cujo prazo termina em 18 de maio -, caso não se verifiquem progressos no cumprimento desses compromissos, incluindo o fim dos obstáculos às exportações agrícolas e a reconexão ao sistema bancário internacional Swift do Banco Agrícola Russo Rosselkhozbank.

Na visão de Lavrov, os países ocidentais não pretendem conectar o Banco Rosselkhozbank de volta ao Swift.

"O Rosselkhozbank, o principal credor que atende as nossas exportações agrícolas, foi cortado do sistema Swift e ninguém vai conectá-lo de volta", disse.

De acordo com Lavrov, Guterres recorreu a três bancos norte-americanos para pedir que substituam o Swift e ajudassem o Banco Agrícola Russo a atender às transações de exportação.

O ministro defendeu a necessidade de o Ocidente voltar a ligar o banco russo ao Swift se realmente quiser resolver a questão da falta de alimentos no mundo.

Ainda sobre os esforços de Guterres, Sergei Lavrov disse conhecer o ex-primeiro-ministro português "muito bem" e assegurou que confia nos seus "esforços honestos e persistentes" para "persuadir aqueles que impuseram sanções a abrir uma exceção, pelo menos para a exportação agrícola de cereais e exportação e fertilizantes".

"Esses esforços, infelizmente, não foram produtivos", disse, reforçando que o cenário de impasse face à continuidade do Acordo dos Cereais.

Guterres entregou na segunda-feira a Lavrov uma carta dirigida ao Presidente da Rússia, Vladimir Putin, com uma proposta para "melhorar e prolongar" o Acordo dos Cereais do Mar Negro.

Numa reunião entre ambos na sede da ONU, o secretário-geral expressou preocupação com os recentes obstáculos encontrados pelo Centro de Coordenação Conjunta - grupo que facilita a implementação do acordo dos cereais - nas suas operações diárias.

Nesse sentido, Guterres endereçou uma carta a Vladimir Putin, "delineando uma proposta de roteiro a seguir visando a melhoria, extensão e expansão do Acordo, levando em consideração as posições recentemente expressas pelas partes e os riscos colocados pela insegurança alimentar global", segundo o gabinete do líder da ONU.

Na conferência de imprensa de hoje, Lavrov minimizou ainda o pacote de sanções imposto à Rússia após a invasão da Ucrânia, aplicado principalmente por países ocidentais, argumentando que o seu país está a conseguir "desenvolver a sua própria economia e fazer uso de suas próprias fontes", tudo isso "sem a dependência artificial do dólar".

O governante disse estar convencido de que a guerra na Ucrânia trouxe outra consequência: a perda de importância do dólar como moeda de referência, face a outras moedas ou a moedas digitais, no que classificou de "transição irreversível".

Segundo Lavrov, o mundo está a presenciar "o fim da globalização" e o surgimento da "fragmentação e regionalização", e, nesse sentido, mas sem entrar em detalhes, citou o seu recente encontro com o Presidente brasileiro, Lula da Silva, e uma eventual reforma do Fundo Monetário Internacional.

Neste encontro com a imprensa, o ministro referiu também a prisão do jornalista norte-americano Evan Gershkovich reconhecendo que "há discussões" sobre uma eventual troca de prisioneiros - existem 60 prisioneiros russos que podem ser englobados nesta troca, segundo Lavrov -, mas evitou aprofundar o tema, "porque isso só complicaria as coisas".

O chefe da diplomacia da Rússia aproveitou ainda a ocasião para reclamar da dificuldade dos jornalistas russos em obter vistos nos Estados Unidos, uma política que, na sua visão, visa "silenciar pontos de vista alternativos".

"Adotaremos medidas recíprocas. Certamente levaremos em consideração essa conduta inadequada da liderança dos Estados Unidos quando os norte-americanos precisarem de algo de nós", assegurou Lavrov.

A Rússia, um dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança e com poder de veto, assumiu este mês a presidência rotativa do órgão, que tem capacidade de fazer aprovar resoluções com carácter vinculativo.

Lavrov viajou para Nova Iorque no âmbito dessa presidência, tendo liderado na segunda-feira a uma reunião sobre multilateralismo e hoje um debate sobre o Médio Oriente.

MYMM// TDI

Lusa/Fim